



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins –
MAST/MCT

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS

Mestrado em Museologia e Patrimônio

ARTEFATOS MÉDICOS NA COLEÇÃO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA

Jessica Maria da Silva

UNIRIO / MAST - Rio de Janeiro, julho de 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins –
MAST/MCT

ARTEFATOS MÉDICOS NA COLEÇÃO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA

por

Jessica Maria da Silva,

*Aluna do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 02 – Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento*

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio – PPG-PMUS (UNIRIO/MAST), como
parte dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Museologia e Patrimônio.

Orientador: Professor Doutor Marcus Granato

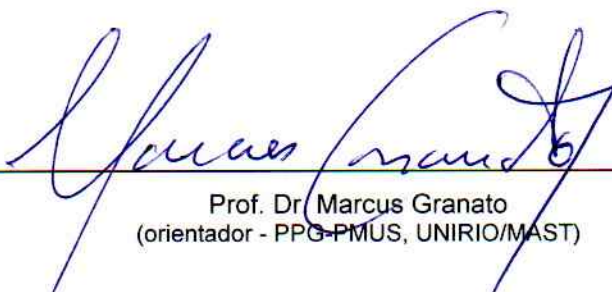
UNIRIO/MAST - RJ, julho de 2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

“ARTEFATOS MÉDICOS NA COLEÇÃO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA”

Dissertação de Mestrado de **JESSICA MARIA DA SILVA** submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

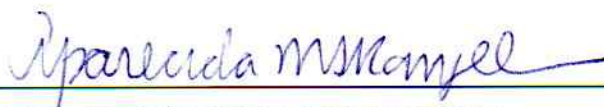
Aprovada por



Prof. Dr. Marcus Granato
(orientador - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)



Profa. Dra. Helena Cunha de Uzeda
(membro interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)



Profa. Dra. Aparecida Marina de Souza Rangel
(membro externo –FCRB)

Rio de Janeiro, 23 de julho de 2025

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

d586 da Silva , Jessica Maria
ARTEFATOS MÉDICOS NA COLEÇÃO DO MUSEU CASA DE RUI
BARBOSA / Jessica Maria da Silva . -- Rio de Janeiro :
UNIRIO, 2025 .
131 p.

Orientador: Marcus Granato .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio, 2025 .

1. Museologia . 2. Artefatos de medicina . 3. Museu .
I. Granato , Marcus , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Minha jornada me mostrou que pesquisa é uma atividade que requer coletividade, é necessário ter suporte emocional, uma rede de apoio disposta a acolher eventuais ausências que a atividade demanda. Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu marido Wayne de Oliveira Alvim que com muito amor e paciência me amparou durante diversos processos de vida, inclusive na jornada acadêmica.

Aos meus pais, Maria Eva Machado e Luiz Carlos da Silva por me incentivar a estudar e me fazer acreditar que posso sempre mais. Aos meus padrinhos Maria Eterna de Rezende e João Jerônimo da Silva, a minha madraستا Calicilda Moreira da Silva. Às minhas irmãs Caroline Machado da Silva, Jaqueline Moreira e Alexandra Moreira. O que realizo nesta publicação é sonho coletivo de uma família que acredita na mobilidade social por meio do estudo.

Ao meu Orientador Marcus Granato pelo interesse no tema, por se dedicar exaustivamente para me impulsionar enquanto aluna mesmo em meio a dificuldades. Pela dedicação e atenção durante todo processo, por me lembrar em nossa colaboração que seguir em frente e continuar estudando é e sempre será o melhor caminho. Este valor levarei para a vida inteira com a certeza de que após o PPGPMUS sou uma profissional mais completa.

À Marcia Pinheiro Ferreira por ser colaboradora, parceira e amiga de anos, que com seu otimismo e expertise técnica me auxiliou a construir momentos importantes para a minha carreira como este mestrado. A minha amiga e colega Gabriela Lúcio por estar sempre disposta a construir novas publicações comigo, por compartilhar seu vasto conhecimento em trocas preciosas durante o curso. A Lara de Godoi amiga e companheira de curso por disponibilizar escuta ativa sempre que necessário. Ao Museu Casa de Rui Barbosa por ter me acolhido por tantos anos. Aos funcionários do MCRB por ter me ensinado a construir uma pesquisa consistente, por ter me mostrado o quanto nós profissionais do patrimônio podemos ser ativos em processos de mudança.

Aos meus colegas do Instituto Moreira Salles pela alegria diária, pela amizade e pelo suporte técnico em lacunas que não pude preencher neste caminho. Em especial a Clara Mosciaro, Guilherme Dias, Bruna Gentil, Tatiana Novas e Joyce Reis.

RESUMO

DA SILVA, Jessica Maria. **Artefatos médicos na coleção do Museu Casa de Rui Barbosa**. 2025. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2025.

Esta dissertação tem como objetivo principal identificar e mapear a trajetória contextual e histórica de um grupo de artefatos de medicina pertencentes a um grupo intitulado Lote 72, disponíveis no acervo do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB). Os objetos são referenciados como procedentes de uma ex-funcionária da família Rui Barbosa, Maria Ferreira. Visamos identificar como, entre 1867 e 1910, os objetos foram utilizados, seguindo a cronologia de doenças da família mapeada anteriormente pelo Museu. Apresentado inicialmente o processo de musealização da Casa Rui Barbosa e da construção do acervo do MCRB a fim de contextualização; em seguida, para determinar as conexões entre os artefatos e o acervo, utilizou-se a adaptação do método prosopográfico para objetos. Este procedimento permite o estudo coletivo de biografias e foi anteriormente utilizado no âmbito da Museologia em casos semelhantes onde em grupo, objetos compartilham características, mas quando analisados individualmente, apresentam lacunas de informações. Consideramos que os artefatos analisados em grupo podem contribuir para a reconstrução de contextos históricos e museológicos compartilhados. O método prosopográfico se baseia em uma análise qualitativa e exploratória, por meio de consulta a fontes primárias, como entrevistas, cartas, documentos de arquivo e biografias da família Rui Barbosa que relatem as doenças e tratamentos domésticos de saúde. Isso possibilitou identificar possíveis contextos e usos dos artefatos de Medicina analisados. Assim, esta dissertação buscou classificar, mapear e discutir o papel dos artefatos e as conexões entre eles e para além deles. A partir da trajetória dos artefatos também foi possível destacar a atuação de agentes invisibilizados que tiveram relação com a família de Barbosa. Isso resultou na identificação de conexão entre 33 artefatos, 26 itens a mais do que o estudo de caso proposto inicialmente.

Palavras-chave: Museologia; Artefatos de medicina; Museu; Museu-Casa de Rui Barbosa; Identidade; Patrimônio.

ABSTRACT

DA SILVA, Jessica Maria. **Medical Artifacts in the Collection of the Casa de Rui Barbosa Museum**. 2025. Master's Dissertation (Museology and Heritage Studies) – Federal University of the State of Rio de Janeiro; Museum of Astronomy and Related Sciences, Rio de Janeiro, 2025.

This dissertation presents a case study of medical artifacts from Lot 72, held in the collection of the Casa de Rui Barbosa Museum (MCRB). The primary objective is to trace the contextual trajectory of six artifacts from this lot, originating from a donation by Maria Ferreira (DATE OF BIRTH AND DEATH), a former employee of the Rui Barbosa household. The study examines the uses and meanings attributed to these objects between 1867 and 1910, correlating them with the chronology of illnesses previously mapped by the Museum. Initially, the dissertation contextualizes the musealization process of Casa Rui Barbosa and the formation of the MCRB's collection. To establish relational networks between the artifacts and the broader collection, the research employs an adaptation of the prosopographic method. Traditionally used in collective biographical studies, prosopography has been adapted in museological research to address cases where objects share typological characteristics but, when examined individually, present informational gaps. By analyzing these artifacts as a group, it becomes possible to reconstruct shared historical and museological contexts. The methodology is grounded in a qualitative and exploratory approach, drawing upon primary sources such as interviews, personal correspondence, archival documents, and biographical records concerning the Rui Barbosa family's health practices. This strategy enabled the identification of contexts of use and the social functions attributed to the medical artifacts under analysis. Through this case study, the research sought to classify, map, and critically analyze the role of these artifacts and their interconnectedness, both within the museum collection and in broader socio-historical contexts. Furthermore, the investigation revealed the presence of marginalized social agents linked to the Rui Barbosa family, whose actions were made visible through the artifacts' trajectories. Consequently, the research expanded the initial scope, establishing connections among 33 artifacts—26 more than originally proposed.

Keywords: Museology; Medical Artifacts; Museum Collections; Casa de Rui Barbosa Museum; Cultural Heritage; Social Identity.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS:

CMI - Centro de Memória e Informação

MCRB - Museu Casa de Rui Barbosa

FCRB - Fundação Casa de Rui Barbosa

PIPC - Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura

RUBI - Repositório Rui Barbosa de informações culturais

SAHI - Serviço de Arquivo Histórico Institucional

ICOM - The International Council of Museums

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

		pág.
Figura 01	Casa de Rui Barbosa. Reprodução da Aquarela <i>Residence of Senator Ruy Barbosa</i> , rua São Clemente. Edgar L. Pattison.	13
Figura 02	Planta baixa do primeiro pavimento Museu Casa de Rui Barbosa	16
Figura 03	Rui Barbosa e suas roseiras	27
Figura 04	Antonio Joaquim da Costa na Biblioteca de Rui Barbosa.	
Figura 05a	Livro de tombo do Museu Casa de Rui Barbosa referente ao ano de 1966.	33
Figura 05b	Livro de tombo do Museu Casa de Rui Barbosa referente ao ano de 1966.	33
Figura 06	Seringa	34
Figura 07	Termômetro	34
Figura 08	Visita do presidente de Portugal (sentado na cadeira de vime) à residência de Rui Barbosa (sentado de roupa clara).	46
Figura 09	Velório de Rui Barbosa em Petrópolis. Autor não informado, 1923.	53
Figura 10	Sala em que foi retirado o molde em gesso para a máscara mortuária, na Câmara dos Deputados.	54
Figura 11	Máscara mortuária de Rui Barbosa.	54
Figura 12	Câmara ardente no hall da Biblioteca Nacional. Autoria não informada, 1923.	55
Figura 13	Enterro de Rui Barbosa, Petrópolis.	56
Figura 14	Quarto de Rui Barbosa na casa de Petrópolis	57
Figura 15	Ficha museológica	68
Figura 16	Busca no Sofia sobre Homeopatia	70
Figura 17	Quiosque de madeira	74
Figura 18	Chuveiro	75
Figura 19	Banheira	75
Figura 20	Lavatório no quarto de vestir do casal no Rio de Janeiro.	76
Figura 21	Lavatório do quarto de vestir de Rui, dentro de sua biblioteca.	76
Figura 22	Lavatório do quarto do casal em Petrópolis.	76
Figura 23	Conjunto de Barbear de Rui Barbosa	77
Figura 24	Busca termo “Homeop” base de dados FCRB, acervos	78-79
Figura 25	Funda acervo MCRB	82
Figura 26	Ficha Museológica Goteira	83
Figura 27	Bota ortopédica acervo MCRB	84

Figura 28	Farmácia Homeopática	86
Figura 29	Farmácia Homeopática	86
Figura 30	Destaque frasco de remédio	86
Figura 31	Estojo de seringas	89
Figura 32	Estojo de seringas	89
Figura 33	Termômetro	89
Figura 34	Colher	89
Figura 35	Panela	90
Figura 36	Livro de Tombo 1966	90

Lista de Tabelas e Quadros

	pág.
Tabela 1 Adaptação do método prosopográfico para os artefatos de medicina do MCRB	66
Tabela 2 Objetos que estiveram na mostra Saúde, Higiene e Toalete.	71
Tabela 3 Transcrição do livro de tombo	91
Tabela 4 Objetos doados por Maria Ferreira em 1972 e suas respectivas localizações no MCRB.	94
Tabela 5 Funcionários da Família Rui Barbosa que residiam/Frequentaram a casa da Rua São Clemente	115
Quadro Sistematização prosopográfica	97

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	1
Cap. 1	UMA CASA ANTES DE SER MUSEU: O MUSEU CASA DE RUI BARBOSA E SEUS MORADORES	11
	1.1 Musealização da Casa Rui Barbosa, do Museu biblioteca ao Museu casa	12
	1.2 A Família	23
	1.3 Os Funcionários	29
Cap.2	ARTEFATOS DE MEDICINA DO SÉCULO XX NO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA	35
	2.1 A família Rui Barbosa na saúde, na doença e na morte	37
	2.2 O último quarto e a seleção de narrativa por meio de objetos	56
Cap.3	APLICAÇÃO DO MÉTODO PROSOPOGRÁFICO NA CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIA DOS ARTEFATOS DE MEDICINA DO MCRB	61
	3.1 A apresentação de artefatos de medicina no Museu Casa de Rui Barbosa	67
	3.2 Aplicação do método prosopográfico na construção de trajetória dos artefatos de Medicina do MCRB, análises e resultados	80
	3.2.1 As órteses e próteses	82
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICES	114
	ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB), localizado em Botafogo, foi aberto ao público pela primeira vez em 1930. O MCRB compreende um universo ligado a Rui Barbosa¹ que dialoga com estudantes, civilistas e admiradores do político. Para este público, classificado como “ruístas”, Rui Barbosa representa um símbolo de intelectualidade (Cruz, 2010). Com o passar do tempo, as atividades da instituição se expandiram e, em 1966, foi criada a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). O MCRB faz parte do Centro de Memória e Informação (CMI) da FRCB. A Fundação em si tem como finalidades como, por exemplo, promover a pesquisa e divulgação de acervos ligados à Família Rui Barbosa; o desenvolvimento da cultura e do ensino; manter o museu e a biblioteca Rui Barbosa acessíveis ao público; promover estudos, conferências, reuniões ou prêmios que visem a difusão da cultura e da pesquisa; colaborar com instituições nacionais e estrangeiras no âmbito de sua finalidade; colaborar quando solicitada, com o Governo da União ou dos estados podendo, mediante convênio ou acordo, se responsabilizar pela prestação de serviços que forem pertinentes às suas atividades.²

O acervo do MCRB possui diversos tipos de objetos e está dividido em cinco coleções: a coleção CRB, constituída por bens que pertenceram à Rui Barbosa, Maria Augusta Rui Barbosa e seus filhos; e o livro de tombo B que concentra a catalogação de 4 outras coleções: CFR, de objetos que pertenceram à família Rui Barbosa; CRA, dos objetos adquiridos para a reconstituição de ambientes; COR, dos objetos relacionados à Rui Barbosa; e COD, esta última coleção também é chamada de “coleção de objetos diversos” (Museu Casa de Rui Barbosa, 2018), pois inclui artefatos de diferentes naturezas.

A construção do acervo do MCRB se consolidou, aos poucos, por meio de doações e permuta. Deste modo, uma parte expressiva desses objetos contém poucas informações sobre a sua trajetória prévia. Recompôr parte dessa história é o que a pesquisa procurou realizar, posto que encontramos indícios sobre os artefatos em escritos sobre a família e a casa.

Em 1972, anos depois da morte de Maria Augusta Rui Barbosa, Genoveva, sobrinha de sua ex funcionária Maria Ferreira entregou ao Museu um grupo de objetos

¹ A grafia do nome de Rui Barbosa pode variar ao longo do texto devido às informações disponíveis nas fontes e títulos de documentos do século XX.

² Para mais informações sobre as atribuições da Fundação Casa de Rui Barbosa e do Centro de Memória e Informação, ver seu regimento interno: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (FCRB). Regimento Interno. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/a-fcrb>. Acesso em: 02 ago. 2025; e também a legislação que fundamentou a criação da FRCB: BRASIL. Lei n. 4.943, de 6 de abril de 1966. Cria a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 abr. 1966.

que estavam guardados com a família, o lote continha 34 itens (Projeto Memória de Rui 2024, p.55). Na documentação museológica consultada, estes itens constam como procedência Maria Ferreira, em 1972 a funcionária já havia falecido. Maria Ferreira Ferreira trabalhou para a família por anos e foi a camareira mais próxima de Maria Augusta nos anos finais de sua vida (Rangel *et al.*, p.9). O grupo de objetos foi inicialmente nomeado como “Lote 72” pelos responsáveis pelo acervo. Nesse lote havia artefatos variados, como por exemplo, vestimentas diversas, objetos para a mesa e preparo de refeições e objetos de medicina.

Nesta dissertação, analisamos 6 itens relacionados à medicina, que compõem parte do Lote 72 : 72.913A Estojo de seringa, (Sem número de registro) Rembolo de vidro para injeção, da marca PHILA (ind. Arg.) (Sem número de registro), Agulha para injeção com protetor em metal cromado, 72.914A; Cálice de lavar olho em vidro translúcido, 72.917A; Recipiente de remédio em vidro transparente e tampa vermelha, 72.919A; Termômetro convencional em vidro e mercúrio. As informações sobre os objetos serão aprofundadas nos capítulos 2 e 3. Nosso objetivo principal consistiu em identificar e mapear a trajetória contextual e histórica dos itens, identificando, em segunda escala, as conexões entre eles a partir da adaptação do método prosopográfico. Com isso, pretendeu-se analisar o papel dos artefatos de medicina no acervo do MCRB e possibilitar a identificação e atuação de agentes históricos envolvidos com a família Rui Barbosa que permaneceram invisibilizados em estudos pretéritos.

A preservação e a divulgação em torno de Rui Barbosa representam uma afirmação de sua sobrevivência além do corpo físico, isto é, além da morte. Por meio da seleção e preservação do patrimônio, estabelece-se uma base para a construção da identidade individual e coletiva. No MCRB, observa-se a construção de uma identidade nacional a partir das características de Rui, ou seja, não era suficiente imortalizar seus atos, pretendia-se imortalizar esta figura política como um herói cívico e literário (Gonçalves, 2000). Segundo Gonçalves, as características da imortalização de Rui e suas relações com a memória coletiva levam-nos a algumas reflexões sobre a seleção dos objetos do acervo a serem expostos. A foto feita por J.A. Vieira no quarto em que Rui Barbosa faleceu tem duas versões, uma foi publicada na *Revista da Semana*, nº 11, em 1923, e outra está no arquivo institucional do Museu. Na foto publicada na revista, foram ocultados dois objetos do cenário, um penico que estava embaixo da cama e um narguilé.

Desenvolver esta pesquisa no PPGPMUS significou expandir o olhar do pesquisador sobre os artefatos, ampliando e atualizando iniciativas interessantes no museu. Ao longo da dissertação são apresentados diversos movimentos do museu que exploram os potenciais contextos dos objetos. Contudo, as informações encontram-se

pulverizadas e pouco relacionadas. Com o suporte teórico do programa, foi possível explorar possibilidades e acessar outros sistemas de informação sob o viés da Museologia. Para embasar as discussões desta dissertação, foi necessário abordar e definir os seguintes conceitos: Museologia, Objeto, Artefato, Coleção, Preservação, Memória, Cultura Material, Patrimônio Cultural e, por fim, Saúde e Doença. Museologia é tanto uma área do conhecimento quanto um conceito amplamente discutido desde o século XIX. Naquele período, ganhou força o processo de estabelecimento de dimensões e lugares diferentes do saber, no qual o homem é o centro e sua relação com o mundo constituindo uma importante fonte de informações. O conhecimento foi construído tendo como pilares a terra, o homem, a natureza, a civilização e a sociedade, todos esses elementos estavam presentes nos museus da época (Scheiner, 2014, p.31).

Neste cenário, pouco a pouco a Museologia foi tomando forma e autonomia técnica e teórica. A Museologia pode ser definida como um campo de conhecimento multidisciplinar que estuda a relação do homem com o real, esta relação não se limita ao tangível, incluindo também o intangível (Gregorova, 1980, p.19). Nesta perspectiva, o *museu* é o espelho da realidade, o homem estabelece por meio desse espaço e como ele é visto. No caso do MCRB, a concepção do espaço é baseada na mitificação de um personagem, assim, é possível afirmar que o Museu é uma ferramenta de validação de narrativas. É como se o espelho mostrasse o que o homem deveria ser. Para ir além, e analisar de forma mais profunda o fenômeno museu na história do MCRB é necessário considerar que a Museologia não pode se ater apenas ao estudo do museu. O museu é, em si, o resultado de movimentos múltiplos ligados à percepção do real por meio da seleção de objetos e artefatos diversos (Stransky, 1980, p.43).

Assim, o desenvolvimento de uma pesquisa no campo da Museologia deve ter em mente a possibilidade de estudo com o uso de ferramentas provenientes de outros campos do conhecimento, como a História, a Antropologia e, no caso desta investigação, a Saúde. A coleta, interpretação e contextualização dos dados, bem como a comunicação a partir de objetos presentes no Museu, fazem da Museologia um campo científico específico.

Contribui, por fim, para a discussão desta dissertação, a incorporação de aspectos da chamada Museologia pós-crítica. Nesse conceito, a Museologia aborda com maior destaque questões que desafiam concepções colonialistas hegemônicas, propondo um debate sobre uma sociedade cada vez mais global e multicultural (Scheiner, 2024, p. 155).

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que, com o passar dos anos, a ideia de mitificar Rui Barbosa como figura única na construção de seus legados foi gradualmente desconstruída, a partir da produção de conhecimento sobre outros

personagens. Esta dissertação insere-se nessa corrente de produção acadêmica. Assim, após revisitar o conceito clássico de Museologia, torna-se necessário considerar também os elementos evidenciados pela Museologia pós-crítica.

O conceito de objeto é definido como aquilo que se coloca diante de um sujeito e é tratado como distinto dele. O objeto de museu, ou objeto musealizado, constitui um estatuto ontológico relacionado a uma pessoa, a um grupo social ou a um momento histórico específico. Trata-se de um bem retirado do sistema econômico-mercadológico e incorporado prioritariamente ao sistema simbólico (ICOM, 2013, p. 68).

Para os itens tratados nesta pesquisa, o conceito de objeto mostrou-se generalista, pois os itens estudados possuem particularidades técnicas que podem ter contribuído para um lugar distante na hierarquia de importância proposta pela família Rui Barbosa na construção da narrativa do MCRB. Assim, durante anos, esses itens receberam tratamentos diferentes dos dispensados a outros objetos do Museu. Ao analisar suas particularidades, elegeu-se como mais adequado o termo "artefato" para referir-se a eles. Artefato é algo produzido ou modificado pelo homem para uma finalidade específica; geralmente é ligado a sistemas metodológicos. Os artefatos possuem informações intrínsecas sobre as técnicas disponíveis em determinadas épocas (Araujo, 2018, p. 300). Na Arqueologia, artefatos são o principal objeto de estudo. Então, qual a diferença entre objetos e artefatos? Os artefatos podem ter características simbólicas, artísticas e históricas, assim como os objetos. Contudo, sobressaem-se nesses itens informações sobre aspectos técnicos que registram os processos ligados à materialidade e às evoluções científicas. No caso dos itens estudados nesta dissertação, sobressaem as características ligadas à área da Medicina, e eles integram uma coleção. Assim, o termo "objeto" foi utilizado para se referir a todo e qualquer item de forma geral, e o termo "artefato" foi empregado para os itens que foram selecionados para o estudo.

Na Museologia, a coleção é definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais que uma pessoa ou instituição reuniu, selecionou e classificou. A este indivíduo ou estabelecimento está atribuída a responsabilidade de garantir a integridade dos objetos. As coleções podem ser públicas ou privadas e são comunicadas a um público (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 32). O ato de colecionar representa as experiências em que cada objeto corresponde a um momento importante para o colecionador; os objetos são selecionados e retirados de suas ocorrências temporais originais e passam a integrar uma espécie de registro sobre o colecionador, seu repertório diante de determinado assunto e seus interesses. Assim, são atribuídos outros valores e um novo arranjo a objetos carregados de um contexto prévio; esse contexto pode ser econômico, social, emocional ou todos juntos. Coletar, em uma perspectiva ocidental em que o tempo é observado como linear e irreversível, pressupõe uma tentativa de resgatar fenômenos de

decadência ou perda histórica inevitáveis. Na teoria, a coleção contém o que merece ser guardado, lembrado e entesourado (Rangel, 2011).

O próximo conceito importante para nortear as discussões da pesquisa é a Preservação. Em 2008, o *International Council of Museums* (ICOM-CC) publicou o manual *Terminology to Characterize the Conservation of Tangible Cultural Heritage*, no qual o termo é citado, mas não é definido (Bojanoski; Michelin; Bevilacqua, 2017). Na área da Museologia, a Preservação significa o conjunto de ações para proteger um objeto, ou conjunto de objetos, de riscos à sua integridade, como destruição, degradação, dissociação ou roubo. A proteção pode ser estabelecida por meio do recolhimento do objeto, produção de um inventário, estabelecimento de normas de segurança e da restauração (Desvallées; Mairesse, 2011, p. 631). O conceito de Preservação é profundo e engloba também políticas e procedimentos, como critérios de aquisição e plano de risco. Com isso, é correto afirmar que a Preservação constitui-se de ações fundamentais para os museus, pois está diretamente ligada à construção de coleções e a ferramentas de desenvolvimento institucional (ICOM, 2013, p.79). É nesse entendimento que esta dissertação se refere à Preservação; assim, ações de coleta dos dados, organização de fontes e identificação de conexões entre os objetos estão sob este viés, constituindo todas um plano de atuação maior dentro da Museologia.

Como citado anteriormente, as ações de Preservação não se referem apenas ao caráter tangível dos objetos; busca-se preservar também os aspectos intangíveis. Nessa perspectiva, o entendimento de Memória e de Cultura Material foi consultado. Memória é a reconstrução/recuperação de conhecimentos partilhados por um grupo social; com ela, é possível apontar repetições de discursos que estabelecem relações contextuais (Coelho, 2011, p.3353). Existem diversos conceitos que são desdobramentos da memória, como, por exemplo, a memória social; contudo, para não fugir ao recorte de pesquisa, que se atém a um grupo específico de pessoas, o conceito de memória adotado é amplo, sem subdivisões. Memória é um campo de construção de narrativas e de disputas; o museu é um lugar onde essas discussões e disputas acontecem devido ao seu caráter exploratório e de comunicação. A ponte para a discussão da Memória é a Cultura Material. O conceito, inicialmente tratado na área antropológica, define como Cultura Material o estudo das múltiplas relações entre a produção material e a atividade humana entre tempos e espaços. Assim, a Cultura Material pode ser definida como uma ferramenta da relação específica entre o homem e o real (Scheiner, 2014, p. 18). Considerando o conceito de Museologia adotado, é possível afirmar que a Cultura Material de objetos é uma das ferramentas facilitadoras dos estudos em Museologia, pois ambos os conceitos têm como objetivo final entender a relação do homem com o real, seja esta limitada ou não ao museu. Por isso, o conceito de Museologia adotado não

pode ser atrelado estritamente ao museu, uma vez que está sendo investigada a Cultura Material de artefatos ligados à Rui Barbosa e à área da Medicina.

Os conceitos tratados até o momento relacionam-se entre si no entendimento de Patrimônio Cultural. Assim como a memória, o Patrimônio Cultural tem um conceito geral e subconceitos que se desdobraram ao longo do tempo, de acordo com especificidades do Patrimônio que foram discutidas. Contudo, nesta pesquisa, o conceito que engloba as características necessárias é o geral, que é anterior à Museologia. O termo apareceu pela primeira vez no século XVII, na Europa, e teve usos diversos. O padrão identificado é que Patrimônio se refere a algo herdado, passado de pai para filho; no caso do Patrimônio Cultural, trata-se de uma herança social transmitida de geração em geração e formada por suportes de memória dos hábitos culturais de uma sociedade, como objetos, artefatos e coleções. Na noção de Patrimônio Cultural estão englobados bens móveis e imóveis (Desvallées; Mairesse, p. 73).

Por fim, os dois últimos conceitos fundamentais para a construção desta dissertação são os de Saúde e Doença. De acordo com a OMS, “saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente ausência de doença ou incapacidade”. Essa definição foi oficialmente divulgada em 1946, após o término da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, países industrializados como EUA, França e Alemanha assumiram uma postura de recomposição que incorporou um movimento ideológico voltado para a promoção da saúde, englobando características como bem-estar social e mental. Com isso, ao pesquisar saúde, também é possível encontrar o termo “saúde integral” (Almeida Filho, 2011, p. 9). Para esta pesquisa, o termo Saúde é empregado no sentido de área de interesse, pois, na família Rui Barbosa, o assunto aparece na biblioteca que Rui herdou do pai, que era médico, e, em alguns momentos, em posicionamentos públicos de Rui Barbosa, como quando se manifestou sobre a reforma do ensino médio, incluindo a “ginástica”, e quando fez um discurso sobre sua opinião acerca da implementação da vacina. Assim, o conceito de saúde adotado nesta pesquisa tem como definição um campo de saberes e de práticas, com efeitos de fenômenos, eventos e processos relativos à vida e à morte. Nesse conceito, a satisfação, o sofrimento e a doença/patologia são eventos que ocorrem dentro de um plano concreto de existência (Almeida Filho, 2011, p. 105). Assim, Saúde é um termo que se refere a um conjunto de fatores; doença é um fenômeno específico (que não é isolado), mas que está inserido no campo da Saúde.

Importante ressaltar que todos os conceitos citados possuem desdobramentos e variações; contudo, a abordagem metodológica desta pesquisa busca mapear, de forma clara e objetiva, a cultura material que envolve os artefatos de medicina do Museu Casa de Rui Barbosa.

A dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos o universo da família Rui Barbosa, iniciando pela sua casa, e prosseguindo para seus membros e encerrando na história dos funcionários. A existência dos artefatos de medicina e as modificações que a família Rui Barbosa promoverá na residência mostrarão as tendências da época em relação às instalações sanitárias e à saúde. A apresentação dos funcionários será destacada em um subitem, pois a doação dos objetos estudados partirá de uma funcionária, Maria Ferreira. Este levantamento será fundamental para apresentar ao leitor personagens "invisíveis" que atuarão por muitos anos na preservação de grande parte dos objetos que comporão o que será o acervo atual do MCRB. O capítulo trará também informações sobre o processo de musealização da casa, que, a princípio, foi concebida como um Museu-Biblioteca.

A proximidade da família Rui Barbosa com o tema saúde, tanto no âmbito público quanto no privado será discutida no segundo capítulo. O pai de Rui Barbosa foi médico e Rui herdará livros de medicina que constituirão uma pequena biblioteca sobre o assunto, posteriormente ampliada ao longo dos anos. Será discutida também a remontagem do último quarto habitado por Rui Barbosa e o processo de musealização da residência. Nesses cruzamentos, será possível compreender a função dos espaços enquanto moradia e, posteriormente, como museu — compreensão essencial para a construção da trajetória analisada. Neste capítulo, será apresentado o histórico de doenças da família, consideravelmente extenso, e, ao compará-los, serão observados os tratamentos de saúde que a família teve acesso.

Neste sentido, será no terceiro capítulo que apresentaremos e aplicaremos o método escolhido para a análise dos artefatos de medicina: a prosopografia. O capítulo abordará as bases teóricas do método e construirá a adaptação necessária para a aplicação da prosopografia à análise dos artefatos de medicina do MCRB. Em seguida, será apresentada a forma como o MCRB caracterizará seus artefatos ao longo do tempo, desde a classificação proposta pela museóloga Regina Real, museóloga que atuou no MCRB entre os anos de 1956 e 1969, até a migração para bases de dados digitais. Por fim, será realizado o processo de aplicação do método prosopográfico adaptado, apresentando e discutindo as características encontradas nos artefatos. Será observado que, com o passar dos anos, peças como os potes de remédios e a farmácia homeopática receberão mais de uma ficha e entrada no banco de dados. Ao comparar as fichas e as entradas, será notado que algumas informações se perderão, enquanto outras serão acrescentadas. Por exemplo, o estojo de seringa, a seringa e o êmbolo serão descritos separadamente no livro de tombo, mas, na base de dados, constarão como conteúdo do estojo, resultando em um único número de registro. Assim, o método

prosopográfico auxiliará na localização de informações e permitirá preencher lacunas detectadas entre diferentes registros.

Deste modo, nesta dissertação, propõe-se um estudo sociológico da cultura material deixada por Rui Barbosa, a partir da adaptação do método prosopográfico. Este, oriundo da História, consistirá em descrever características comuns do passado de um grupo de agentes históricos mediante o estudo coletivo de suas vidas. O método geralmente será aplicado a partir da definição de um universo a ser estudado e da elaboração de questões padronizadas (Lima, 2019). A prosopografia também poderá ser caracterizada como a busca de elementos comuns de uma população, tendo como ponto de partida as histórias de vida de seus integrantes. Nesta perspectiva, os sujeitos analisados serão considerados amostras representativas das expressões sociais coletivas. O método incluirá a análise de questões como educação, economia, religiosidade, família, *status* e sexualidade. Assim, com a prosopografia, foi possível analisar experiências enquanto expressões de um grupo social (Oliveira; Pasti, 2019).

No caso da adaptação do método prosopográfico para a análise de conjunto pertencente ao acervo do MCRB, a ferramenta permitirá conectar objetos que terão sido relacionados entre si no contexto de uso pela família Rui Barbosa, mas que possivelmente terão sido dissociados no processo de musealização ou em reformulações museográficas, por razões diversas. Por meio deste estudo coletivo de trajetórias - que consistirá no estabelecimento de um questionário padronizado sobre o conjunto estudado e no levantamento de informações direcionadas a esse questionário -, a expectativa será recuperar a cultura material dos artefatos mediante análise coletiva, possibilitando a avaliação das marcas do tempo e dos usos presentes em objetos testemunhos do mesmo contexto e da atuação de seu usuário.

A reunião de bibliografias, cartas e notícias de jornais foi fundamental para mapear as possíveis motivações da família Rui Barbosa para possuir artefatos de medicina. Ao longo do texto, serão apresentadas informações sobre as doenças enfrentadas pela família, principalmente Rui, e sobre suas buscas por tratamento. Diante desta perspectiva, ver-se-á uma família mais humana, que recorreu a tratamentos de saúde disponíveis à época, por vezes onerosos. Assim, será natural que possuam artefatos relacionados à medicina. Contudo, ficará evidente a ausência de certos personagens, como Maria Augusta, pouco citada. Tal lacuna dificultará a identificação dos usuários dos objetos. As informações reunidas serão desdobramentos importantes das iniciativas de Rejane Magalhães e de Claudia Reis, permitindo aprofundar a compreensão da presença destes artefatos no acervo. Além do levantamento bibliográfico, serão realizadas consultas às fichas antigas e ao sistema digital de dados

dos acervos da FCRB (SophiA), utilizando palavras que se repetirão nas cartas, como Saúde, Moléstia e Homeopatia.

O que será considerado singular no patrimônio material de Rui Barbosa poderá estar mais relacionado a um valor de mercado (Kopytoff, 2008, p. 110). No entanto, os valores agregados a itens simples na intimidade familiar enriquecerão a sua cultura material e ampliarão as conexões com pessoas cuja identidade não terá sido consagrada.

Por fim, a adaptação do método prosopográfico para a análise de conjunto no acervo do MCRB visará restabelecer a conexão entre objetos que terão sido relacionados no contexto de uso pela família Rui Barbosa, mas que possivelmente terão sido dissociados na musealização ou nas reformulações museográficas. A escolha do método se justificará pela possibilidade de estudar trajetórias coletivas mediante um questionário padronizado e pelo levantamento de informações específicas. A expectativa é de que, ao final, esta dissertação contribua para a contextualização dos artefatos de medicina do Lote 1972, mapeando a sua possível trajetória, viabilizando a avaliação conjunta das marcas do tempo e dos usos nos objetos que testemunharam o mesmo contexto e a atuação de seu usuário.

CAPÍTULO 1

UMA CASA ANTES DE SER MUSEU: O MUSEU CASA DE RUI BARBOSA E SEUS MORADORES

1. UMA CASA ANTES DE SER MUSEU: O MUSEU CASA DE RUI BARBOSA E SEUS MORADORES

Neste capítulo, estão organizados pontos de interesse para a análise da construção da identidade da família Rui Barbosa a partir do seu estilo de vida. Identidade é algo conceitualmente definido como único, contudo, ao mesmo tempo é múltiplo e varia de acordo com o tempo e o espaço. A identidade está ligada ao autoconhecimento e se dá pela consciência, pelas percepções e pela formação de memória. A identidade que não é múltipla é apenas um perfil (Soares; Scheiner, 2010, p.16). Nesta articulação de autoconhecimento, memória e multiplicidade, é possível mensurar o esforço na construção da identidade da família Rui Barbosa. Considerada uma das famílias mais importantes da elite Carioca no século XX, a família Rui Barbosa se posicionou, aos poucos, como ideal de valores nacionais por meio da instituição de um herói, Rui Barbosa, e do exemplo de família tradicional com grande capital cultural (Gonçalves, 1999, p.42). Não necessariamente os aspectos citados refletem a realidade em sua totalidade, no entanto, esses pontos de interesse auxiliam no entendimento do processo de transição da Casa da família Rui Barbosa para a Fundação Casa de Rui Barbosa.

1.1 - Musealização da Casa Rui Barbosa, de Museu biblioteca a Museu casa

A casa localizada na Rua São Clemente, nº 134, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, serviu de moradia para a família Rui Barbosa durante 28 anos (Figura 1). Nela viveram o casal Rui Barbosa, seus filhos, seus netos e funcionários. A Casa foi adquirida por Rui Barbosa em 1893, por meio de hipoteca, quando Rui Barbosa exercia o cargo de senador (Rangel, 2015). A propriedade, que pertencera anteriormente ao 2º Barão da Lagoa, é definida como um palacete neoclássico, situado em localização já privilegiada na época. Contudo, a aquisição da casa representou um conflito para Rui Barbosa, pois afetava sua imagem modesta, levando-o a ser acusado pela opinião pública de enriquecimento ilícito por sua atuação política. Diante disso, Barbosa veio a público esclarecer que os recursos utilizados para adquirir o imóvel provinham dos ganhos de sua carreira como advogado (Gonçalves, 1999, p.41). Apesar da controvérsia, é possível perceber que a aquisição da casa poderia representar uma estratégia. Ela expressava a estética do que era considerado bom gosto na época e trouxe a possibilidade de promover grandes encontros, demarcando, assim, o status e o posicionamento da família nas camadas sociais mais altas.

Figura 01 – Casa de Rui Barbosa. Reprodução da Aquarela *Residence of Senator Ruy Barbosa*, rua São Clemente. Edgar L. Pattison.



Fonte: Livro *The Beautiful Rio de Janeiro*, by Allure Gray Bell (Londres, William Heinemann Press, 1914)

A escolha da residência foi influenciada por diversos fatores, dentre quais se destacam: os amplos salões, que permitiam a acomodação da biblioteca de Rui Barbosa, e o jardim. O imóvel contava ainda com uma estrutura considerada moderna para a época, por possuir água encanada com aquecimento (Rangel, 2015). A biblioteca era uma prioridade, não apenas pelos numerosos livros, mas pela função simbólica desse espaço, atrelado à erudição e à cultura de Barbosa. O amor deste político pelos livros é citado como um atributo que o diferenciava de outros homens, como se ele tivesse alcançado um status de nobreza a partir de sua vida acadêmica (Gonçalves, 1999, p.45)

Após a aquisição do imóvel, procedeu-se um plano de reformas para adaptação às suas necessidades (Rangel, 2015). As obras incluíram a substituição de pisos e azulejos da copa, cozinha e banheiros, a instalação de uma linha telefônica, de um sistema de iluminação a gás e de estantes para acomodar a vasta biblioteca (FCRB, 2018). A família, por conseguinte, não ocupou a residência de imediato. Barbosa foi acusado de estar envolvido com os sediciosos da Revolta da Armada (1893). Avisado por uma comissão de oficiais da Marinha do risco de prisão, exilou-se no Chile (Bandeira, 1960 p.17). Maria Augusta e seus filhos foram enviados para a casa dos Jacobina, amigos próximos da família (Scarpeline, 2009).

Rui Barbosa permaneceu pouco tempo no Chile, partindo em seguida para Buenos Aires, na Argentina, com o objetivo de se defender publicamente. Nesse sentido, publicou diversos artigos em jornais brasileiros e argentinos, denunciando e contrapondo as acusações. No entanto, a tentativa foi frustrada, levando-o a retornar ao Brasil. Estabeleceu-se temporariamente em Salvador (BA), onde recebeu ameaças de morte. Diante da situação, propôs um encontro com sua família em alto mar, a bordo do vapor

Galícia, para que juntos pudessem seguir para Buenos Aires, (Scarpeline, 2009). Depois disso, a família também residiu em outros países como Portugal e Inglaterra.

Há registros de que, no período em que estiveram exilados, a reforma o imóvel esteve aos cuidados do irmão de Maria Augusta, Carlos Viana Bandeira, e de seu amigo, João Luís Viana — conhecido como Bijuca, cunhado e primo de Carlos. Ambos residiram temporariamente na propriedade para acompanhar de perto as movimentações da obra. Outra figura relevante foi Antonio de Araújo Ferreira Jacobina, posto que mantinha Rui Barbosa informado sobre a situação no Brasil e sobre os avanços na reforma da casa. Em suas cartas, Jacobina se referia a Rui Barbosa como primo (Scarpeline, 2009), indicando a proximidade entre os dois.

A mudança dos pertences da família para o imóvel ocorreu ainda durante o exílio. Em carta do dia 1 de agosto de 1894, Jacobina atualizava Rui Barbosa sobre este processo:

A sua Casa do Flamengo foi entregue ao proprietário e a mudança está feita. O Bijuca, Alfredo, Lenita e marido fizeram milagre e foi preciso licença da polícia, d'outra maneira teriam sido todos presos. Enfim, faltam poucos meses para acabar o susto em que vivemos por esta ameaça de prisão sem motivo. As visitas domiciliares obrigam a não conservar algum, as vezes necessários, mas que possam excitar suspeita, não pelo conteúdo e sim pela pessoa que procede. À vista lhe poderemos contar o que se passa (Jacobina, 1894).

Em outra carta, escrita em 23 de setembro de 1894, Jacobina informava sobre o envio das medidas dos salões e o aconselhava a comprar os papéis de parede em Londres, pois lucraria com o preço e a qualidade dos produtos em relação aos vendidos no Brasil. Já em 27 de março de 1895, Jacobina avisou a Rui Barbosa que a casa estava finalmente pronta:

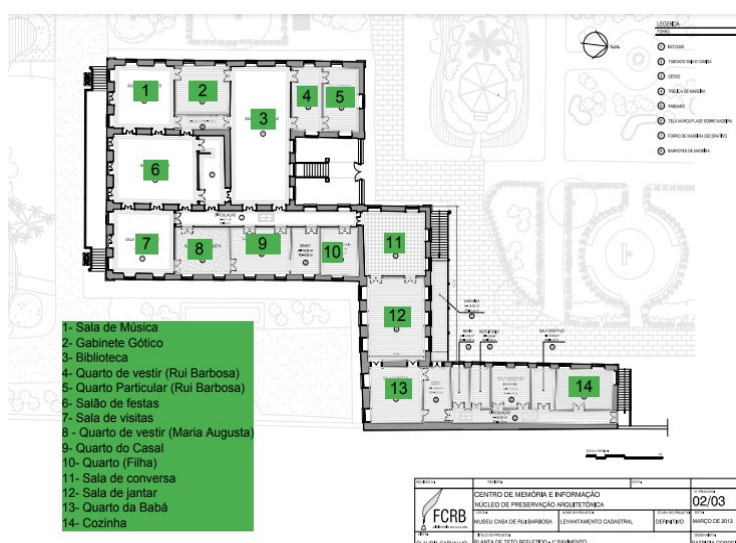
A sua casa, como avisei, está pronta e pagos os últimos 15 contos que se lhe deviam. Chegou Carlito só pediu-me 500\$ fs que lhe darei amanhã, visto suas ordens. Ele lhe escreverá em resposta às 5 cartas suas que encontrou na mão do Bijuca. Eu ainda não os fui ver e à casa, que casus e os rapazes (seus) me dizem estar bonita [...] (Jacobina, 1895).

Como citado anteriormente, Jacobina ressaltou o custo-benefício em relação à qualidade dos materiais; todavia, foi ele quem providenciou dinheiro para pagar as parcelas da casa, enquanto a família estava exilada (Scarpeline, 2009). Até o momento, a carta de 1893 em que Jacobina diz providenciar o pagamento das parcelas da hipoteca ainda não foi encontrada, mas a informação consta em algumas outras correspondências.

Outro ponto que chama atenção, era a escolha pela aquisição de objetos ingleses. Isto pode ser interpretado como a manifestação do quanto a família Rui Barbosa tinha a Inglaterra como uma referência de sociedade a ser seguida. Este traço se manifestava igualmente em suas vestimentas, nos valores de liberdade que Rui Barbosa pregava e na defesa de um individualismo baseado na justiça (Gonçalves, 1999). Inclusive, a escolha do nome de Maria Luísa Vitória — filha mais nova do casal — se deu em homenagem à rainha da Inglaterra. Décadas depois, em depoimento ao Projeto “Memória de Ruy”, Maria Luísa, também conhecida como D.^a Baby, afirmou que Rui Barbosa tinha uma espécie de fanatismo pela Inglaterra (Projeto memória de Ruy, 1975-1997, p.43).

Em julho de 1895, a família finalmente retornou ao Brasil e se instalou definitivamente na Casa da Rua São Clemente. Após as reformas e inúmeras recomendações da família, o imóvel foi dividido da seguinte maneira: quartos separados do espaço social por um extenso corredor; três salas de recepção; sala de visitas; salão de baile; e sala de música. Essas salas se conectavam à grande biblioteca; espaço reservado ao estudo do político e jurista. A figura 2 apresenta a planta baixa do primeiro pavimento do MCRB, como vemos a seguir:

Figura 02 - Planta baixa do primeiro pavimento Museu Casa de Rui Barbosa



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, Março 2013. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva/interna.php?ID_M=3 Acesso em: 05 jun.2024.

Adaptação: Scarpeline 2009; Jessica Silva , 2024.

A planta do primeiro pavimento foi adaptada de acordo com o cruzamento das informações encontradas em Costa (1949), Scarpeline (2009) e Rangel (2015). Infelizmente, alguns espaços não foram identificados, outros se referem a varandas ou

apenas a espaços de circulação. No entanto, a figura foi adaptada para uma visualização intuitiva da organização dos espaços identificados.

Próximo à biblioteca, estava localizado o “Gabinete Branco”. A sala foi construída ao gosto de Rui Barbosa para acomodar os códigos civis que serviram de referência para o desenvolvimento do código civil Brasileiro, bem como uma grande mesa, com revistas estrangeiras para sua leitura diária. Na casa havia ainda um segundo gabinete, classificado pelos memorialistas como “Gabinete Gótico”. Nesse espaço ficariam as coleções de Educação e de Direito Internacional (Costa, 1949).

As plantas disponibilizadas são um resultado do grupo de pesquisa da FCRB/CNPQ, “Conservação preventiva de edifícios e sítios históricos”, criado em 2012. Atualmente, é possível fazer um *tour* guiado pela casa. Contudo, por questões estruturais, os visitantes não têm acesso ao segundo andar do primeiro pavimento. Nessa área havia espaços destinados a outras finalidades: sala de almoço, sala íntima para conversas após refeições, sala de jantar com vista para o jardim e integrada à varanda, copa, banheiro, quartos das amas e acompanhantes (nestes quartos também dormiam as crianças mais novas), cozinha, lavanderia e um sobrado, que, anos mais tarde serviu de moradia para a filha mais velha, Maria Adélia e seu marido Antonio Batista Pereira (Rangel, 2015). Ao longo da pesquisa não foi possível localizar uma planta correspondesse à descrição encontrada sobre o segundo nível do primeiro pavimento.

No final do século XIX, quando a família Rui Barbosa adquiriu a casa, novos valores passaram a orientar a concepção de lar, com ênfase no intimismo e no resguardo do indivíduo. Estava em pauta a valorização da esfera privada e a construção de singularidades sociais e identidades pessoais (Malta, 2014 p.49). Nesse contexto, podemos propor a hipótese de que a aquisição e preparação deste imóvel foi uma forma de representação do capital financeiro e intelectual da família, comunicando à sociedade quem eram os Rui Barbosa naquele momento. Assim, a residência da Rua São Clemente consolidou-se não apenas como espaço de moradia, mas também como expressão material da posição social e dos valores cultivados pela família Rui Barbosa, uma família tradicional da elite carioca.

A criação do Museu Casa de Rui Barbosa deu-se a partir de um decreto de 02 de janeiro de 1924. Ele descreve a aquisição da casa da família na Rua São Clemente com o objetivo de consolidar um Museu-Biblioteca:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a adquirir, separadamente, ou em conjunto: a) a casa á rua S. Clemente n. 134, em que residiu, nesta cidade, o Sr. sennador Ruy Barbosa; b) o mobiliario, a bibliotheca, os manuscriptos e o archivo; c) a propriedade, intellectual das obras do eminente brasileiro. Paragrapho unico. Realizada a aquisição, o

Governo fundará, no edifício, e com as instalações adquiridas, um museu-bibliotheca; podendo dar-lhes, não obstante, os destinos que julgar mais adequados ao culto nacional pela memória do grande cidadão (Decreto no 4.789, Brasil, de 2/01/1924).

Em complemento ao decreto foi necessária a aplicação de outros dispositivos legais para a concretização do Museu. Em 23 de Outubro de 1924, foi publicado um segundo decreto sobre a criação do Museu em que todo o mobiliário da casa é excluído, exceto as estantes e os livros (Rangel, 2015, p.103).

Ao longo deste processo de musealização, aconteceram impedimentos que foram influenciados por situações políticas relacionadas ainda à vida de Rui Barbosa (Rangel, 2015, p.105). O presidente à época do decreto era Arthur Bernardes, representante do Partido Republicano Mineiro (PRM). A gestão de Arthur Bernardes foi marcada por instabilidades, a considerada primeira crise Republicana. De todo modo, para a sua substituição de Bernardes, o paraibano Epitácio Pessoa, também do PRM, foi indicado para candidato à presidência do Brasil, disputando o cargo com Rui Barbosa (Rangel, 2015, p.105). A disputa presidencial gerou um aprofundamento das instabilidades. No entanto, parece que havia uma demanda social fomentada pela imprensa e setores ligados a Rui Barbosa para a criação do Museu. Apesar do interesse popular, os objetos foram dispersos sem registro de seu paradeiro, e parte do terreno da casa foi desapropriado pelo governo para a construção de uma rua (Rangel, 2015, p. 113).

Entre decretos e indefinições, o processo de criação do Museu não avançou por dois anos. Móveis excluídos no decreto de 23 de outubro de 1924 foram leiloados. Em 21 de dezembro de 1924, realizou-se um leilão na casa da Rua São Clemente, anunciado no Jornal do Comércio como “Sensacional leilão dos móveis e mais objetos de arte que guarnece o palacete do 134, Rua São Clemente” (Jornal do **Com**mercio, 23/12/1924).

Lucila Batista, neta de Rui Barbosa e Maria Augusta, relatou para o Projeto Memória de Rui Barbosa que o leilão atraiu compradores nacionais e internacionais, incluindo o Jockey Clube da Argentina, interessado na casa e nos objetos. Maria Augusta, por sua vez, recusou a venda, alegando que seu falecido marido não gostaria que objetos de sua memória saíssem do Brasil. Apesar do interesse estrangeiro, Lucila qualificou o leilão como um “desastre” e, no fim, o governo brasileiro interviu adquirindo o imóvel, grande parte dos objetos e dos livros. Nesse mesmo relato, Lucila ressaltou que o valor que o governo brasileiro ofereceu era menor que o valor que o Jockey Club Argentino estava disposto a pagar (Projeto memória de Rui, 2024, p.351). Ademais, Lucila exaltou o papel ativo de sua avó, Maria Augusta, na difusão da memória de Rui Barbosa e na criação do Museu.

Neste contexto de leilões e lentidão no processo de musealização da casa, Ulysses Brandão, correligionário de Rui Barbosa, solicitou por meio de uma carta escrita em 31 de outubro de 1926, ao Diretor da Faculdade de Direito de Recife³, a criação do “Museo de Ruy Barbosa”. Na Carta, Ulysses afirmou que a criação desse museu era um belo sonho que não foi possível realizar porque, naquele momento, a casa estava desmembrada. Assim, para o cultivo da memória de Rui Barbosa era necessário mais do que um museu-biblioteca. Somente um ano mais tarde, a solicitação de Ulysses foi atendida e o “Museo de Ruy Barbosa” foi criado (Rangel, 2015, p.105).

Passados alguns anos, em 1930, o então presidente Washington Luiz fez uma visita oficial à casa da Rua São Clemente e tomou providências em relação ao imóvel que já pertencia ao Governo. Washington Luiz era também correligionário de Rui Barbosa e mantinha relações amigáveis com a Família. Dentre as primeiras medidas que tomou em relação após sua visita, Luiz decretou a criação do “Museu Ruy Barbosa”, compreendendo não apenas a biblioteca e obras de arte, mas ampliando a proteção para todo complexo arquitetônico restante, a casa e o jardim (Rangel, 2015, p.107). Dessa forma, em 13 de agosto de 1930 foi inaugurado o Museu Casa de Rui Barbosa com grande cerimônia e discurso proferido por Batista Pereira, genro de Rui Barbosa. Em seu discurso, Pereira afirmava que o Museu era um projeto pessoal da família e que só foi viabilizado pelos laços de amizade com membros proeminentes do corpo político republicano, como o próprio presidente Washington Luiz (Rangel, 2015, p.111).

A transformação da residência da família Rui Barbosa em museu-casa representa a consolidação de dispositivos memoriais articulados a interesses políticos, cujo propósito é fortalecer a construção da identidade e da memória nacionais. As práticas de seleção de objetos para compor uma coleção e, em seguida, uma exposição têm o poder de construir e desconstruir narrativas (Gonçalves, 2002, p. 24). No MCRB observa-se que estas narrativas foram mudando ao longo do tempo. No início o foco recaía sobre a memória da família, sobretudo do patrono. Em determinado momento, ele foi deslocado para a construção de coleção e a catalogação dos cômodos da casa, refletindo aspectos da preservação de uma memória extremamente ligada ao *modo de vida* de uma família da elite carioca.

Como apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, os encontros políticos no espaço doméstico e seus desdobramentos impactaram na configuração da cidade, nas delimitações de áreas urbanas voltadas para a reafirmação das elites. Tão intenso foi esse impacto que o MCRB se consolidou como o primeiro museu-casa do Brasil, inaugurado, como vimos, por iniciativa federal.

³ Rui Barbosa ingressou no ensino superior pela primeira vez na faculdade de Direito de Recife aos dezesseis anos (Magalhães, 2021, p.38). Daí é possível justificar o pedido de Ulysses à universidade.

Em 1966 foi publicado um novo decreto, alterando o caráter da instituição, desta vez o Museu Casa de Rui Barbosa passou a ser uma divisão da recém-criada Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Ao comparar o decreto de 1966 com o de 1928, nota-se que foram adicionados 8 artigos que refletem a complexidade que a instituição adquiriu (Rangel, 2015, p.126). Neste momento, foi reforçada a atribuição de ensino e de fomento de pesquisa como parte das atividades. Apesar dessa premissa estar atrelada ao conceito de museu, documentos da época retratam que contava-se com poucos recursos, até mesmo para administração básica.⁴

Sobre os itens e objetos que compunham o acervo da família, é interessante mencionar que os objetos que pertenciam a viúva, D. Maria Augusta, falecida em 1948, foram adquiridos pelo museu como, por exemplo, a cama do casal. Ao longo do tempo, o museu foi reunindo objetos dispersos no período pré-museu. De acordo com o Relatório de Atividades da Casa de Rui Barbosa em 1958 foram adquiridos 24 objetos do espólio de Costa entre acessórios de uso pessoal, canetas, tinteiros, medalhas e uma série de fotografias. Vale mencionar que um dos vestidos de luto de Maria Augusta permaneceu com a família até 1966 e foi doado pela neta Maria Augusta Airosa Brooking, ao MCRB (Sousa, 2022, p. 89). Estes são apenas alguns exemplos dos itens que formam hoje o acervo da instituição.

No Relatório de Atividades⁵ do Museu-Bibliotheca de Rui Barbosa em 1929, foi encontrado o relato da montagem dos dois primeiros ambientes, ambos vindos de Petrópolis. Eram eles: o quarto de dormir com 1 cama de metal dourado em que morreu Rui Barbosa, 2 mesas de cabeceira, 1 cadeira de balanço, 3 cadeiras, 1 psyché, 1 lavatório, 1 guarda-vestidos, 1 colcha bordada, 1 lâmpada de cabeceira, 6 guarnições douradas e cortinas para 4 portas e 2 janelas, 1 passadeira, 2 quadros com fotografias da missa campal do Jubileu Literário, 1 vidro de *Lotion Ahticalvisique* usada pelo senador. Importante lembrar que, em 1929, o museu ainda não havia sido inaugurado; contudo, ex-funcionários da família Rui Barbosa, como Antonio Joaquim da Costa, realizavam atividades de cuidado e conservação da casa e seu mobiliário. Nos inventários de 1929 a 1951, ainda que tenha havido divergência de nomenclatura, a mobília do quarto derradeiro foi considerada como conjunto incorporado em 1929, por oferta da viúva, descrita como de madeira carne-de-vaca, depois como carvalho, mas um lavatório, em todos esses inventários consultados até o momento, integrava o conjunto.

⁴ A precarização e a constante falta de verbas infelizmente ainda afetam a instituição. Essa situação se acentuou ainda mais nos últimos anos, pois, na gestão federal vigente entre 2020 e 2024, o museu sofreu com cortes orçamentários, queda de plataformas digitais principais, instabilidade no pagamento de bolsas, e na viabilização dos seminários do programa de desenvolvimento científico que deu origem às investigações desta pesquisa (PIPC).

⁵ O relatório é hoje parte do acervo permanente do Serviço Arquivo Histórico e Institucional (SAHI-FCRB),

Sobre a dissociação de outros objetos do acervo, a análise dos dados de arrolamento de bens colhidos até o momento permite identificar o período em que ocorreu desde sua aquisição em 1929. O MCRB se enquadra em um modelo conceitual de museus-casas, um modelo que considera fundamental relacionar todo seu conteúdo a seus possíveis usuários. Uma característica marcante desse tipo de museu é a própria identificação da relação entre cômodos temáticos e a intimidade dos antigos donos da casa. (Almeida; Rangel, 2019, p.5) Conceitualmente, o museu-casa trata e estuda características físicas dos objetos e da casa, considerando suas mudanças e a trajetória social de cada cômodo da casa-museu, como um objeto preenchido por objetos. (Almeida; Rangel, 2019, p.13).

A biblioteca, por exemplo, é intitulada na configuração do museu como Sala Constituição, para homenagear o trabalho de Rui Barbosa enquanto ministro da Fazenda do governo provisório, em 1891. Na época, enquanto Barbosa revisou e modificou a estrutura do texto da primeira Constituição republicana. A biblioteca é o maior cômodo da casa e possui cerca de 37 mil livros sobre diversos assuntos, como ciências, literatura, filosofia, direito, homeopatia, fenômenos psíquicos e oceanografia. Desde antes da morte de Rui Barbosa, sua biblioteca foi alvo de comentários sobre enriquecimento ilícito e lendas urbanas sobre suposto roubo de estantes por parte do Governo Republicano (Almeida; Rangel, 2019, p.26).

Na montagem dos ambientes do MCRB, foram adicionados cômodos que não faziam parte da configuração da casa, com o intuito de incluir na experiência do visitante um pouco do que a família viveu em Petrópolis. Assim, o Gabinete Holandês — também mencionado na documentação como sala de Haia — representa a área de trabalho de Rui Barbosa em Petrópolis. O apelido de “Gabinete Holandês” foi conferido pelo próprio Rui Barbosa, posto que se referia ao cômodo devido a origem do mobiliário; Sala de Haia é o nome oficial que o espaço recebeu após a musealização, fazendo referência ao período em que Rui Barbosa foi extraordinário e delegado do Brasil na segunda Conferência Internacional da Paz em Haia, 1907 (Almeida; Rangel, 2019, p.28).

A atuação pública de Rui Barbosa está evidenciada nos títulos dos cômodos e nos objetos-símbolos, bem como em outros cômodos da casa como os quartos de vestir, a cozinha e a sala. Para além disso, os objetos e espaços passam a sensação de um ambiente mais familiar, habitado por uma família numerosa e com boas condições financeiras. Nesses ambientes, reforça-se a imagem de Rui Barbosa enquanto homem de família, um indivíduo sujeito a doenças, alegrias, sucessos e fracassos. É plausível que diversos significados atribuídos a esses espaços tenham se transformado ao longo dos anos (Almeida; Rangel, 2019, p. 30). A humanização de um ícone republicano, cuja

exaltação visava fortalecer a identidade nacional, torna-se evidente ao analisar publicações de antigos servidores do Museu Casa de Rui Barbosa. Inicialmente, a abordagem privilegiava a exaltação do homem público; entretanto, com a sensibilidade de profissionais habituados a lidar com a memória, essa perspectiva evoluiu para a apresentação de uma figura mais humana. Atualmente, a tentativa de classificar e organizar os cômodos da casa e atribuir-lhes características simbólicas busca viabilizar o trabalho de difusão da narrativa em redes temáticas, assim, é possível dialogar com diferentes públicos no mesmo Museu.

O MCRB é pioneiro na discussão sobre museus-casas no Brasil. Em 1995, foi realizado o primeiro seminário inteiramente voltado para museus nesta categoria. O seminário abarcava temáticas como conservação, pesquisa e educação. Os debates se estenderam a instituições da América Latina, Caribe e Portugal, sempre considerando três pilares principais: personagem-acervo-edifício. (Almeida; Rangel, 2019 p.4). A abertura para discussões dentro de Museus se mostra ferramenta eficiente para trocas sobre as próprias práticas e direcionamentos para as atividades de pesquisa da instituição.

Quando a casa deixou de ser uma habitação e passou a ser um museu, ela representou os seus moradores. Maria Augusta Rui Barbosa e outras gerações da família selecionaram o que poderia ou não ir para o Museu por meio de doações. Na perspectiva da Museologia, estes objetos foram, aos poucos, assumindo o papel de documento, agente evocador ou comprovatório das relações humanas com seus ambientes (Scheiner, 2014, p.22). Considerando que os Museus são espaços de disputas de memória e de construção de narrativa, é possível comprovar que as primeiras doações e configurações do Museu corroboram com a mitificação de Rui Barbosa enquanto figura intelectual e política, pois os grandes destaques do Museu foram sua biblioteca e seus espaços de trabalho. Com o passar dos anos e das gerações esta perspectiva mudou a partir da catalogação dos cômodos e da configuração do museu enquanto um espaço comunicador e não enquanto residência.

Nos museus, as classificações e a ênfase da linguagem são ações profundamente humanas, onde o sujeito é o principal ponto focal da representação. Ao longo dos anos, o MCRB vem se renovando e manifestando as novas percepções museológicas sobre a utilização do espaço e sua integração com a cidade e com o público, características da corrente teórica denominada museologia crítica. Podemos mencionar os inúmeros eventos que a Casa de Rui Barbosa promove atualmente como, por exemplo: contação de histórias, visitas dramatizadas, cursos voltados para a preservação de acervos, entre outras atividades. Além disso, o jardim é aberto e gratuito para passeios ao ar livre. Estas

práticas e atividades são frutos de discussões e propostas oriundas de projetos de pesquisa fomentados pela própria instituição desde a década de 1970.

1.2 - A Família

A trajetória da família Rui Barbosa é marcada por uma rede de ligações sociais que se desdobram no campo político e econômico desde o início. Em sua juventude, Rui Barbosa contava com um capital social mais expressivo que o capital financeiro. O pai de Rui Barbosa, João Barbosa de Oliveira (1818 -1874), era médico e mantinha relações com o Partido Liberal. Entre 1864 e 1869, essas relações políticas eram predominantes na vida social e privada da família. As reuniões de setores progressistas, por exemplo, aconteciam na casa da família Barbosa. Por meio dessa rede, Rui Barbosa conseguiu acessar a Faculdade de Direito de São Paulo e permaneceu até completar seu ciclo de estudos. Em seguida, viajou para a Europa com o objetivo de amenizar problemas de saúde e, nessa rede, conheceu Maria Augusta Vianna Bandeira, sua futura esposa (Gonçalves, 1999, p.10). Interessante destacar Maria Augusta, pois além de esposa de Rui, foi a principal responsável pela criação do Museu Casa de Rui Barbosa e, conseqüentemente, pela propagação do legado intelectual e político de seu marido. É possível considerar que sua educação aristocrática influenciou a ascensão da família, desde a escolha da casa, já vislumbrando possibilidades de interações sociais que alimentam a rede de contatos da família, até a criação do Museu que, mais tarde, tornou-se uma fundação com inúmeros setores dedicados à salvaguarda, pesquisa e divulgação da obra de Rui Barbosa.

Assim como Rui, Maria Augusta também herdou da família um capital social mais expressivo que o capital financeiro. Na Bahia sua família era conhecida por uma tradição fortemente aristocrática. (Sousa; Lopes, 2022). Os traços desta educação aristocrática são importantes para o estabelecimento da credibilidade da Família Rui Barbosa diante dos meios sociais em que circulavam. Foi Maria Augusta que influenciou a escolha da Casa da Rua São Clemente e que, posteriormente, organizou diversos eventos sociais com artistas e políticos. Estes eventos se refletiam nas alianças políticas de Rui Barbosa.

Rui Barbosa e Maria Augusta Vianna Bandeira se casaram em 23 de novembro de 1876, em Salvador. A cerimônia aconteceu na casa dos pais da noiva, e a lua de mel foi em um cruzeiro a caminho do Rio de Janeiro. Pouco tempo após o casamento, o pai de Maria Augusta faleceu, levando o casal a retornar às pressas para Salvador. Com isso, eles também enfrentaram uma crise familiar financeira, pois o pai de Maria Augusta era o principal provedor de sua mãe e seus irmãos (Scarpeline, 2009, p. 45). Diante da situação, Rui Barbosa decidiu levar para morar consigo a sogra e os cunhados. Carlos

Viana Bandeira, irmão mais novo de Maria Augusta, fez um breve relato sobre a mudança:

A mudança de minha mãe para a casa de Maria Augusta foi sem dúvida muito providencial, tanto a esta como para Rui: a Cota⁶, porque viu continuada a amorosa assistência materna, que lhe fortalecia o ânimo na vida difícil que o marido levava. Deputado provincial já em 77, jornalista em franca atividade, advogado e. cérebro de muitos correligionários do Partido Liberal, trabalhava como um escravo, no dizer de então; e a êle, porque lhe propiciava tôda a ordem e economia doméstica sem maiores canseiras para a esposa, que não tardaria em dar-lhe a primeira filha. Ademais, ninguém melhor do que minha mãe se responsabilizaria pela casa, durante a viagem que Rui fêz ao Rio de Janeiro, pouco depois de casado [...] (Viana Bandeira, 1960, p. 8).

Na época da mudança, a família Rui Barbosa ainda morava na Bahia. Carlos Bandeira ainda era uma criança de apenas 9 anos e foi criado pelo casal Rui Barbosa e Maria Augusta como um filho. A família passou um tempo entre idas e vindas devido à agenda política de Rui, em alguns períodos morando em Salvador e em outros morando no Rio de Janeiro, até se fixar na casa da Rua São Clemente (Scarpeline, 2009). Em 1878, Rui Barbosa foi eleito deputado na Assembléia Legislativa Provincial, no mesmo ano, Maria Augusta teve a primeira filha do casal, Maria Adélia. Em dezembro do mesmo ano, toda a família se mudou para o Rio de Janeiro, no bairro do Catete. Em 1879, no Rio de Janeiro nasceu o segundo filho, Alfredo Rui.

Ao pesquisar mais sobre a genealogia da família no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, foi encontrado um documento elaborado pela pesquisadora e chefe do setor Ruiano, Rejane Magalhães, sob o título “*Família Rui Barbosa*”. O documento contém os nomes dos membros da família, desde Rui Barbosa e Maria Augusta até os netos de seus filhos (Anexo I). Ao todo Rui Barbosa e Maria Augusta tiveram 5 filhos, 11 netos e 14 bisnetos.

A genealogia elaborada por Rejane também é citada no plano museológico⁷ do MCRB como uma ferramenta para ilustrar o tamanho as conexões da Família Rui Barbosa. Os filhos do casal Rui Barbosa, Maria Adélia e Alfredo Rui (Ruizinho) estudaram por um tempo com professores particulares. Quando a filha do meio, Francisca, teve idade para estudar, foi matriculada no colégio feminino de Eleonor Leslie Hentz. Maria Adélia também frequentou o colégio, cujo regime da instituição era de semi-internato; as meninas iam para casa aos finais de semana. Maria Luisa Vitória Rui Barbosa (Baby) frequentou um colégio católico. João estudou na instituição Anchieta, localizada em Friburgo no regime de internato. Ruizinho foi enviado para estudar na

⁶ Apelido de Maria Augusta Rui Barbosa (Viana Bandeira, 1960).

⁷ Casa de Rui Barbosa, 2018. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/7274>. Acesso em: 13 abr. 2024.

Suíça (Scarpeline, 2009). O regime de estudos das crianças permitia que a casa ficasse menos movimentada durante a semana. Contudo, havia uma rotina regrada, com horários diários no lar dos Rui Barbosa, principalmente em função do patriarca.

Sobre a rotina na residência, existem muitos relatos. Rui Barbosa acordava cedo, por volta de 4h30min da manhã, se banhava e estudava até a chegada de seu barbeiro, por volta das 6h. Após se barbear, Rui Barbosa tomava café da manhã com sua esposa Maria Augusta, e as netas. A refeição era acompanhada da leitura de jornais, nos quais Rui Barbosa destacava a lápis o que considerava interessante. Com frequência o genro de Rui Barbosa e Maria Augusta, Batista Pereira também participava do café da manhã. Após o café, Rui Barbosa passeava pelo jardim com sua esposa. Neste momento íntimo, os dois conversavam, e Rui Barbosa inspecionava suas roseiras e, com uma pequena tesoura, as podava com cuidado (Costa, 1949). Antonio Joaquim da Costa, funcionário responsável pela conservação dos livros, relatou em seu livro um episódio inusitado: um fotógrafo se escondeu nos arbustos do jardim e conseguiu registrar um momento em que Rui Barbosa interagira com suas roseiras.

Figura 03 – Rui Barbosa e suas roseiras



Fonte: Arquivo FCRB, Foto disponível no site institucional da FCRB. Disponível em:

http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=308&ID_M=989 . Acesso em: 30 abr.2024

O passeio entre roseiras era breve, durando em torno de 1 hora. Em seguida, Rui Barbosa voltava ao seu gabinete de trabalho e estudava até a hora do almoço, geralmente, ao realizado ao meio-dia. Os almoços e jantares eram ricamente decorados com as flores do Jardim. Maria Augusta gostava de receber amigos da família durante as refeições. Com o passar dos anos, a rotina da família reforçou a escolha e as reformas

do imóvel, pois a área social era separada da área íntima. Isso permitia que Rui Barbosa saísse “à francesa” das reuniões quando sentia necessidade (Costa, 1949).

Os relatos sobre o contato de Rui Barbosa com os familiares descrevem um homem afetuoso, profundamente apaixonado por sua esposa e muito paciente com as crianças, tanto com os filhos quanto com os netos. Durante as férias escolares, os netos passavam o período na casa, onde brincavam, corriam e tomavam banho no jardim.

A casa estava sempre cheia, visto que a família sempre recebia visitas de amigos. Com frequência, promoviam grandes eventos sociais aos domingos. Um dos salões da casa era dedicado à música e, em muitas dessas ocasiões, Maria Augusta tocava piano. Quando recebiam militares, delegações estrangeiras e figuras políticas, o clima de festa se estendia até o jardim, iluminado a gás (Scarpeline, 2009).

Os eventos sociais promovidos por Maria Augusta foram de grande importância no posicionamento social da família Rui Barbosa e na afirmação de sua identidade. Tais eventos foram mencionados por Jeffrey Needell, no livro *A Belle Époque Tropical* (1993). Na publicação, o autor se propõe a construir uma etnografia sobre a elite carioca no período entre 1898 e 1914. Ele ressalta que os eventos sociais domésticos funcionavam como um momento de constituição de relações, ideias e valores para a elite (Needell, 1993 apud Gonçalves, 1999, p.43). Needell ainda descreve Rui Barbosa e Maria Augusta como figuras de forte atuação “mundana”, muito presentes em clubes e também indica que suas filhas eram vistas como bem-posicionadas no “mercado” matrimonial. No mais, o autor ressalta uma característica das lógicas de sociabilidade da elite, compreendendo que a posição no mercado matrimonial era vista como captação de recursos financeiros e simbólicos, os quais poderiam ser convertidos em alianças políticas e econômicas (Needell, 1993 apud Gonçalves, 1999, p.43).

Importante ressaltar que a aproximação de Rui Barbosa com as oligarquias dominantes da época ocorreu inicialmente no campo pessoal, por meio da amizade cultivada por estes encontros pessoais. Podemos citar como exemplo, a aliança traçada entre Rui Barbosa e o Senador Pinheiro Machado (Gonçalves, 1999, p.43). Contudo, Rui Barbosa não era particularmente sociável sempre. Eventualmente, quando Maria Augusta recebia visitas, Rui utilizava os caminhos da casa que interligam a entrada a seus gabinetes de trabalho e de estudos, onde permanecia dando seguimento às suas leituras até a hora do jantar (Scarpeline, 2009).

Outros membros da família também se beneficiavam desta divisão da casa. Durante a adolescência, quando estava em casa, João levava uma vida boêmia e muitas vezes chegava tarde. Assim, optou estrategicamente por instalar-se em um cômodo externo à casa. Segundo relatos, Maria Augusta tinha maior conhecimento da situação do filho e procurava preservá-lo a privacidade do filho (Scarpeline, 2009).

O casamento de Rui Barbosa e Maria Augusta foi realizado uma cerimônia íntima na casa dos pais da noiva, em Salvador. Alguns filhos do casal seguiram seu exemplo. Maria Adélia se casou com Antonio Batista Pereira na casa da Rua São Clemente, no salão principal da biblioteca, onde decorreu as cerimônias religiosa e civil. Para o casamento foi construído um grande altar. Depois disso, o casal morou na casa durante anos e tiveram seus filhos lá.

Ao lado da Sala Constituição, uma escada vai a uma espécie de sótão, três peças, onde moraram Antônio Batista Pereira e Dedélia, que se casaram em 1908. Ao fundo do longo corredor, há uma escadinha que nos leva à sala de conversa, em que Rui ficava com a família, depois das refeições. Sentava-se no sofá, sempre do mesmo lado. E ouvia. Se alguma visita o fatigava um pouco ou falava demais para seu gosto, por exemplo, o Senador Alfredo Ellis, Rui se erguia tranquilamente e, fingindo encaminhar-se para os fundos da casa, recolhia-se furtivamente ao gabinete de trabalho, do outro lado, a famosa Sala Civilista, subindo as escadas que da Sala Constituição davam para o quintal (FCRB, 1980).

Francisca se casou em 1º de setembro de 1900 com Raul Airoso. A recepção foi na casa da São Clemente, com todos os salões ricamente decorados com flores e o jardim iluminado. Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra, filha mais nova de Rui e Maria Augusta, também conhecida como “D. Baby”, relatou em entrevista ao Projeto Memória de Rui que o casamento de Francisca teve uma festa maravilhosa seguida de um baile. (Projeto memória de Rui, 2024, p.36 -37)

A relação da família Rui Barbosa com a casa, que atualmente abriga o museu, transcendeu a esfera privada. Desde a aquisição, ocorreram no imóvel processos decisivos para a consolidação da identidade da família enquanto parte da alta elite carioca, bem como família tradicional brasileira. É possível afirmar que a assimilação de Rui Barbosa enquanto ícone nacional se sustenta em três pilares principais: 1) a atuação política centrada em ideais considerados progressistas a época ; 2) a demonstração de intelectualidade, expressa na produção de artigos para jornais e no envolvimento com a fundação da Academia Brasileira de Letras; 3) a afirmação de dignidade por meio da performance social da família Rui Barbosa como um todo, desde a educação dos filhos em colégios renomados até a ostentação de seus casamentos perante os círculos mais distintos da elite carioca.

1.3 - Os Funcionários

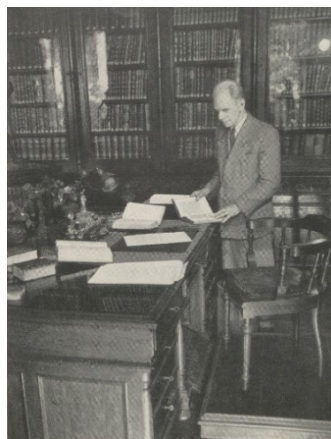
A família Rui Barbosa sempre esteve acompanhada de pessoas para auxiliar nos afazeres domésticos. Na consulta aos escritos memorialistas, como Carlos Viana Bandeira e Antônio Joaquim da Costa, foram localizadas algumas informações sobre os

funcionários da família. Para atender ao recorte desta pesquisa, destacaremos apenas os funcionários que moravam no imóvel ou que frequentavam a casa com assiduidade. Consideramos que é importante caracterizar a presença de funcionários, pois estes eram responsáveis pelo conforto da família e pelo funcionamento da casa. Se hoje temos diversos objetos para analisar, é graças à presença ativa desses funcionários que antes, durante e depois da musealização da casa. Rejane Magalhães reuniu informações interessantes sobre os funcionários da casa da São Clemente:

Numerosa era a criadagem em São Clemente, com um responsável para cada função, contratado pela dona da casa: cocheira, horta, jardim, mordomia, cozinha, copa e quartos. Eram vários empregados: o cozinheiro Sérgio com o ajudante; o copeiro João e seu auxiliar; uma empregada a serviço de Maria Augusta (Baby lembra de Maria Ferreira, portuguesa); três jardineiros, dentre eles, o Antonio, o chefe, o mais velho; Luís, "o homem de confiança entre os servidores da casa", que "deixou o trabalho, para fazer-se banqueiro de jogo do bicho (Magalhães, 2013, p. 80).

Parte desses dados foi coletada por Magalhães através da análise das anotações das contas e custos da casa. Rui Barbosa e Maria Augusta anotavam e organizavam as contas detalhadamente. Iniciaremos a descrição do quadro de funcionários por Antônio Joaquim da Costa, mordomo, conservador de livros e funcionário muito próximo de Rui. Costa cuidava de todo e qualquer assunto ligado ao chefe. De acordo com Bandeira (1960), o mordomo esteve presente em vários momentos da família: esteve ao lado de Maria Augusta cuidando de Rui Barbosa em seus últimos momentos, viajava com a família, e acompanhava-os quando visitavam a casa de Petrópolis. Após a morte de Rui Barbosa trabalhou para o museu cuidando da conservação dos livros e como consultor sobre a organização da casa. Foram consultados livros de atividades do museu e não encontramos registros da saída de Costa, nem os motivos. Assim, não é possível precisar quanto tempo ele trabalhou na instituição; os relatórios apenas indicam suas funções, como conservador de livros e zelador.

Figura 04 - Antonio Joaquim da Costa na Biblioteca de Rui Barbosa.



Fonte: Arquivo FCRB SAHI, rb-rbic 1522, Autor não informado.

Antes de trabalhar com Rui Barbosa, Costa trabalhava para o ex-presidente Afonso Pena. Quando Pena faleceu, perdeu seu cargo, mas foi rapidamente contratado pelos Barbosa. Na época, Antônio tinha 29 anos, era português de origem. Coincidentemente, ele era amigo de João, o filho mais novo de Rui, e foi este último quem articulou sua admissão para trabalhar na casa. Em seu livro, Costa traz informações interessantes sobre as dinâmicas entre os funcionários da casa:

Os empregados do solar de São Clemente, na maioria, eram brasileiros e portugueses. Todos eram contratados por Da. Maria Augusta. Logo nos primeiros dias, vi que na casa do grande político brasileiro os seus empregados também faziam política interna. Por êsse motivo, dias depois, cheguei perto de Da. Maria Augusta e pedi que arranjasse outro para meu lugar, porque não podia continuar. Da. Maria Augusta, surpreendida, me fez ver que eu tinha família a sustentar, por conseguinte precisava de trabalhar e, de mais, o Sr. Conselheiro, tanto quanto ela, estava contente com o seu serviço. Ela precisava saber o motivo por que lá não paravam os empregados. Fiz-lhe ver então que enquanto existissem tantos a dar ordens não era possível parar lá ninguém [...] (Costa, 1949, p. 53).

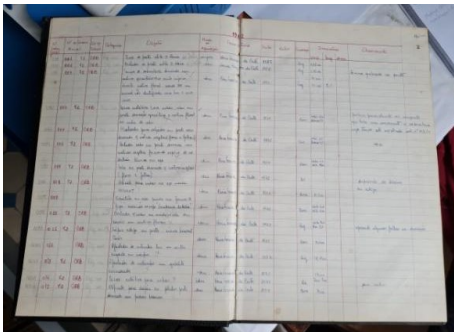
Ao chegar na Casa, Antonio foi recebido por Emília de Jesus, a governanta. A função dela era receber recados para João Rui Barbosa e cuidar do quarto de vestir de Rui Barbosa. No Projeto Memória de Rui, a neta de Rui Barbosa, Lucila, descreve Emília como uma pessoa de personalidade forte e de coração grande. A governanta morava na casa e dormia em um dos quartos da ala de serviço, serviu a família Rui Barbosa durante 40 anos. De acordo com Maria Luísa (Baby), os outros funcionários da casa tinham medo de Emília pois era considerada muito “áspera”. Notemos que a sua principal função era de gestão, ou seja, ela deveria supervisionar e inspecionar os outros empregados, alguns

deles estrangeiros como mencionado anteriormente portugueses, além de espanhóis e ingleses (Projeto Memória de Rui, 1975-1997, p.33).

Quando a família retornou da Inglaterra, trouxe duas funcionárias: Miss Santos e Amy Jered. A primeira, espanhola educada na Inglaterra, nutria grande carinho por João Rui Barbosa, pois cuidara dele quando criança. Assim que seus serviços não foram mais necessários, retornou à sua terra natal. Amy Jered, mais velha e viúva, de origem inglesa, permaneceu no Brasil com a família durante oito anos e, depois, retornou ao seu país. Ambas dormiam na ala de serviço da casa (Magalhães, 2013). Em um quadro, foram organizadas as informações coletadas sobre os funcionários na consulta aos memorialistas (vide Anexo I).

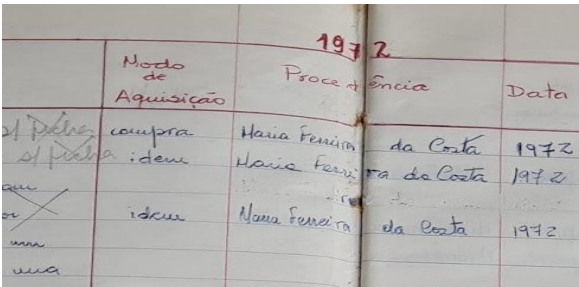
Outra funcionária-chave da Casa era Maria Ferreira, funcionária pessoal de Maria Augusta. Infelizmente, há poucas informações sobre ela. Nesta pesquisa, Maria Ferreira é uma agente de grande importância, pois foi ela quem entregou ao museu os artefatos que estão em estudo. Maria Ferreira era portuguesa, falava francês, tinha um irmão que era padre e era descrita como uma pessoa bonita e fina. Era o que, na época, se denominava *femme de chambre*. A funcionária veio da casa de outra família próxima a dos Rui Barbosa, os Rocha Miranda. Maria Luísa (Baby) relatou ao Projeto Memória de Rui que Maria Ferreira serviu a Maria Augusta por cerca de quarenta anos. Denominada como empregada de quarto, dormia no aposento ao lado de Maria Augusta. Nas figuras 5 e 6, pode-se observar o livro de tombo que registra os objetos e artefatos entregues por Maria Ferreira, que aparece como Maria Ferreira da Costa:

Figura 05a – Livro de tombo do Museu Casa de Rui Barbosa referente ao ano de 1966.



Fonte: Acervo MCRB. Autora: Foto: Marcia Pinheiro Ferreira, Servidora MCRB, 2024.

Figura 05b – Livro de tombo do Museu Casa de Rui Barbosa referente ao ano de 1966.



Fonte: Acervo MCRB. Foto: Marcia Pinheiro Ferreira, Servidora MCRB, 2024.

No Projeto Memória de Rui, o entrevistador perguntou a uma das netas de Rui Barbosa, Ana, se Maria Ferreira era parente de Joaquim da Costa, e Ana respondeu que não:

Não. Ela era de Trás dos Montes. Tinha um irmão padre. Ela era muito bem-educada. Falava um francês corrente. Porque ela tinha estado na casa dos Rocha Miranda, que falavam um francês corrente. E ela era até bonita, a Maria Ferreira, muito fina. Ela era o que se chamava naquele tempo uma *femme-de-chambre* de vovó. Ela era exclusivamente empregada de vovó [...] (FCRB, 1970).

Até então, foi a primeira vez que Maria Ferreira apareceu nos registros com o sobrenome “da Costa”. O motivo ainda é desconhecido.

Caracterizar funcionários como Antonio Joaquim da Costa e Maria Ferreira pode ser útil para esclarecer informações desconhecidas. Sobre o mordomo Antonio Joaquim da Costa, há mais registros: trabalhou no Museu como conservador de livros, zelador e consultor, além de ter escrito o livro “Rui Barbosa na Intimidade”. Essa referência é rica em dados que complementam informações sobre os artefatos, como, por exemplo, a confirmação da utilização de uma seringa para o tratamento de saúde de Rui Barbosa (Costa, 1949, p. 120). Infelizmente, há poucas informações sobre Maria Ferreira.

Em 1972, Maria Ferreira entregou ao Museu objetos que são tratados como Lote 1972. Ao todo, são 34 peças, fruto de doações da família após o falecimento de Maria Augusta. O lote é composto por artefatos diversos, como instrumentos de refeição, roupa de cama, a seringa apresentada na Figura 06, o termômetro na Figura 07, recipiente e estojo de medicamentos homeopáticos ainda com os tabletes no interior dos frascos, cálice lava-olhos, fundas e copo para ingestão de comprimidos.

Figura 06 – Seringa



Fonte: Acervo MCRB

Figura 07 – Termômetro



Fonte: Acervo MCRB

Para atender ao recorte da pesquisa, foram analisados apenas os artefatos que apresentam ligações com a área da medicina. Poucas informações foram encontradas sobre os objetos entregues por Maria Ferreira. De acordo com o livro de tombo de 1966, após o falecimento de Maria Augusta Rui Barbosa, em 1948, diversos objetos foram doados ao Museu, exceto este grupo. Chama a atenção o fato de este conjunto de objetos ter sido guardado pela família entre 1948 e 1972, tantos anos após o falecimento de Maria Augusta. Pretende-se explorar o contexto histórico e de utilização em que os objetos estão inseridos. Não se sabe quem usava esses objetos, nem mesmo se eram utilizados apenas por um membro da família. Para estabelecer uma caracterização completa, é necessário buscar mais do que uma descrição física, incluindo informações sobre aspectos intangíveis. Ao aprofundar informações sobre a ótica imaterial dos artefatos de medicina do Museu Casa de Rui Barbosa, pretendeu-se explorar a trajetória desses itens, considerando sua função, o uso a que se destinavam, o interesse da família diante deles e outros dados culturais e históricos que pudessem ser encontrados.

CAPÍTULO 2

**ARTEFATOS DE MEDICINA NO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA: A
CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO EM MEIO A DESAFIOS DE SAÚDE NO
SÉCULO XX**

2. ARTEFATOS DE MEDICINA NO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA: A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO EM MEIO A DESAFIOS DE SAÚDE NO SÉCULO XX

O estudo dos artefatos de saúde do Museu Casa de Rui Barbosa, especialmente aqueles doados por Maria Ferreira, busca contribuir com uma abordagem ainda pouco explorada acerca da família Rui Barbosa. Claudia Reis foi pioneira nesse tipo de análise sobre os membros que compõem o eixo familiar dos Rui Barbosa, com sua publicação "Saúde, Higiene e Toalete: Estudo do Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa". Em conjunto com "Rui Barbosa: Cronologia da Vida e da Obra", de Rejane Magalhães, essa obra constitui o principal ponto de partida para este capítulo.

2.1 - A família Rui Barbosa na saúde, na doença e na morte

Com base nessas publicações, estabeleceram-se os períodos de interesse para a pesquisa no Arquivo Institucional (SAHI), orientando a busca por fontes primárias por meio do mapeamento detalhado das referências utilizadas pelas autoras. Esses períodos foram definidos a partir da Cronologia escrita pela museóloga Rejane Magalhães, que, na página 304, elenca os anos em que membros da família enfrentaram enfermidades: 1867, 1870, 1872, 1876, 1887, 1891, 1906, 1910, 1916, 1919, 1920, 1922 e 1923. Para Maria Augusta, destacam-se os anos de 1884, 1892, 1901 e 1907; já para Maria Adélia, o ano de 1910 figura na lista.

Rejane Magalhães elaborou uma cronologia histórica sobre as doenças. Para isso, a autora consultou notícias e cartas de/para Rui. Ao longo do tempo, o membro da família que tem mais citações de enfermidades é Rui Barbosa, com 13 momentos de recolhimento. Deste modo, para a reconstrução da trajetória dos artefatos de medicina nos baseamos nos documentos sobre os episódios identificados por Magalhães. Também foi realizado um levantamento nos seguintes sistemas de bases de dados como: Acervos Casa de Rui Barbosa no Sophia, Arquivo Rui Barbosa online no Docpro, Repositório Rui Barbosa de informações culturais (RUBI), *Obras completas de Rui Barbosa* e na série documentos pessoais do antigo site do museu. Ao todo, para o desenvolvimento deste capítulo, foram consultados cerca de 700 documentos.

A busca no Arquivo Rui Barbosa online foi realizada a fim de encontrar documentos que contivessem detalhes sobre estes episódios de recolhimento. Foram utilizadas três palavras-chave: saúde, moléstia e recolhimento. A fim de refinar a busca, adicionamos a data (ano) a ser consultada. Estas palavras foram escolhidas a partir da análise dos textos publicados por Bandeira (1960), Magalhães (2000) e Reis (2002). Os

textos fornecem a possibilidade de identificar que, nas correspondências, existia um vocabulário comum ao falar de saúde, que incluía estas palavras.

Na série documentos pessoais do Arquivo Rui Barbosa (RB-DP) foram analisados 230 documentos. O RB-DP está organizado em 22 códigos de classificação de conjuntos documentais. Na série, foram encontrados documentos como diplomas acadêmicos e religiosos, indulgências plenárias, contratos, dois documentos relativos a pessoas escravizadas, um documento relacionado à morte de Rui Barbosa assinado por Frei Celso e, por fim, receitas e atestados. Devido ao grande volume de documentos analisados, foi estabelecida uma metodologia que consiste em direcionar maior atenção aos documentos escritos como ponto de partida da busca. Na época, a comunicação era realizada em um período longo, pois para o envio e recebimento das cartas era necessário grande deslocamento; assim, as notícias demoravam. Os documentos encontrados sobre os marcos estabelecidos geralmente seguiam este padrão, sendo produzidos algumas semanas depois da data pesquisada.

No levantamento bibliográfico, foi localizada uma receita de 24 de agosto de 1892. Sobre isso, Magalhães afirma que o médico que prescreveu a receita, Dr Francisco de Castro foi médico particular de Rui Barbosa e amigo (Reis, 2002, p.8). Além disso, a publicação de Claudia Reis contribuiu com a apresentação de análises pertinentes ao estudo de objetos museológicos. Ao definir que a pesquisa museológica deve se basear no estudo exaustivo de cada objeto do acervo do museu, Reis explicita que deve-se intencional extrair informações, mensagens, ideias e possíveis segredos (Reis, 2002, p.09). Assim, seguiu-se o mapeamento das fontes, onde foi possível identificar personagens, períodos e episódios para integrar o contexto da trajetória dos artefatos de medicina do MCRB.

A família Rui Barbosa enfrentou, durante o fim do século XIX e início do XX, crises financeiras e instabilidades políticas. Além disso, atravessou uma série de surtos e epidemias, como o tifo, a febre amarela, tuberculose, gripe espanhola, peste bubônica e Varíola (Bertucci Martins, 2015; Dandara, 2022). O tópico “Saúde” foi um assunto amplamente explorado na vida pública e privada de Rui Barbosa.

Em 1883, Rui escreveu um parecer correspondente à reforma do ensino primário no sistema educacional brasileiro e várias instituições complementares da instrução pública, que ocupa quatro tomos do volume X da edição das "Obras Completas de Rui Barbosa" e foi apresentado à Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados. Nesta obra, Rui Barbosa destaca a importância da disciplina Educação Física e do estímulo do que ele conceitua como Higiene Escolar (Bertucci Martins, 2015). Para esta

pesquisa, foram consultados os quatro tomos da publicação, a argumentação sobre saúde relacionada à Educação física (a que ele se refere como ginástica).

Barbosa dialoga em seus argumentos com os professores Guts Muths e Spiess, estudiosos dos benefícios da ginástica. Para esses teóricos, os movimentos regulares do corpo aumentam a força, a estabilidade e a flexibilidade, desenvolvendo melhor as faculdades físicas e morais dos moços (Barbosa, 1883b, p.77). A argumentação sobre ginástica é complementada por uma análise sobre o papel da escola. Nesse sentido, ele tece críticas aos currículos escolares e aponta que, para a educação ser completa e efetiva, deve abarcar diversos aspectos do desenvolvimento do ser humano, como a relação entre corpo e espírito. Por fim, afirma que a escola é responsável pela higiene do corpo e da alma, e complementa dizendo que desconhece leis fatais do desenvolvimento fisiológico da criança (Barbosa, 1883b, p.49).

Recordemos aqui, que este era um período em que essas práticas eram direcionadas apenas para homens jovens e militares. Um exemplo ilustrativo dessa perspectiva está na citação dos professores que Rui Barbosa adotou como referência, os quais consideravam apenas "moços" como o padrão para a análise dos indivíduos. Apesar disso, na proposta curricular de Barbosa, a ginástica era recomendada tanto para meninas quanto para meninos. Contudo, há atividades específicas para as meninas, como costura simples, noções de economia doméstica e trabalhos com agulhas (Barbosa, 1883a, p. 276-277). Bertucci Martins (2015) considera a abordagem de Rui Barbosa inovadora não apenas por seu alinhamento com práticas internacionais — que já refletiam sobre a inclusão de gênero —, mas também por sugerir que mulheres pratiquem atividades físicas.

Em 1893 Rui Barbosa teria escrito um livro em parceria com o médico e amigo Francisco de Castro, traçando uma forte crítica e julgando do ponto de vista criminal os métodos aplicados pelo médico Abel Parente (Bertucci, 2015). Parente era um médico italiano radicado no Brasil, que se dedicava à obstetrícia e à ginecologia. Ele desenvolveu uma técnica que impedia temporariamente a concepção, realizando um processo de raspagem das paredes do útero e aplicando, posteriormente, algumas injeções (Rohden, 2001, p.173). Ao anunciar esta técnica nos jornais cariocas, gerou uma série de polêmicas, pois prescrevia o procedimento para casos em que a gravidez pudesse ser considerada problemática ou indesejada. O anúncio de Abel gerou uma série de dilemas morais. Ele foi acusado de charlatanismo, lesões corporais e atentado ao pudor (Rohden, 2001, p.174). Deste modo, a parceria com Francisco de Castro, entre um médico e um jurista, tinha a função de compor um ponto de vista técnico e legal sobre o assunto. O texto, contudo, não foi localizado, apesar de Bertucci (2015) apresentar um artigo de referência sobre o tema.

Por fim, outro expressivo relacionamento entre a vida pública de Rui Barbosa e a temática 'saúde' ocorreu em 1904, no contexto da Revolta da Vacina. Esta revolta urbana foi resultado de um conjunto de medidas sanitaristas implementados pela prefeitura do Rio de Janeiro, então capital federal, em parceria com o recém-fundado Instituto Oswaldo Cruz. Para que se visualize os impactos deste evento, durante a revolta foram realizadas 945 prisões, 110 pessoas foram feridas e 30 pessoas foram mortas. A rebelião foi motivada por uma lei que determinava a obrigatoriedade de vacinação contra a varíola, exigindo a apresentação de comprovantes de vacinação para matricular crianças nas escolas, obter de empregos, para adquirir autorizações de viagens e registros de casamento (Dandara, 2022). Em meio ao medo da doença e às transformações urbanas, espalharam-se boatos alarmantes, como o de que as casas seriam invadidas para vacinar as pessoas à força. Além disso, circulavam discursos em defesa da liberdade individual. Foi nesse contexto tenso que Rui Barbosa se posicionou contra a obrigatoriedade da vacinação (Dandara, 2022)

Rui Barbosa fez um grande discurso no Senado se posicionando contra a obrigatoriedade da vacina da varíola. Barbosa argumentava que a lei da vacina era uma lei morta, sem regularidades. Prossegue dizendo que estava de licença e que, por isso, não se pronunciou antes; inclusive lamentava por não ter tido oportunidade (Barbosa 1952, p.44). Barbosa afirmava ainda que não era contra as vacinas, valorizando a prática imunização e contando que ele e seus familiares aderiram voluntariamente à vacinação. Ele era contra a obrigatoriedade e a violência do processo perante:

Contrário era e continuo ser a obrigação legal da vacina. Não sou, entretanto, suspeito. Sempre a pratiquei em mim e nas pessoas da minha família e dependência, conquanto a minha experiência mesma, no círculo dos meus, registre um caso gravíssimo dos seus perigos às vezes fatais. Mas minha antiga confiança nesse preservativo contra a varíola não me autorizava a impô-lo sob a forma de lei aos meus semelhantes. **Eu não tenho o direito de legislar coercitivamente para os meus cidadãos e terapêutica do seu uso, por mais autorizada que seja com bons fiadores nacionais e estrangeiros** (Barbosa, 1917, grifo nosso).

Ao analisar o discurso de Rui Barbosa sobre a vacina fica evidente o receio do caráter experimental do imunizante. Justamente por esse motivo, o jurista demonstra resistência à imposição da obrigatoriedade pelo governo. Outro aspecto que devemos pontuar, é o uso do termo 'dependência'. Seria possível que os funcionários também fossem imunizados juntamente com os familiares? É possível que esse procedimento fosse realizado na casa dos Barbosa? Estas práticas possibilitam pensar em diferentes formas de uso dos artefatos de medicina do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa.

Para preencher as lacunas e as informações, direcionamos as buscas sobre saúde e família Rui Barbosa tanto para o âmbito público como privado.

Na esfera privada de Rui Barbosa, a temática da saúde se manifesta principalmente em dois contextos: o legado médico de seu pai, João José Barbosa de Oliveira, e a partir de suas próprias experiências com enfermidades ao longo da vida. Desde a infância, Rui Barbosa teve contato com os livros de medicina do pai, os quais herdou. Ou seja, sua vasta biblioteca já possuía muitas dessas obras e, no decorrer de sua vida, ele ganhou mais livros sobre o tema. Inclusive, vale mencionar que muitos desses volumes traziam dedicatórias de autores renomados, como, por exemplo, Aloísio de Castro, filho de Francisco de Castro — médico da família e grande amigo. Sua biblioteca continha clássicos da homeopatia, como "Organon da arte de curar", de Samuel Hahnemann, além de obras de especialistas como William Boericke, Bruckner e James T. Kent. Também incluía guias práticos e catálogos farmacêuticos (Reis, 2002 p. 15).

Em discurso proferido em maio de 1917, Barbosa declarava sua curiosidade em relação à biblioteca do pai:

Médico era meu pai, ainda que também político e homem de letras; e as **minhas leituras de criança e moço, já então afervoradas pela sede insaciável desta curiosidade, a que ainda estou por descobrir sedativo**, não distinguiam, na variada e abundante biblioteca de casa, entre os volumes de literatura, os livros de política e os tratados de medicina, em todos os quais, ora uns, ora outros, consoante me afetava o apetite, bebia eu a pasto, sem ordem nem regra, o que o ensejo me deparava, e o entendimento, ainda verde, ingeria, de ordinário sem digerir. Daí, porém, só me terá restado²⁰, como era natural, quanto ao conhecimento das ciências do organismo humano, um grosseiro começo de cultura, um amálgama sedimentário de noções vagas, incorretas ou mal assimiladas. (Rui Barbosa, 1917, grifo nosso)

Este discurso foi feito em homenagem póstuma a Osvaldo Cruz, exaltando seu papel como fundador da medicina experimental no Brasil. É possível observar o entusiasmo de Barbosa com o desenvolvimento de pesquisa científica e da busca por soluções para doenças infecciosas, endêmicas e epidêmicas que assolavam o país.

Ainda no âmbito privado, pode-se identificar algumas informações sobre a saúde de Rui Barbosa. Os primeiros problemas de saúde aos quais temos registro ocorreram em 1867 (Magalhães, 2021). Neste ano, Barbosa haveria sofrido uma “congestão cerebral”. No final do século XIX, o termo congestão cerebral era utilizado para conceituar uma série de patologias relacionadas ao cérebro, como enxaquecas, hemorragias, convulsões ou mesmo, depressão. Atualmente o termo congestão cerebral caiu em desuso, mas o conceito serviu de base para investigações sobre acidentes vasculares

cerebrais (AVC). (Roman, 1987). No caso de Rui Barbosa, não foram encontradas descrições precisas dos sintomas que levaram a esse diagnóstico. Contudo, é possível inferir que seu mal-estar tenha ocorrido por motivações emocionais, visto que, no mesmo mês, sua mãe, Maria Adélia Barbosa de Oliveira, havia falecido de uma "moléstia interna", aos 49 anos de idade. Na época, Barbosa tinha 18 anos e cursava o segundo ano de direito na Faculdade de Direito de Recife (Magalhães, 2021, p.40). Também não foram encontradas informações mais detalhadas sobre o que seria considerado moléstia interna, visto que era um termo genérico utilizado para designar um grupo de doenças que ainda careciam de maior investigação na época.

Em 1872, Rui Barbosa foi diagnosticado com anemia cerebral e subnutrição. No ano seguinte, viajou à França para tratamento, permanecendo entre Paris e a estação de banhos de Enghien-les-Bains (Magalhães, 2021, p.53-54). O acompanhamento foi realizado pelos médicos Dr. Fauvel, Dr. Cheron — que assinaram conjuntamente as prescrições — e, pelo Dr. E. Langlebert. O tratamento incluía banhos de duração pré-determinada, compressas de clorofórmio e beladona, ingestão de xaropes e carne crua picada. Carlos Vianna Bandeira mencionou, em suas memórias, o uso das “pílulas de carne”, preparadas por sua mãe, sogra de Rui Barbosa. Acompanhemos o relato:

Daí sua enxaqueca. Aconselhavam, como primórdio, trabalhar menos. Nem sempre prescreviam medicamentos ou regimes. Costumava tomar “Coca e Cola” (fórmula do dr. Francisco de Castro, e “Cola teno.” Em 1884, quando já morava na Praia do Flamengo, usava o vinho Quinado de Silva Araújo, a pílulas de carne crua envolvidas em canela, manipuladas em casa por sua sogra Maria Luísa Viana Ferreira Bandeira, minha mãe, a quem assim também chamava, ou aquela “a quem vivamente prezo (Bandeira, 1960, p. 274)

Além disso, lista relatos de outros procedimentos como pomadas no couro cabeludo e axilas e, até mesmo, hipnose. Os tratamentos indicados pelos médicos eram condizentes com a prática da época e podem ter sido adotados como parte da rotina da família Rui Barbosa. (Reis, 2021, p.14)

Em 8 de dezembro de 1875, a noiva (nome não localizado) de Rui Barbosa, ainda muito jovem, faleceu de tuberculose. Com isso, Barbosa retirou-se ao Recôncavo Baiano durante janeiro e fevereiro de 1876 para realizar um tratamento de saúde (Magalhães, 2021, p.58-59). Não foram encontradas cartas que relatem o ocorrido em detalhes, mas podemos supor que ele tivesse adoecido de alguma forma. Entre os setenta documentos localizados, apenas um apresentou informações relevantes: uma carta datada de 5 de novembro de 1887, enviada de Paris por um amigo próximo de Rui chamado Rodolfo. O remetente, que demonstrava grande intimidade com Rui Barbosa, inicia o texto com a expressão “Meu Rui”, relata ter recebido notícias de uma grave enfermidade que o

acometera, indaga sobre sua recuperação, transmite votos de melhoras e encerra felicitando-o pelo aniversário (Anexo III).

Ainda em 1887, Rui Barbosa foi afastado de suas atividades políticas e jornalísticas em função de uma grave enfermidade. Pouco depois, contraiu pneumonia. No decorrer de sua vida, também há relatos indicando que Barbosa sofreu diversas enfermidades como cólicas hepáticas, crises de enxaqueca e fortes gripes. É possível ter como hipótese que esses padecimentos estavam intimamente ligados à intensidade de sua vida profissional e de sua produção intelectual. Em um discurso durante uma manifestação de estudantes solidários à reforma civilista, Barbosa admitiu estar exausto e doente, contudo, afirmava que estava tomado por grandes emoções naquela noite. Construiu um discurso intenso que lhe trouxe uma imagem de voz ativa e forte diante das adversidades (Lustosa 2000). Assim, a figura do homem franzino e de saúde frágil contrastava com sua voz potente e sua atitude combativa.

A partir do cotejamento do livro escrito por Bandeira (1960) e da carta de Rodolfo, foi possível elaborar algumas hipóteses sobre como os momentos de recolhimento de Rui Barbosa. Mesmo adotando um tom mais pessoal, o memorialista não considerou relevante citar a doença que preocupou Rodolfo. Assim, as cartas revelam-se uma fonte essencial para acessar dimensões mais humanas e privadas da vida de Rui Barbosa. Neste sentido, as cartas se apresentam como fontes fundamentais para acessar dimensões mais humanas e da vida privada da família.

No ano de 1891, surgem divergências nas fontes. Magalhães (2021) afirma que Rui Barbosa contraiu pneumonia, sendo atendido, na ausência de seu médico habitual, Dr. João Paulo Carvalho, pelo Dr. Francisco de Castro, que se tornaria grande amigo do jurista. Para se recuperar, Barbosa teria alugado uma casa na Tijuca (Magalhães, 2021, p. 113). Bandeira 1960, apresenta que em 1891 Rui Barbosa adoeceu de febre tifóide e que foi tratado pelo médico assistente Francisco de Castro. O autor não menciona a casa da Tijuca, mas oferece informações preciosas sobre a relação da família com tratamentos de saúde. Segundo Bandeira, desde jovem Rui Barbosa sofria com cólicas hepáticas, e teria se curado após fazer um tratamento nas estações de água Carlsbad, por indicação médica. Barbosa teria cumprido religiosamente a recomendação (Bandeira, 1960, p.273). Contudo, o texto não tem mais detalhes sobre como era feito o tratamento:

Na maturidade, teve febre tifóide em agosto de 1891, quando morava na Praia do Flamengo, n.º 14, e era ministro da Fazenda. Foi seu médico assistente o dr. Francisco de Castro, tornando-se ambos, desde então, amigos inseparáveis, salvo no exílio de Rui. (Bandeira, 1960, p.273)

As bases de dados da Fundação Casa de Rui Barbosa — como o Arquivo Rui Barbosa Online, Sophia, Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais e a coleção Obras Completas de Rui Barbosa — não apresentaram informações sobre o tratamento referido. Diante disso, acrescentou-se uma nova fonte à pesquisa: a Biblioteca Nacional. No portal Hemeroteca Digital Brasileira, buscou-se o termo “estações de água Carlsbad” no período de 1900 a 1919, obtendo-se 28 ocorrências distribuídas em 12 periódicos, entre os quais O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia (RJ), Jornal do Brasil (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), Correio Paulistano (SP), Jornal do Comércio (RJ), A Província (PE), O Paiz (RJ), A Imprensa (RJ), Jornal do Recife e A Notícia (RJ). A maioria dos registros consistia em anúncios de águas alcalinas, como a Carlsbad; outros referiam-se a notícias sobre a localidade, como congressos ali realizados. A análise desses anúncios suscitou os mesmos questionamentos que motivaram a consulta: em que consistia exatamente o tratamento com as fontes de Carlsbad? E como Rui Barbosa teria conseguido reproduzi-lo em sua residência?

No Correio Paulistano de 18 de junho de 1906 (p. 1), há um artigo de quase meia página assinado por “E.V.”, relatando uma visita à cidade de Carlsbad, na República Tcheca, durante uma viagem pela Europa. O texto não era técnico, mas sim narrativo. Nele, o autor descreve que ele e um amigo enfermo decidiram ir até a localidade, conhecida por suas fontes naturais de águas termais. Na época acreditava-se que as fontes termais poderiam curar diversos tipos de doenças. Contudo, o autor deixa claro que a água por si só não promovia a cura: era imprescindível a prescrição e acompanhamento médico para determinar o método (banho ou ingestão) e as doses adequadas. Ele ainda continua falando de outros tipos de tratamentos:

Ahi, como em todos os outros estabelecimentos de Carlsbad, há banhos de todas as formas, de gaz, ácido carbônico, de vapor de ar quente, duchas, termo alcalinos e lama. Banhos de lama estão sendo muito indicados para várias enfermidades, e como reconstituinte do Systema nervoso (Correio Paulistano, 18 jun. 1906, p.1).

Em complemento, ele menciona algumas moléstias tratadas nas estações, como as do aparelho digestivo, das vias urinárias e o diabetes, além de terapias complementares. Além de banhos, os tratamentos poderiam ser combinados com massagens, ginástica e passeios ao ar livre. Também se relatava a extração de sulfato de sódio das fontes, comercializado para permitir a reprodução do tratamento em outros lugares, mediante diluição específica. Segundo E.V., o local chegou a receber 55 mil visitantes.

É possível que esta tenha sido a técnica utilizada por Rui Barbosa para realizar seu tratamento em casa. Carlos Viana Bandeira informa que Rui Barbosa recorreu por

anos banhos de “estufa” — o que hoje chamamos de banho termal de imersão —, sempre com o acompanhamento do médico Álvaro Alvim. O procedimento era realizado no consultório do médico e ele mesmo dava os banhos em Rui Barbosa (Bandeira, 1960, p.274)

O artigo de E.V. chama a atenção, ainda, pela exaltação da infraestrutura estrangeira, contrastada com críticas ao Brasil, que, embora dispusesse de fontes termais, carecia, segundo o autor, de interesse em estruturá-las. Ele considerava as águas nacionais como “fracas”. Esse tom de valorização do estrangeiro remete a passagens discutidas no primeiro capítulo desta dissertação, nas quais Jacobina aconselha Rui Barbosa a adquirir móveis e cortinas na Europa, pela suposta superior qualidade. Por fim, E.V. reforça que as águas de Carlsbad não eram um remédio milagroso, podendo ou não ser adequadas ao tratamento de determinadas enfermidades. Tal caráter experimental pode indicar o interesse de Rui Barbosa por terapias médicas orientadas, realizadas no espaço doméstico, como parte de sua vida privada. Este interesse também reforça o caráter progressista de Barbosa na adoção de tratamentos experimentais.

Rui Barbosa parecia valorizar as fontes nacionais. Ao longo do tempo, realizou diversas viagens para estações de águas no Brasil: Poço de Caldas (1891 e 1911), Fazenda do Rio das pedras (1911), Caxambu (1892 e 1919), e para o Sanatório de Palmira (1922). Ele chegou a se internar no Sanatório de Palmira devido ao caso de embolia pulmonar. De acordo com Bandeira, o Sanatório de Palmira era um espaço de calma e repouso, onde os hóspedes mantinham contato com a natureza e alcançavam melhoras em seu estado de saúde (Bandeira, 1960 p.143) O episódio também recebeu destaque de outros memorialistas, como Nery (1955, p. 156), que relata a gravidade extrema do quadro, assinalando que, mesmo assim, Rui Barbosa teria recebido visitas do político inglês Charles Hughes e do presidente de Portugal, Antônio José; vide registro destacado abaixo:

Figura 08 – Visita do presidente de Portugal (sentado na cadeira de vime) à residência de Rui Barbosa (sentado de roupa clara).



Fonte: Arquivo FCRB SAHI, RB-rbic801. Autor não informado, 10/09/1922.

Nesta fotografia, é possível ver o reflexo de Maria Augusta Rui Barbosa e de sua caçula Maria Luísa, a Baby, no espelho ao fundo. Esta visita foi realizada à casa dos Barbos, em Botafogo. Há pequenas divergências sobre este evento entre os memorialistas. Enquanto Costa (1949) apenas registra a presença de um médico na residência de Rui Barbosa, Bandeira (1960) acrescenta que ele havia deixado o sanatório de Palmira para receber o presidente de Portugal e, em seguida, visitar o rei da Bélgica no Palácio Guanabara. Nesse sentido, optamos adotar a versão de Bandeira, por apresentar mais detalhes. Segundo o autor, o evento teria interrompido sua recuperação, mesmo após o abaixo-assinado de seus médicos. Sobre este último, detalha o autor:

Seu desejo, sua conveniência estava em dar o braço à mulher e partir para Genebra, onde tinha sua cadeira na suprema côrte da justiça dos povos. Chegou mesmo a pensar num e noutro transatlânticos para a viagem. Mas, transcorria na Europa a estação gélida. O cargo não era bastante remunerado. Nada tinha com êle o tesouro brasileiro. A Liga das Nações só pagava aos seus juizes 4.000 florins (1:750\$000) mensais, que, diga-se de passagem, Rui só entrou a receber depois de bem seguro de lhe sei isto lícito enquanto ausente de Genebra, e que venceu até 28 de fevereiro de 23. Com que desgosto se via êle impedido, por tôdas as formas, de rumar para a Suíça, de fugir das pompas epi acianas! Sim: as comemorações do I.º centenário de nossa independência, a exposição nacional, a visita do presidente de Portugal e de outras celebridades mundiais, especialmente convidadas. A contrapartida de tudo isto seria o rasgo dos “18 do Forte”. Rui não tomava conhecimento dos festejos públicos. (J) Tinha sofrido um ataque de edema pulmonar, que quase o levou à morte (julho de 1922). Sugestões penso que partidas do dr. Manuel de Carvalho Leite, marido de Elenita Dobbert, e ligado ao proprietário do Sanatório de Palmira, levaram-no até lá numa estação de cura. Realmente, êle se achava enfraquecido em excesso. Aceleravam-se a olhos vistos os efeitos daquela enfermidade. É verem-se os retratos que dêle se apanhavam em família. Naquele estabelecimento de saúde, onde se ofereceram a Rui e Cota acomodações à parte dos misteres relativos ao tratamento dos tuberculosos que lá se internam, Rui, em clima prodigioso, com um passadio dietético e um repouso que nada deixavam a desejar,

experimentou, acredito, os mais pacíficos dias terrenos dos seus longos 72 anos. Foi-lhe essa estação um prêmio de tranqüilidade, pelo menos física e talvez mental, antes da sepultura. Não tive ensejo de ir até lá, se bem que meu cunhado me convidasse insistentemente. Nem de lá houve motivo para Rui escrever-me. Sei, todavia, que êle prezou os dias passados na antiga Palmira, onde não trabalhou, e apenas leu sem cansaços. Apreciou-os, além do mais, porque era um contemplativo da natureza. (Bandeira, 1960, p.143)

Não foi possível confirmar, a partir das fontes consultadas, se Rui Barbosa e Maria Augusta retornaram ao Sanatório de Palmira após esses compromissos diplomáticos. Em 10 de janeiro de 1923, Rui seguiu para Petrópolis, com o objetivo de continuar o repouso (Magalhães, 2021, p. 263). Contudo, sua agenda política e interesses pessoais acabaram sobrepondo-se à recuperação.

A publicação que traz mais detalhes sobre os últimos meses de Barbosa é Rui Barbosa na intimidade, escrita por Antonio Joaquim da Costa (1949), seu já mencionado mordomo. Sob o título “Vai se apagando a Luz”, o autor inicia o relato sobre os momentos finais, descrevendo uma crise de saúde mais grave que as anteriores (Costa, 1949, p.118). Embora não forneça detalhes sobre a causa, deixa claro tratar-se de um quadro severo, pois o episódio motivou a reunião de uma junta médica composta por seis profissionais, com o objetivo de buscar uma solução (Costa, *idem*)

Identificamos que alguns episódios de enfermidades não foram relatados pelos memorialistas. Como por exemplo o episódio de 1876 — anteriormente citado. Isso evidencia a existência de uma hierarquia na seleção de acontecimentos, de acordo com os interesses de cada memorialista.

Costa, por exemplo, menciona uma crise de saúde de Barbosa em seus últimos momentos. Nos capítulos “Última reunião política em Petrópolis” e “As três últimas palavras”, afirma que mesmo em crise, Barbosa fez questão de participar do que veio a ser a sua última atuação como político (Costa, 1949, p.125). Nesta última reunião a pauta era a situação política da Bahia, seu estado natal, sob o qual Barbosa sempre estava atualizado. Isso se confirma ao identificarmos que o último discurso redigido por Rui Barbosa foi o manifesto intitulado *À Bahia*, datado de 11 de janeiro de 1923 (Barbosa, 1923), e escrito enquanto tentava recuperar sua saúde na residência de Petrópolis. Diz o cabeçalho do discurso:

O Último Discurso –Rui transfigura-se. A expressão semi-agonizante do seu rosto transmuda-se na energia borbulhante da vida. Os olhos fuzilam. E a voz irrompe da garganta com a força, o ímpeto, o timbre dos seus grandes surtos tribunícios. [...] E falava tão alto, que na rua Ipiranga os transeuntes pararam e d. Maria Augusta veio do interior da casa para ver de que se tratava. E todos nós a lhe assegurarmos a nossa solidariedade com o que ele resolvesse, fosse como fosse. E Calmon a dizer que ministro de Bernardes com este conversara antes de subir a Petrópolis. Mas durante cerca de vinte minutos, víramos Rui, a rugir,

como nos seus grandes dias [...] O último ato de sua vida foi esse impetuoso, ardente e rápido discurso, ao meio-dia de 27.” (1943, p.385-395)

O estudo deste manifesto está em andamento sob orientação da pesquisadora Laura do Carmo⁸.

Segundo João Mangabeira (1943), durante a reunião foi lida, em voz alta, uma carta de Aurelino Leal endereçada a Rui Barbosa, revelando que o candidato indicado por ele para as eleições na Bahia não havia sido aceito (Mangabeira, 1943, p. 384). A reação de Rui, de acordo com Mangabeira, como se pode observar na citação acima, foi explosiva. Ainda sobre o ocorrido, Antonio Joaquim da Costa relatou a perspectiva da família, expondo a preocupação com Rui Barbosa durante o discurso:

Entrando em convalescença, foi Rui Barbosa para Petrópolis. Infelizmente, pouco tempo depois, tornava o Conselheiro a ter outra crise, desta vez bem mais grave. Dias antes tinha Rui Barbosa dado o seu último passeio pelo jardim, — seria o passeio da despedida de suas queridas flores. Da nova crise Rui Barbosa não mais se reergueu. Em fevereiro de 1923, estava o Conselheiro reunido com vários políticos baianos para discutir a situação política da Bahia. **A discussão, por parte de Rui Barbosa estava tão viva, que Dona Maria Augusta, receosa, tentou impedir, pedindo ao Conselheiro que não falasse tanto e viesse almoçar primeiro. Mas qual! Rui Barbosa continuava cada vez mais animado.** O Coronel Carlos Viana Bandeira, cunhado de Rui Barbosa, chegou-se a mim e pediu-me que fôsse buscar o Conselheiro. — Dona Maria Augusta é que devia ir, “Seu” Carlito. — Mas Cota já foi e não arranhou nada. Diga-lhe que o almoço já está na mesa, Antônio. — Então porque não vai o Senhor, “seu” Carlito? — Eu já fui e também não arranhei nada. Se você não o fôr tirar de lá agora, dentro em pouco teremos um morto no chão. Receoso, saí em busca do Conselheiro. Encontrei no caminho o S r. Conde Pais Leme, íntimo amigo de Rui Barbosa, e pedi-lhe para que o fôsse buscar. Mas também ele não o quis fazer, dizendo: — **Diga ao Conselheiro que estive aqui e o ouvi falar; se demorar mais cinco minutos, com a inflamação que está não resistirá.** Sem perda de tempo entrei na sala e pedi ao sr. Ministro Miguel Calmon que fôsse ter com Dona Maria Augusta, e aproximando-me do Conselheiro, **peguei-o carinhosamente pelo braço e fui trazendo-o para a Sala de almoço.** O Conselheiro nada me disse, apenas me olhou com severidade pela intromissão que acabava de praticar (Costa, 1949, p. 122-124, grifos nossos).

No mesmo dia, à noite, sua saúde piorou consideravelmente conforme os registros. Neste momento, Carlos Vianna Bandeira estava presente e auxiliou sua irmã Maria Augusta nos cuidados junto ao leito. Vejamos as palavras do Bandeira sobre sua experiência:

⁸ Doutora em Língua Portuguesa, Laura do Carmo é pesquisadora do setor ruiano da FCRB e orientadora do projeto de pesquisa Levantamento de fontes e transcrição de textos para Obras Completas de Rui Barbosa (OCRB).

Eu sempre fui, em todos os tempos, o enfermeiro de Rui. Minha vocação se manifestou no momento em que descobri a centopeia em baixo da cama dêle. **Por isto, cabia-me estar-lhe à cabeceira na noite de 28 de fevereiro.** Quando todos começaram a recolher-se, Maria Augusta, estratificada em bravura, chamou-me à alcova, e fêz-se substituir por mim. **Rui tomara um laxante, cujos efeitos se manifestavam de vez em quando. Reclamava-me. Entregava-se a meus braços. Era um feixe de ossos, que não iria a mais de 50 quilos.** Via-se atendido; aliviado, asseado e ajustado ao travesseiro, e murmurava: “Coitado de você!” — Isto, em todo o correr da noite. — “Coitado de você!”, “Coitado de você!”, “Coitado de você!” E nada mais. Por quê ? Não era êle quem estava à morte? Segredava-lhe o que me ocorria, vãs palavras de irrisório conforto, de mal sussurradas esperanças. O peito, porém, se me apertava, e eu estrangulava na garganta as exclamações da angústia e da piedade, que não podia externar. Às 8 da manhã de 1.º de março, reapareceu-me Maria Augusta, espectral, como sombra da mulher que sabia ser em sua natural vaidade; e, sem palavra, reassumiu seu posto. Retirei-me para meu aposento, onde em vigília me esperava laiá. Atirei-me ao leito, dizendo à minha entristecida mulher: — “Estamos sem o nosso Rui, que já mal respira (Bandeira, 1960, p. 151, grifos nossos).

Antônio Joaquim da Costa relatou um episódio curioso ocorrido no dia da morte de Rui Barbosa: o relógio holandês, adquirido em Londres e colocado na copa da casa da Rua São Clemente pelo próprio Rui, teria parado de funcionar exatamente no momento exato de seu falecimento. Em seu relato, Costa descreve ainda outros aspectos dos últimos dias de Barbosa, louvando a memória de seu empregador:

No dia 27 de fevereiro, Dona Maria Augusta mandou chamar Frei Celso, a fim de que Rui Barbosa se confessasse. À cabeceira do Conselheiro encontrava-se o Dr. Correia de Lemos, levando um café para o Dr. Lemos, perguntei se o Conselheiro também o desejava. Fêz sinal que sim. Saí, e fui buscá-lo. Quando voltei, segurou a xícara, deu umas voltas com a colher, quis que o deitasse um pouco, pois estava sentado na cama, estendi-lhe as mãos para que se firmasse e ao procurar recostar na cama disse-me três palavras que não compreendi. O Dr. Correia de Lemos perguntou-me se tinha entendido o que o Conselheiro queria dizer. Disse-lhe que não. Disse-me o Dr. Lemos: — Que pena, foram três palavras, as últimas, e não podemos saber. E assim, a 1.º de março de 1923, não podendo mais resistir aos padecimentos, deixou-nos para sempre Rui Barbosa. **Por uma coincidência que não nos é dado aprofundar, o relógio que havia trazido de Londres e que colocara na copa de sua casa, em São Clemente, parara às 8,45 da manhã, deixando marcada a hora em que Rui Barbosa expirou.** ‘A vida não tem mais que duas portas; uma de entrada, pelo nascimento; outra de saída, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída’. Rui continuará entre nós. Será eterno, porque procurou ensinar-nos que, sem justiça e sem liberdade, um povo será incapaz de viver. (Costa, 1949, p.125-126, grifo nosso).

Logo, Costa, memorialista atento, legou-nos um testemunho acessível e íntimo, sob a perspectiva de quem o acompanhou de perto durante tantos anos. Com notável propriedade, ofereceu uma fonte valiosa para compreender a cultura material de Rui Barbosa, o contexto histórico de seus usos e algumas das questões que a envolveram.

A certidão de óbito indica a paralisia bulbar apenas como consequência de uma toxemia. Apesar disso, Gonçalves relaciona a crise final a um esforço mental e os depoimentos de testemunhas do último discurso em Petrópolis atribuem a morte ao extremo desgaste causado por aquele aborrecimento (Gonçalves, 1999, p. 173-174). Tal toxemia pode não guardar relação com quaisquer das causas que possamos aventar. Pode tanto ter decorrido da ação de toxinas externas, como também poderia ser resultado de um acúmulo de toxinas endógenas que os rins não conseguiram eliminar. Afinal, o estado de saúde de Rui Barbosa já se encontrava debilitado, ao menos desde o edema pulmonar de meados de 1922, episódio quase fatal (Bandeira, 1960, p. 143), considerado tão grave que motivou a administração da extrema-unção (Jornal do Brasil, 1922, p. 7).

O falecimento de Barbosa repercutiu em jornais da época. O jornal *O Paiz* de 2 de março de 1923 citando o depoimento de Calmon, atribuiu a paralisia da garganta a um resfriado que atingiu sua glote. Isso teria ocorrido depois do banho do dia 28, dissociando, assim, sua enfermidade do aborrecimento do dia anterior. O periódico reconstituiu a sequência de eventos da seguinte forma. Na tarde de 27 de fevereiro, Rui sentiu uma ligeira indisposição e, na madrugada do dia 28, seu estado de saúde havia se agravado. Pela manhã, foi chamado o Dr. Correia de Lemos, que diagnosticou paralisia bulbar. Com o agravamento da situação, Lemos solicitou a presença do Dr. Luiz Barbosa — que viria do Rio de Janeiro para realizar uma reavaliação do caso. Este último confirmou o primeiro diagnóstico. Mesmo medicado, não houve melhora no quadro de Rui. Então, por volta das três horas da tarde, a piora se iniciou. (*O Paiz*, 2 de março de 1923, p.3)

A situação era grave. Segundo João Mangabeira (1943), Barbosa já haveria passado, em agosto, “por uma crise mortal, da qual milagrosamente escapou – um edema pulmonar complicado com uremia⁹”. Na ocasião, “deu-lhe a comunhão o monsenhor Rangel. Após se restabelecer do período eminente, os médicos disseram a D. Maria Augusta que a vida de Rui estava por um fio”. (Mangabeira, 1943, p.379) Já a neta Lucila, recorda que o quadro de uremia se agravou muito antes. Para ela isso ocorreu no contexto da declaração do estado de sítio, decretado pelo presidente Artur Bernardes, em 1922:

Depois eu queria contar o exemplo de vovô. Vovô tinha estado muito doente. Ele nem foi nesse casamento. Ele tinha estado a morte a uns meses antes. Teve uremia. A casa vivia aberta com luzes. As portas não se fechavam. Um dia esqueceram um.... [fim da gravação da parte 2 da entrevista que, ao ser retomada, não concluiu o assunto sobre o que foi

⁹ Uremia: [Medicina] Intoxicação geral provocada pela falta de eliminação, pela urina, das matérias tóxicas produzidas no funcionamento orgânico. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/uremia> [consultado em 14-03-2024].

esquecido] ..., mas, então voltando ao assunto. **Vovô havia estado muito doente uns meses atrás e essa casa não se fechava noite e dia e o telefone também não parava. E depois da doença os médicos puseram vovô em rigoroso repouso.** Tinha que ficar numa cama ou então sentado em poltrona. Não podia estar saindo nem se agitando. **Quando houve a revolução, eu acordei com esses vidros aqui desta sala todos balançando e quando fui à sala de jantar todas as cristaleiras balançavam e os cristais também. Porque era o grande canhão, da Fortaleza de Copacabana, que atirava contra a cidade.** [...] Então eu estava aqui andando pelo corredor e ouço uma discussão de vovô e vovó. **Vovô dizia assim: “Cota (ele chamava vovô de Cota), eu tenho que sair e tenho que ir ao Senado”. – “Rui, você não vai porque os médicos não querem, você esteve muito mal”. – “Não, é meu dever ir”.** [...] Quando viram o vovô subir enrolado num sobretudo, num cachecol, subiu assim com dificuldade, sentou na cadeira, levantou-se e disse: “Está aberta a sessão”. Depois disse: “Voto pelo estado de sítio”. Votou pelo estado de sítio porque a cidade... “porque os civis estão em perigo”. E foi embora. Agora ele votava pelo estado de sítio a favor do adversário da véspera dele que era o Epitácio Pessoa. Ele, em vez de tomar o partido contra o Epitácio, ele achou que a justiça estava em defender os civis. Então o estado de sítio por um tempo curto, como de fato foi decretado por um tempo curto. E voltou para casa. (Pereira, 1994, grifos nossos)

Maria Luísa (Baby) relatou que a mansão da rua São Clemente possuía dois telefones: o “oficial”, no quarto de vestir de Rui Barbosa, dentro da biblioteca, e outro, de uso comum, na sala de conversa — provavelmente o que recebeu a notícia de sua morte, em março de 1923 (Projeto Memória de Rui, 2024 p.61). O servente do museu, Antonio Ventura, descreveu esse aparelho como preto, “daqueles de pé que a gente pendurava assim no gancho”. Informava que já o havia encontrado deslocado para a portaria do museu. A empresa Light o teria recolhido posteriormente (Projeto Memória de Rui, 2024 p.61).

Apesar de a certidão de óbito não indicar infecção, memorialistas próximos mencionaram que Rui sofria de pneumonias, edema pulmonar e gripes fortes, e que ele próprio disse às netas estar apenas com “ligeira traqueíte” (Projeto Memória de Rui, 2024 p.360).

Rui Barbosa faleceu pouco depois e seu corpo foi embalsamado em Petrópolis pelo Conde Paes Leme, com o auxílio do Dr. Omar Campelo. Rui Barbosa Neto, então estudante de medicina e com menos de 18 anos, acompanhou parte do procedimento, mas foi afastado ao sentir vertigem. O embalsamador afirmou que o corpo permaneceria preservado por 50 anos, previsão já superada à época de seu depoimento (1976). Neto relatou que a experiência o marcou a ponto de abandonar o curso de medicina no quarto ano, optando por formar-se em direito. O corpo permaneceu em Petrópolis por algumas horas antes de ser transferido ao Rio de Janeiro, onde ficou exposto por três dias na

Biblioteca Nacional, sendo depois conduzido em cortejo a pé até o Cemitério São João Batista. (Projeto Memória de Rui, 2024 p.236)

Ainda em seu quarto em Petrópolis, o corpo foi visitado por diversas pessoas (Figura 09), antes mesmo da composição do outro ambiente para um velório maior, o qual seria realizado na cidade do Rio de Janeiro (A Noite, 5 de março de 1923).

Figura 09 – Velório de Rui Barbosa em Petrópolis. Autor não informado, 1923.



Fonte: Arquivo FCRB SAHI, RB-rbic 255.

Após o primeiro velório, com missa de corpo presente, o esquife foi transportado de trem até o Rio de Janeiro, sob a companhia de admiradores de Rui Barbosa. Durante todo o trajeto, multidões se formaram para acompanhar o primeiro cortejo em Petrópolis. O itinerário do funeral pode ser dividido em três etapas. O primeiro cortejo percorreu o trajeto da rua Ipiranga, nº 405 — a “casa do descanso”, até a estação de trem de Petrópolis, contando com a presença de quatro ministros de Estado, do prefeito do Distrito Federal e do senador Azeredo, que conduziram as alças do caixão. Partiu, então, pela Estrada de Ferro Leopoldina até a estação Praia Formosa, no Rio de Janeiro. No Rio, o cortejo atravessou a Avenida do Mangue, a Praça XI, a Praça da República, a rua Marechal Floriano, passou pelo Colégio Pedro II, Praça Floriano e Avenida Rio Branco, chegando à Câmara dos Deputados, instalada então na Biblioteca Nacional. Dali, partiria o terceiro e último cortejo até o Cemitério São João Batista, realizado em 4 de março de 1923.

Embora reconheça o caráter político de mitificação da figura de Rui Barbosa, Gonçalves (1999, p. 178, 194-196) observa que o período entre 1900 e 1930 foi marcado por outros funerais grandiosos, com forte apelo popular, bandas militares e presença de

personalidades. Ainda assim, tanto o Barão do Rio Branco quanto Rui Barbosa receberam “honras de chefe de Estado sem o ser” (Gonçalves, 1999, p.195).

O corpo chegou à Biblioteca Nacional em 2 de março, onde uma equipe elaborou um molde para a produção de uma máscara mortuária (Figura 10). A operação com gesso foi realizada sobre uma mesa na sala da secretaria da Câmara dos Deputados, instalada provisoriamente na Biblioteca Nacional de 1922 a 1926. Posteriormente, a máscara (Figura 11) foi incorporada ao acervo do museu-biblioteca.

Figura 10 – Sala em que foi retirado o molde em gesso para a máscara mortuária, na Câmara dos Deputados.



Fonte: Arquivo Rui Barbosa. SAHI, RB-rbic2222.
Autoria não informada, 1923.

Figura 11 – Máscara mortuária de Rui Barbosa.



Fonte: Acervo MCRB. Autora:
Pinheiro, 2023

A máscara mortuária de Rui Barbosa, em bronze, é protegida pela vitrine que, para fins de exposição, permanecia pousada sobre a mesa de tampo quadrangular, pernas torneadas, quatro pés circulares, escalonados e achatados. Na base do pescoço, no lado direito, lê-se a autoria da peça: A. BALDISSARA. Em placa de metal amarelo, recortada e sobre o forro de veludo, a inscrição, em negro: RUY BARBOSA / 5 - 11 - 1849 / estrela de cinco pontas / 1 - 3 - 1923, e na base do pescoço no lado esquerdo: MÁSCARA DE RUY BARBOSA.

Até a manhã do dia 4 de março, o público pode visitar o saguão da Biblioteca Nacional e prestigiar o velório. No saguão havia sido instalada uma câmara, com um altar de 4m de altura ao fundo (Figura12). Na tarde deste dia, foi realizada a missa de corpo presente pelo Monsenhor Fernando Rangel.

Figura 12 – Câmara ardente no hall da Biblioteca Nacional. Autoria não informada, 1923.



Fonte: Arquivo Rui Barbosa. SAHI, RB-rbic194.

Foram proferidos diversos discursos até o momento do último cortejo, que seguiu pela Av. Beira Mar e rua São Clemente. Fizeram uma parada na mansão e, ao anoitecer, seguiram até o Cemitério São João Batista. Após mais discursos e homenagens, transportaram o caixão até a capela situada no alto do cemitério. Ali foi o local de sepultamento até o ano seguinte, quando finalizaram a construção do mausoléu da família. Até o fechamento dos portões, às 20h, o público permaneceu no cemitério.

Gonçalves analisou o conteúdo das homenagens póstumas e seu caráter laudatório da figura de Rui Barbosa. De acordo com o autor, as narrativas eternizaram sua efígie em analogia ao contorno das montanhas fluminenses, chamando-o de “Gigante Deitado” (Gonçalves, 1999, p.193). Gonçalves ainda evidenciaria uma veneração sustentada por crenças em relação à sua vida íntima e emoções a ele atribuídas, descrevendo Rui Barbosa como um abolicionista “de primeira monta” (Gonçalves, 1999, p.189), um homem caridoso e “capaz de trabalhar doente e mesmo com febre” (Gonçalves, 1999, p.190).

Apesar da carência de registros fotográficos do primeiro e do segundo cortejo, podemos inferir que o esquife esteve o tempo todo coberto com uma bandeira. No acervo, existem duas bandeiras que foram utilizadas. A primeira envolveu o ataúde de Rui Barbosa durante o transporte de seus restos mortais de Petrópolis para o Rio de Janeiro. Ela foi doada pelo seu funcionário Antônio Joaquim da Costa e incorporada ao acervo museológico em 1929. A segunda, por sua vez, foi guardada pela viúva até seu falecimento em 1948, e foi incorporada ao acervo em 1966, por doação da filha Maria Luísa.

2.2 - O último quarto e a seleção de narrativa por meio de objetos

Na cobertura da morte de Rui Barbosa, a *Revista da Semana* (1923), publicou uma cópia da foto do cenário da morte de Rui, por J. A. Vieira (Fig. 13)

Figura 13 - Enterro de Rui Barbosa, Petrópolis.



Fonte: Arquivo Rui Barbosa SAHI-FCRB, rb-rbic176. Autor: J.A. Vieira, 1923.

Ao comparar a foto publicada com outras fotos encontradas no SAHI, algumas particularidades podem ser observadas. Os originais fotográficos, de propriedade de Antônio Joaquim da Costa, foram incorporados ao acervo arquivístico da FCRB em 1958. No registro original (Fig. 14) — que não foi publicado —, nota-se a presença de alguns objetos, como um urinol embaixo da cama e um narguilé, situado ao lado da mesa de cabeceira.

Figura 14 - Quarto de Rui Barbosa na casa de Petrópolis.



Fonte: Arquivo Rui Barbosa, SAHI-FCRB, RB-rbic1032. Documento iconográfico original. Autor: J. A. Vieira, 1923.

A Revista da Semana, em sua edição de 10 março de 1923 realizou uma homenagem ao intelectual e político, reproduzindo a mesma fotografia do quarto de Rui Barbosa, porém, com alterações. A imagem aparece recortada na lateral esquerda, excluindo, com isso, alguns itens. A cópia foi uma das fotografias utilizada para ilustrar a matéria intitulada Em Torno do Leito de Ruy Barbosa, contendo uma longa reportagem sobre a sua trajetória. Supunha-se, na época, que era possível ver o espírito de Rui Barbosa com óculos sobre o travesseiro em que morreu. Contudo, a revista admitiu na própria reportagem que a visualização do espírito não passava de uma ilusão provocada pelo bordado da fronha.

Retomamos a análise de Gonçalves a respeito das publicações em periódicos contemporâneos à morte de Barbosa e, igualmente, à algumas das homenagens a ele prestadas, afinal, havia grande comoção nacional e ele recebeu honras de Estado. Busca-se a partir delas, compreender melhor os motivos que podem ter levado ao recorte da fotografia pela revista. Tanto nos ritos fúnebres como nas reportagens exaltavam suas virtudes, seu caráter e sua inteligência excepcional. Deixavam-se de lado as características ordinárias de Barbosa, as quais tinha em comum com outras pessoas. A retórica fúnebre, assim, estabelecia uma nítida separação entre o corpo e o intelecto (Gonçalves, 2000, p.2).

O padrão citado por Gonçalves repete-se na Revista da Semana (1923): ao exaltar o intelecto de Rui Barbosa é recorrente a utilização de expressões como “grande”, “gênio” e “soberano”, reforçando a dimensão intelectual do morto. Ao tratarem de seu falecimento identifica-se o uso de expressões como “expirou”, “apagou-se a luz” e “passou-se dessa vida”. Uma hipótese plausível é que a supressão de objetos da cena tenha sido deliberada, compondo uma narrativa que desse maior destaque ao lugar onde esteve o corpo perecível do “herói nacional”, perpetuando sua imagem como figura imbatível. Seria esse o caso da cena alterada? De todo modo, Gonçalves considera a individualidade do Rui Barbosa Imortal e seu corpo inerte perecível podem ser lidos como “dois protagonistas do funeral” (Gonçalves, 1999, p.191). De maneira semelhante, a leitura supersticiosa de alguns contemporâneos insistia em ver, sobre os lençóis, sua presença simbólica, mesmo que seu corpo não estivesse mais lá.

Conforme pontuado anteriormente, no documento iconográfico original de J. A. Vieira, observa-se um enquadramento mais amplo, sem retoques, onde consta o urinol e o narguilé. Cabe aqui algumas observações sobre esses artefatos. Tradicionalmente, os narguilés ou cachimbos d'água eram usados para inalar, por vaporização a partir de uma

solução aquosa, folhas, flores, especiarias, frutas, café ou uma combinação de vegetais com propriedade analgésica. No caso do ópio, frequentemente consumido por este instrumento, seu efeito gerava uma potente ação analgésica, derivada da morfina presente em sua composição. A morfina já havia sido isolada em 1806, seguida pela codeína em 1832 e a papaverina em 1848, todas com efeitos analgésicos. Por volta deste período, puderam passar a ser administradas em substituição ao ópio, no combate à dor e aos desconfortos causados pela desinteria.¹⁰

Embora disponhamos apenas da fotografia — e não haja, até o momento, registros documentais sobre o uso do narguilé no tratamento médico de Rui Barbosa —, o contexto iconográfico permite situar tais objetos na cena de sua morte. A análise de João Felipe Gonçalves (1999), apesar de não se deter especificamente sobre essa imagem, identifica outros elementos que contribuíram com a operação social e política de desumanização de Barbosa. Este processo de mitificação teria iniciado em seu Jubileu Cívico- Literário¹¹, em 1918. Essa perspectiva sustenta a hipótese de que a remoção de objetos associados às fragilidades e necessidades fisiológicas do personagem visou reforçar a construção de uma imagem idealizada; distante das fraquezas mortais. Não por acaso, o urinol e o narguilé não foram incorporados ao acervo museológico.

Podemos também aventar a hipótese de que o que foi considerado como singular no patrimônio material de Rui Barbosa poderia estar mais relacionado a um valor de mercado (Kopytoff, 2008, p. 110). Mesmo assim, é preciso considerar que os valores agregados a itens simples, enriquecem a cultura material e ampliam as conexões com pessoas cujas identidades não foram sacralizadas. Sobre esse tema, Igor Kopytoff identifica esta operação como apagamento das coisas; algo bastante semelhante à operação de apagamento e silenciamento sobre pessoas e grupos sociais. Afirma o autor:

A emoção das biografias é picaresca. Ao mesmo tempo, o indivíduo que não cabe em determinados nichos é singularizado na forma de uma identidade especial — sagrada ou perigosa, ou por vezes ambas — ou ele é simplesmente excluído. Nessas sociedades de pequena escala as coisas são modeladas da mesma forma. (Kopytoff, 2008, p. 120).

¹⁰ Apesar do uso medicinal recorrente em depressão do SNC, atuando no sistema límbico, na massa cinzenta, na espinal medula e em algumas estruturas periféricas, outros autores relataram efeito excitante do ópio, em todos os casos, aumentando o vigor físico e clareando a mente. Informações extraídas de Danilo Freire Duarte, na Revista Brasileira de Anestesiologia, v.55, n.1, jan.-fev, 2005, disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/01_12_2021_10.30.09.6c407ef1497287ce09c56cbf0ce64638.pdf Acesso em: 23 out. 2024.

¹¹ O Jubileu Cívico- Literário foi um evento organizado por correligionários de Rui Barbosa, aconteceu no em 1918 em Salvador. O objetivo do evento foi comemorar o cinquentenário do primeiro discurso de Rui Barbosa (Gonçalves, 2000 p.1)

Kopytoff argumenta ainda que ele há riqueza de informações sobre a memória no que é culturalmente praticado pela população, e isso merece ser pesquisado, porque é diverso e heterogêneo.

Um exemplo dessa heterogeneidade é encontrado no lote entregue por Maria Ferreira, funcionária pessoal da viúva. Ele possuía o estojo de seringa, uma seringa e outros itens que podem estar relacionados ao tratamento de um enfermo em leito domiciliar. Além disso, há relatos de Costa e de uma neta de Rui Barbosa sobre a prática de aplicar injeções por um método aparentemente comum na época, a saber:

Assistida por Da. Maria Augusta. Lembrou então o Dr. Lemos que tivera um caso idêntico ao do Conselheiro, e que **certa injeção tinha dado resultado**. Da. Maria Augusta, virando-se para o Dr. Lemos, disse que se responsabilizava pelo que houvesse. **Todos foram de acordo que se lançassem mão da injeção, pois o estado de saúde do Conselheiro era grave**. Virando-se para mim, o Dr. Lemos falou: — Antônio, tome um automóvel, vá à Drogaria Silva Araújo e traga-me esta injeção. **Tomei rapidamente o carro e 20 minutos depois estava a injeção nas mãos do Dr. Lemos que a deu imediatamente no Conselheiro**. — Dentro de pouco tempo, se Deus o permitir, teremos a reação, disse o Dr. Lemos. Minutos depois chegava o Dr. Lopes Martins acompanhado de Monsenhor Rangel. Vinha pedir ao Conselheiro que se confessa. Assim se foram passando alguns minutos e daí a pouco, com a graça de Deus, e para alegria de todos nós foi o Conselheiro melhorando (Costa, 1949 p.120, grifos nossos).

A análise conjunta de bibliografias, cartas e notícias de jornais permitiu indicar possíveis contextos em que a família de Rui Barbosa manteve artefatos médicos em sua residência, revelando, ao longo da investigação, episódios de enfermidades — sobretudo as enfrentadas pelo próprio Rui — e as estratégias, por vezes dispendiosas para tratá-las. Essa perspectiva aproxima a figura da família de uma dimensão mais humana, ainda que marcada por lacunas, como a escassa presença de personagens relevantes, a exemplo de Maria Augusta, cuja atuação permanece pouco documentada. Apesar dessas ausências, o conjunto de informações obtidas, resultado das iniciativas de Rejane Magalhães e Claudia Reis, fornece subsídios valiosos para aprofundar a compreensão sobre a presença e o significado desses objetos no acervo, consolidando este estudo como uma contribuição efetiva para a interpretação de sua cultura material. Assim, é possível aprofundar a compreensão da presença destes objetos no acervo.

CAPÍTULO 3

APLICAÇÃO DO MÉTODO PROSOPOGRÁFICO NA CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIA DOS ARTEFATOS DE MEDICINA DO MCRB

3. APLICAÇÃO DO MÉTODO PROSOPOGRÁFICO NA CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIA DOS ARTEFATOS DE MEDICINA DO MCRB

Para compreender a adaptação do método prosopográfico e sua aplicação na análise dos artefatos de medicina do Museu Casa de Rui Barbosa, é necessário apresentar algumas bases teóricas sobre a prosopografia. Dois trabalhos são fundamentais para orientar o uso dessa metodologia: A Trajetória da formação da coleção de objetos C&T do Observatório do Valongo por Maria Alice Ciocca, em 2011, e A Coleção de Paleoinvertebrados do Museu Nacional UFRJ por Joana David Caprário de Lima, em 2019. Ambas foram produzidas por pesquisadores do PPGPMUS e adapta o método prosopográfico a outros acervos: os dois trabalhos oferecem possibilidades de aplicação do método prosopográfico, pois as duas autoras adaptaram à sua maneira a prosopografia no contexto da Museologia.

A prosopografia é um método utilizado pela área de História para a construção de biografias coletivas, por meio da elaboração de um questionário ou de uma análise de indivíduos que compõem um grupo. Ele é um método que permite o estudo de grupos que apresentam, a um primeiro olhar, informações heterogêneas com lacunas ou inconsistências. Ao analisar as respostas do questionário, é possível estabelecer correlações em múltiplas dimensões, identificando, assim, as características que configuram o grupo. Já a prosopografia adaptada se mostra adequada ao estudo de coleções, pois com ela é possível recorrer a uma ferramenta indireta de pesquisa (Lima, 2019, p.150).

Importante destacar que, apesar de a prosopografia ser considerada o método das biografias coletivas, prosopografia e biografia são conceitos muito distintos. A biografia é o estudo da história de vida de um indivíduo, de sua trajetória, relações e experiências. Neste contexto, a biografia coleta e analisa dados biográficos, datas, celebrações, memórias. Já a prosopografia é um método de análise coletiva da biografia que configura um grupo. Ela se debruça sobre as conexões entre indivíduos de um grupo (Lima, 2019, p.190). Assim, o foco da prosopografia está no conjunto de biografias de um número significativo de indivíduos que formam um grupo considerado homogêneo. Na prosopografia cada indivíduo interessa na medida em que apresenta informações sobre o coletivo, considerando suas características internas e externas, suas semelhanças e diferenças (Verboken; Carlier; Dumolyn, 2007 p.140).

Para a aplicação e adaptação do método prosopográfico no estudo de cultura material, é necessário, portanto, estabelecer os objetos como fontes primárias, mesmo que tenham papéis mais passivos como documentos. Os objetos e artefatos, a depender

do contexto, podem contribuir para a construção de narrativas sobre um assunto determinado (Lima, 2019 p.151). Diversos ciclos de pesquisa no MCRB realizaram estudos caso dos artefatos de medicina do MCRB, explorando possibilidades de uso diante da humanização de membros da família Rui Barbosa. Dentre alguns desses projetos, vale mencionar: “Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público”, resultado do trabalho de Gabriela Lúcio e, também, o estudo “Conservação de conjuntos museológicos identificados dentro das coleções do acervo museológico do Museu Casa de Rui Barbosa”, realizado por Jessica Maria. Ambos, retomaram assuntos anteriormente tratados por Gonçalves (1999) e Cláudia Reis (2002).

No processo de adaptação do método prosopográfico, deve-se buscar compreender as relações que as pessoas têm com os objetos, indo além da análise de documentação. Para isso, é preciso estabelecer interpretações agrupadas sobre os objetos, a fim de direcionar as questões para as características da própria cultura material dos objetos. Esse tipo de estudo deve considerar que objetos transmitem sinais que elucidam padrões e estruturas de sociedade. Assim, a interação entre objeto e observador torna-se uma imprescindível fonte de informação (Lima, 2019, p.151).

A adaptação de métodos para a análise de objetos é algo praticado desde meados dos anos 1980. Um dos primeiros modelos de interpretação de informações para a construção de biografias coletivas estabeleceu três etapas: a descrição, a dedução e a especulação (Prown, 1982). A primeira etapa corresponde à identificação da descrição física do objeto no inventário, suas dimensões, número de partes, cores e texturas. A segunda etapa consiste em uma análise subjetiva resultante da relação observador e objeto, isto é, um processo de dedução onde deve-se explorar uma perspectiva mais sensorial. Por fim, na última etapa, o observador recorre à especulação, ou seja, a associação livre de ideias e percepções para estabelecer hipóteses sobre o contexto do objeto (Prown, 1982, p.7). Diante de lacunas ou de informações incompletas, esta última deve ser explorada com moderação. Hipóteses sem sustentação ou pouco formuladas podem sugerir um falso histórico para o contexto dos itens analisados.

Outro modelo pioneiro aplicado a artefatos estabelece um conjunto de questões para orientar o estudo contextual; são elas: Como? O que? Onde? Quando? Por quem? E por quê? Deste modo, as perguntas visam auxiliar o autor/pesquisador a organizar as propriedades de um objeto em quatro campos: de sua cultura material, do contexto de sua história, do ambiente em que era utilizado e, por fim, os significados que se podem elaborar. Mais especificamente, o material diz respeito às propriedades físicas do objeto como design, construção e tecnologia; a história remete à contextualização e à descrição da sua função e uso; o ambiente envolve a relação do objeto com o espaço; em seguida,

o significado inclui a análise das mensagens emocionais e psicológicas. Assim, a análise conjunta dessas categorias constitui a interpretação do objeto (Lima, 2019, p.160).

Os modelos citados atribuem sentidos aos objetos a partir da análise do coletivo e da identificação de padrões contextuais e físicos. Estes padrões remetem ao universo do qual os objetos fazem parte. Neste sentido, a adaptação do método prosopográfico se mostra eficiente no estudo de documentação em museus, pois reúne informações preenchidas em uma ou mais versões de fichas, reunindo assim a visão que cada profissional teve sobre o objeto, elencando informações consideradas pertinentes em épocas diferentes. Para uma adaptação bem-sucedida do método, não basta extrair informações sobre os objetos; é fundamental interpretá-las, assim o observador tem um papel importante no processo (Lima, 2019, p. 161). Não obstante, a atribuição de identidade a um grupo de objetos se torna mais eficaz com a colaboração de outros observadores, com a exposição e os registros dos critérios definidos.

Os modelos descritos discordam nas etapas definidas como intermediárias, mas, no fim, propõem o estudo da cultura material orientada para o objeto. Nesta linha de estudo, considera-se que os valores atribuídos pelos usuários ou observadores são mais culturais do que econômicos e manifestam-se em um conjunto de atividades específicas como, por exemplo, colecionar, preservar e documentar (Mensch, 1990, p.142). A pesquisa, a documentação, a conservação e a comunicação são, sobretudo, atividades que representam os principais pilares de sustentação do conceito de *museu* (Icom, 2022). Assim, produzir e difundir conhecimento a partir de objetos é algo inegociável para museus. Pensar os objetos no contexto de coleções é uma linha de pesquisa muito presente no MCRB.

A construção de trajetória consolidada nesta dissertação considera que os objetos são intermediários dos vínculos, agregações e desagregações entre humanos (Latour, 2012). Esta teoria é intitulada ator-rede, e possui características interessantes para a adaptação do método prosopográfico, pois agrega mais um ponto de vista a ser explorado nos objetos. Neste sentido, essa teoria fortalece o argumento de análise de artefatos que permaneceram guardados por tanto tempo.

No âmbito das coleções, o fato de os artefatos de medicina integrarem a coleção A do MCRB constitui um dado relevante; considerá-los intermediários das relações representa um outro dado. O foco principal da pesquisa, entretanto, é compreender e contextualizar essas relações. Apesar de a teoria apresentar características estruturantes para a pesquisa, há alguns aspectos de sua aplicação que devem ser ponderados. A perspectiva ator-rede atribui aos objetos aquilo que o autor determina como “agência”, ou seja, a capacidade do objeto atuar na rede, influenciando o estabelecimento, a manutenção e a durabilidade de vínculos” (Lima, 2019, p.164). Considerando que esta

dissertação se concentra na construção de trajetórias e na compreensão da cultura material dos objetos, a atribuição de agência pode desviar o enfoque da contextualização para uma análise mais centrada na individualização do objeto. Algo que considera-se incompatível com a proposta de adaptação do método prosopográfico.

Por consequência, quando se considera artefatos como documentos, não se pode desconsiderar a presença do coletor, do colecionador e do doador enquanto presença multiforme nas vias de produção de identidade e circulação dos objetos. Além disso, os artefatos reafirmam o indivíduo no campo da cultura material. A afirmação do indivíduo é interessante no sentido em que permite o contexto físico e institucional em que as relações se estabelecem (Menezes, 1998, p.96).

Estabelecemos alguns critérios e etapas considerando as informações reunidas para adaptar o método prosopográfico. Assim, seguiremos os seguintes critérios:

- A população a ser pesquisada é a das coleções do Museu Casa de Rui Barbosa.
- Os indivíduos a serem identificados foram os artefatos de medicina doados pela camareira Maria Ferreira em 1972.
- O questionário a ser aplicado foi adaptado para o estabelecimento de palavras-chave que evidenciassem as relações que os artefatos têm entre si e com o contexto pesquisado.
- A sistematização e a organização dos dados por meio da construção de uma tabela para visualização e comparação, elencando as mesmas categorias para os objetos analisados.

Assim, garantimos que o método seja adaptado sem perder suas características principais, assegurando maior eficácia. Os critérios foram estabelecidos, portanto, observando as etapas que se repetem nas teorias sobre a prosopografia. São elas: 1) definição de um grupo a ser pesquisado; 2) estabelecimento de pontos norteadores da pesquisa para análise coletiva (Questionário x Chave contextual); 3) interpretação dos dados por meio da sistematização das informações coletadas em tabela. Como pressuposto, considera-se que os artefatos possuem o que chamamos de fase de uso primário (utilização pela família Rui Barbosa) e fase museu (trajetória museológica do artefato).

Para sistematizar e organizar, produziu-se uma tabela com 9 seções: artefato, data, fabricante, usuário, palavra-chave, referências, número de registro, data de aquisição, procedência. Estas categorias foram estabelecidas considerando as fases de uso do artefato (Fase de uso primário e fase museu) e buscando coletar informações sobre os aspectos físicos e sobre seu contexto. Além disso, as categorias também

consideram os indivíduos envolvidos na aquisição dos artefatos durante a fase de uso primário e na doação/compra na fase museu.

A Tabela 1, a seguir, apresenta a relação entre as etapas e questões propostas pelo método prosopográfico e as categorias instituídas para a tabela a ser utilizada na análise dos artefatos de medicina do MCRB:

Tabela 1- Adaptação do método prosopográfico para os artefatos de medicina do MCRB

O que?	Onde?	Quando?	Quem?
Objeto	Origem	Data	Fabricante
N de registro	Local	Data de aquisição	Usuário
Chave contextual			Procedência

Assim sendo, este capítulo aplica a adaptação do método prosopográfico para os artefatos de medicina e propõe, ao final, uma interpretação sobre eles. Deste modo, cada categoria da tabela corresponde a uma pergunta que pode ser pertinente à compreensão da cultura material dos artefatos de medicina do Museu Casa de Rui Barbosa.

3.1 - A apresentação de artefatos de medicina no Museu Casa de Rui Barbosa

Este subitem tem como objetivo apresentar como o MCRB caracterizou seus artefatos de medicina ao longo do tempo, permitindo identificar e mapear a trajetória dos artefatos selecionados para a pesquisa e apresentá-los em uma linguagem comum ao Museu e à sua comunidade de servidores. Nos anos 1960, a servidora Regina Monteiro Real iniciou a classificação do acervo do MCRB em categorias. Na época, os artefatos que suscitam este estudo foram classificados na categoria “objetos de uso”. Muitos dos objetos que constam na relação do leilão fazem, hoje, parte do acervo museológico por terem sido adquiridos ao longo do tempo pela instituição, por compra ou doação de familiares e amigos. Entretanto, da lista, composta por 386 itens, alguns formados por diversos objetos, tais como faqueiros completos, aparelhos de jantar, cristais, entre outros, nem todos retornaram ao museu (Rangel, 2015, p.103).

Para se referir a essas fichas, utiliza-se o conceito de documentação museológica, isto é, a documentação produzida pelos arquivistas do próprio MCRB para os registros e análises da área de Museologia. Considerando que a Museologia é o estudo da relação

do homem com o real, o entendimento é que a documentação museológica vai além da catalogação do objeto ou do artefato. Nesta documentação, é fundamental a relação entre os sujeitos que utilizaram os objetos e as possíveis conexões entre grupos que formam as coleções (Ballardo, 2022, p.87).

Durante a pesquisa para a dissertação foram consultadas fichas de Claudia Reis que dividem o acervo em conjuntos que remetem a temas específicos como: Morte de Rui Barbosa, Antônio Joaquim da Costa e Petrópolis. Nestes conjuntos de fichas foi localizado um documento classificado como Medicina Saúde. Mesmo com poucas informações escritas, ao agrupar os números de registros dos objetos Claudia Reis registrou a relação contextual que determinados grupos compartilham, assegurando, para o futuro, uma orientação de reflexão e permitindo que um trabalho de mapeamento da cultura material pudesse ter continuidade. A partir das pistas deixadas por Cláudia Reis, esta pesquisa propôs a adaptação do método prosopográfico como ferramenta para o preenchimento de lacunas de informação.

A partir da Ficha de Regina Real, foram estabelecidas as palavras chaves iniciais “Medicina” e “Saúde”. Em paralelo, foi consultada a publicação “Saúde, higiene e Toalete: Estudo do Acervo Museu Casa de Rui Barbosa”, de Claudia Reis, publicada em 2002. Nesta publicação, os assuntos são tratados separadamente por tópicos: dois capítulos são dedicados à saúde — “Rui Barbosa: sua saúde e conhecimento médico” e “O Rio de Janeiro - endemias e saúde pública” —; um capítulo é dedicado aos banheiros — “Banhos e Banheiros”; e um capítulo é dedicado às toaletes. Ao final da publicação, a autora apresenta uma conclusão, um glossário e os destaques do acervo. Realizou-se um recorte, a fim de considerar apenas os textos relacionados à saúde.¹²

No curso de suas pesquisas, a própria museóloga Cláudia Reis, na década de 1980, extraiu de sua análise o que chamou de conjunto de “Medicina/Saúde”. Ela registrou o conjunto por meio da produção de fichas, como a apresentada na Figura 15:

¹² Futuramente, em outras pesquisas, espera-se que os tópicos “higiene” e “toalete” também sejam explorados, pois, no lote entregue em 1972, também foram encontrados objetos que se encaixam nessa classificação.

Cláudia Reis em 1980, sistematizando os dados e relacionando os objetos que apresentarem contextos semelhantes. Apesar de não ser o foco desta pesquisa, o estudo e breve análise do conjunto Saúde, Higiene e Toalete pode esclarecer algumas dinâmicas em que os objetos do lote 72 poderiam estar presentes. Mais à frente, serão apresentadas informações sobre o estojo homeopático — que só foi possível coletar por meio da investigação iniciada por Reis.

Além do levantamento bibliográfico e das consultas às fichas antigas, foram realizadas buscas no banco de dados dos acervos da FCRB (SophiA) com palavras que se repetiam nas cartas como “saúde”, “moléstia” e “homeopatia”. Na figura 16, apresenta-se uma imagem da base de dados: a primeira interface de pesquisa fornece informações básicas em formato de link, possibilitando o encaminhamento para o assunto relacionado ao item e às referências utilizadas no preenchimento.

Figura 16 – Busca no Sofia sobre Homeopatia

The screenshot displays the search interface of the Fundação Casa de Rui Barbosa. The header includes the institution's name and a navigation bar with links to Home, Pesquisa (Search), Autoridades, Minha seleção, and Serviços. Below the navigation bar, there are links for Ajuda, Acessibilidade, and Alto contraste, along with an Entrar button. The search section features a search bar with the text 'Homeopatia' and buttons for 'Buscar' and 'Limpar'. There are also dropdown menus for 'Qualquer coleção' and 'Qualquer unidade'. The results section shows 45 records found across 5 pages. The first record is a document titled 'No gabinete Médico-legal da política - Os senhores da República' by GLICÉRIO, Frederico. The second record is a document titled 'No gabinete Médico-legal da política - Os senhores da República' by FCRB 5.05.01 5.05.01 Proc.46/86 1986. The interface includes filters for Material (Livro, Documento textual de arquivo, Folheto, Documento especial de arquivo) and Idioma (Português, Francês, Inglês, Espanhol). There are also buttons for 'Selecionar todos', 'Desmarcar selecionados', 'Enviar para minha seleção', 'Salvar favoritos', and 'Nova pesquisa'.

Fonte: Base de dados Sophia, Museu Casa de Rui Barbosa. Autora: Silva J., 2024

Desta base, analisamos aproximadamente 45 registros, nos quais foram encontrados livros e documentos relacionados à homeopatia, que participaram de uma exposição pioneira realizada pelo MCRB em 1986. A exposição teve como título A história da Homeopatia no Rio de Janeiro e ocorreu entre os dias 4 e 5 de julho de 1986.

Em sua coordenação estavam os pesquisadores Ângela de Araújo Pôrto e Luiz Guilherme (Sophia, 2007, p.11).

Saúde e higiene, por serem temas recorrentes na vida pública de Rui Barbosa, foram abordadas nos seguintes eventos e publicações: a exposição *Rui e Seu Mundo* (1972/73); a exposição itinerante História da Homeopatia, na FCRB em 1986; o volume 4 Saúde, Higiene e Toalete, da série Estudo do Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, de Cláudia Barbosa Reis, e a mostra Saúde, Higiene e Toalete: um paralelo entre Rui, sua casa e sua época, realizada pelo MCRB em 2018 — também a partir da pesquisa de Cláudia Reis. A tabela 2, a seguir apresenta, os seguintes objetos do acervo museológico que foram expostos na mostra saúde higiene e Toalete:

Tabela 2- Objetos que estiveram na mostra Saúde, Higiene e Toalete.

	BANHEIRO I (Área privada)
29.357A	Frasco de vidro em formato cilíndrico – loção anti-calvície
29.438A	Balde de toalete de faiança branca
29.452A	Saboneteira retangular em metal prateado, arredondada nos quatro cantos
29.461A	Porta-frasco de madeira castanho claro envernizado, de forma cilíndrica
29.462A	Porta-frasco de madeira castanho claro, envernizado, de forma cilíndrica
29.465A	Porta-frasco de madeira avermelhado, de forma cilíndrica, contendo frasco de vidro
29.466A	Porta-frasco de madeira castanho claro, envernizado, de forma cilíndrica
29.474A	Navalha com cabo de chifre preto
29.473A	Afiador de navalhas de madeira castanho claro, de formato retangular e punho anatômico
29.475A	Navalha de metal prateado e cabo de chifre preto
49.806A	Afastador de cutículas em metal prateado. Cabo de prata decorado.
49.807A	Afastador de cutículas em metal prateado. Cabo de prata decorado.
72.927A	Afastador de cutículas, com extremidade espatulada e reta. Engaste cilíndricos de marfim.
72.928A	Afastador de cutículas em galalite verde, com extremidade espatulada e retangular.
72.929A	Lixa de unhas em metal, com cabo de prata trabalhado com motivos fitomorfos em relevo.
72.939A	Lixa de unhas em metal prateado e prata, cabo trapezoidal.
72.940A	Pinça com cabo decorado por folhas, flores e volutas em relevo.
72.941A	Espátula em metal e cabo de prata decorado por folhas, flores e volutas em relevo.
73.948A	Lixa de unhas em metal, com cabo de marfim que se alarga, terminando em ponta
77.1003A	Lavatório em ágata branca
72.923A	Alicate de unhas em metal prateado
06.1246A	Vaso sanitário
06.1247A	Caixa de descarga em louça branca

06.1248A	Pias de ferro (par)
06.1249A	Banheira em ferro esmaltado de branco
Sala HABEAS CORPUS	
53.829A	Bacia de prata
53.830A	Gomil em prata
53.831A	Frasco para perfume, cilíndrico em cristal azul e prata
53.832A	Frasco para perfume, cilíndrico em cristal azul e prata
53.833A	Saboneteira retangular em cristal azul e prata
53.834A	Porta-escovas retangular em cristal azul e prata
53.835A	Porta pó de arroz circular, em cristal azul e prata
53.836A	Porta-esponja circular, em cristal azul e prata
53.837A	Porta pó de arroz circular, em cristal azul e prata
Sala MARIA AUGUSTA	
41.613A	Bengaleiro em porcelana nos tons branco e azul
49.791A	Pote de cosmético em cristal
49.792A	Polidor de unhas em metal prateado
49.793A	Escova de cabelo oval, em metal prateado e cerdas beges
49.794A	Escova de cabelo oval, em metal prateado e cerdas beges
49.801A	Polidor de unhas
49.802A	Caixa para cosmético e guarda de pó para polimento de unhas
49.803A	Caixa para cosmético e guarda de pó para polimento de unhas
54.842A	Grampo de cabelo nos tons terras, preto e beges. Irregular na parte superior, com borda sinuosa e rendilhado
54.843A	Grampo de cabelo em tartaruga. Irregular na parte superior, com borda sinuosa e rendilhado
54.844A	Grampo de cabelo em tartaruga. Terminando em dentes curvos, roliços e afinando-se para baixo.
54.845A	Grampo de cabelo em tartaruga. Parte inferior com três dentes curvos.
Sala CASAMENTO CIVIL	
29.236A	Vaso sanitário em faiança branca, portátil, com duas alças e tampa decorada em relevo
29.237A	Bidê portátil em faiança branca rajada de cinza
29.477A	Pincenê de lentes ovais. Lentes unidas por arco curvo e flexível em metal branco. Em estojo forrado de papel couro preto e internamente de veludo roxo.
29.451A	Estojo de toalete retangular, em couro verde, tendo na parte superior inscrição gravada em dourado
29.453A	Farmácia homeopática portátil em estojo de couro preto, granulado, em duas partes e quatro abas com fecho de metal
29.455A	Bota ortopédica
29.457A	Porta-frasco de madeira castanho claro envernizado, de forma cilíndrica
29.458A	Porta-frasco de madeira castanho claro, envernizado, de forma cilíndrica, contendo frasco de vidro.
29.459A	Porta-frasco de madeira castanho claro envernizado, de forma cilíndrica
29.460A	Porta-talco de madeira clara envernizada de forma cilíndrica com seis furos em cada lado

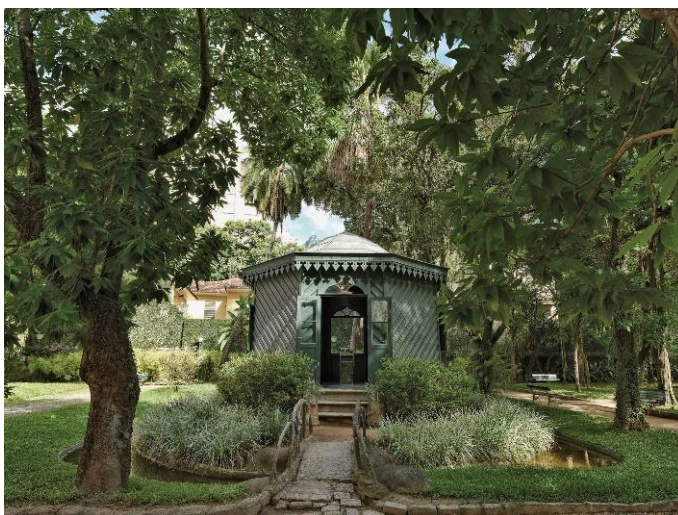
29.463A	Porta-frasco de madeira, de forma cilíndrica contendo frasco de vidro no seu interior
29.464A	Porta-frasco de madeira castanho, de forma cilíndrica contendo frasco de vidro
29.478A	Pincenê de lentes ovais, azuis, ligadas por armação de metal sinuosa
29.508A	Copo circular de metal prateado
29.509A	Saboneteira oval em metal prateado
29.510A	Porta-escova oval em metal prateado
41.640A	Gomil com ornamentação em gomos ondulados, dispostos em movimento convergente
41.641A	Bacia com ornamentação em gomos
58.864A	Óculos de lentes ovais, transparentes, montadas em armação de ouro.
66.888A	Pincenê de lentes ovais, presas por armação em ouro
81.1057	Óculos de lentes circulares, hastes douradas e apoio para nariz em tartaruga.
BANHEIRO II (Área de Serviço)	
29.439A	Balde de toalete em faiança
06.1252A	Vaso sanitário
06.1253A	Pia
06.1254A	Mictório
06.1255A	Caixa de descarga
06.1256A	Banheira
06.1270A	Bidê
Sala QUEDA DO IMPÉRIO	
29.166A	Bengala de junco, curva em uma extremidade e com ponteira de metal na outra
29.442A	Escova de dente em osso
29.443A	Escova de unhas em osso
29.445A	Conjunto de três próteses dentárias em metal, porcelana e vulcanite
29.450A	Pente de osso nos tons beges e terras. De formato retangular, estreitando-se para uma das extremidades
29.506A	Gomil em metal prateado
29.507A	Bacia em metal prateado
49.752A	Mesa de apoio [para refeição de acamado
58.865A	Escova de cabelo em madeira castanho claro, de formato oval
72.914A	Copo
72.916A	Óculos com armação em plástico bege e lentes arredondadas
72.919A	Termômetro convencional em vidro e mercúrio
72.920A	Colher de sopa em metal prateado. Cabo plano, extremidade curva com decoração fitomorfa em relevo.
775.969A	Xícara em porcelana branca, com friso dourado na borda. Encaixada a armação de metal prateado

A partir do mapeamento de objetos que participaram da exposição de 1986, foram realizadas duas ações: destacaram-se com fundo cinza os objetos que foram doados juntos em 1972. Esta ação evidencia um ponto importante na trajetória museológica dos

objetos: a participação em uma exposição demonstrando que enquanto grupo os objetos possuem relação contextual anterior a esta dissertação.

Outro fator observado, é que o conjunto apresentado relaciona-se com a estrutura sanitária da mansão da família Rui Barbosa. Recordemos que era uma estrutura relativamente moderna para a época, pois, como citado no primeiro capítulo desta dissertação, a casa esteve em reforma durante dois anos. Foram realizadas adaptação dos banheiros, na copa e na cozinha; instalação de um balneário no quiosque em madeira e telhado de zinco no jardim; colocação de estantes sob medida na biblioteca de Rui; instalação de uma linha telefônica; e, ainda, implementação de sistema de iluminação a gás domiciliar. É possível vislumbrar alguns dessas modificações nas Figuras 17, 18 e 19.

Figura – 17 Quiosque de madeira



Fonte: Arquivo MCRB Autor: Fialdini, 2013

Figura 18 - Chuveiro



Fonte: Arquivo MCRB Autor: Fialdini, 2013

Figura 19 - Banheira



Fonte: Arquivo MCRB Autor: Fialdini, 2013

Entre as adaptações, instalou-se uma bomba d'água mecânica que levava a água da cisterna — junto ao tanque de pedra — até o balneário. Este último, estava situado em uma pequena ilha no centro de um lago circular, permitindo que um chuveiro enchesse a banheira. Esta área era bastante utilizada pelos filhos e netos da família durante o verão. Para aquecer a água da cozinha, empregava-se um sistema de serpentina a partir do fogão. Assim, a água quente circulava na torneira da pia maior da copa e na torneira da banheira do banheiro, onde se banhavam as crianças.

Deste modo, com as informações apresentadas neste capítulo, pode-se afirmar que este conjunto é bem amplo, incluindo os lavatórios de madeira do mobiliário, anteriores à água encanada, com suas bacias e gomis que ficavam sobre os tampos de mármore desses lavatórios.

Figura 20 – Lavatório no quarto de vestir do casal no Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo MCRB Autora:
Pinheiro Ferreira 2024

Figura 21 – Lavatório do quarto de vestir de Rui, dentro de sua biblioteca.



Fonte: Acervo MCRB Autora:
Pinheiro Ferreira 2024

Figura 22 – Pinheiro, 2024. Lavatório do quarto do casal em Petrópolis.



Fonte: Acervo MCRB Autora:
Pinheiro Ferreira 2024

Os lavatórios provenientes do quarto do casal (Figura 20), do quarto de vestir de Rui Barbosa dentro da sua biblioteca (Figura 21) e o que veio do quarto do casal em Petrópolis (Figura 22), estão atualmente dispostos na casa da Rua São Clemente. Materialmente, eles podem ser considerados testemunhas de contextos vividos pelo casal antes de desfrutarem de água encanada.

Foi diante desse conjunto saúde-higiene-toalete que a pesquisa precisou recuar para enxergar o horizonte que se apresentava em relação à saúde da família Rui Barbosa. Contudo, dentro deste conjunto, estão objetos de toalete relacionados à rotina de barbear de Rui. Esses itens de toalete, não de medicina, revelaram uma relação

contextual com as práticas de receituário homeopático estabelecidas por Bittencourt, fiel barbeiro e amigo de Rui.

Figura 23 -Conjunto de Barbear de Rui Barbosa



Fonte: Acervo MCRB Autora: Pinheiro, 2024.

Uma das navalhas do acervo apresenta marcações no cabo. Discretamente, o nome Vitor Bittencourt foi sulcado por uma ferramenta pontiaguda. Bittencourt foi o primeiro barbeiro de Rui Barbosa na rua São Clemente. Ele também era um médium espírita que, segundo testemunhas, recebia mediunicamente receitas de remédios homeopáticos. O depoimento de Carlito registra uma experiência vivida pelos Barbosa:

Morando em S. Clemente, Rui adotou o hábito de barbear-se em casa. O primeiro de seus oficiais tinha o sobrenome de **Bittencourt. Era um português desembaraçado, de algumas letras, dado ao espiritismo, e, assim, com uma clientela cada vez mais avultada, a quem ele receitava homeopatia.** Instalou-se, no fim da vida, à Rua Voluntários da Pátria, onde se fez importante, criando fama. Seu entêrro tornou-se acontecimento memorável, tal a multidão de pessoas de tôdas as classes sociais, que o acompanharam ao S. João Batista. Passou, depois, a servir a Rui um fígarb, também lusitano, que atendia por Azeredo, antigo auxiliar do primeiro. Não sei por que motivo veio êste a ser substituído por um colega, chamado Ricardo, igualmente de além-mar, amigo do mordomo Antônio, seu introdutor em S. Clemente. Tinha êsse barbearia na mesma rua, a poucos passos da casa de Rui. (Bandeira, 1960, p. 65, grifo nosso)

Entretanto, Vitor Bittencourt não foi o único elo entre Rui Barbosa e a medicina homeopática. O próprio Barbosa estudava a homeopatia e tratava-se com essa técnica. Há diversas menções à medicina homeopática e às farmácias Murtinho, Werneck e Antunes & Irmão nas fontes primárias do Arquivo Rui Barbosa. Um exemplo disso pode ser comprovado em um pedido de Rui Barbosa realizado em alto mar, a caminho da II Conferência da Paz, em Haia:

Friburgo, 6 de fevereiro de 1900. [...] Manda-me trazer um vidrinho de plumbum homeopático, dinamização 30a (Farmácia Murtinho). [...] R. M. S. P. Araguaia, 24 de maio de 1907. [...] Daqui a pouco devemos estar na Bahia. Peço-lhe me compre na farmácia Murtinho e me envie pelo correio 10 vidros (dos grandes) de tabletes de camomila e outros tantos de licodópio (5.a dinamização). (Bandeira, 1960, p.223 - 224)

A relação entre o ofício de barbeiro e a medicina tem origem na Europa. Em Portugal, havia uma distinção entre a prática clínica e a execução técnica de procedimentos. Os médicos, pertencentes a classes sociais mais altas, dedicavam-se ao estudo teórico da medicina da época, enquanto a execução dos procedimentos físicos ficava a cargo de auxiliares técnicos. Estes auxiliares eram geralmente barbeiros oriundos de classes sociais mais baixas e com pouca instrução formal (Gurgel, 2018, p.450). Com o tempo, esses profissionais passaram a se especializar e dividir em subgrupos como os barbeiros sangradores — responsáveis pela prática das sangrias — e os barbeiros homeopatas, os quais se debruçavam sobre o estudo e aplicação da homeopatia.

Ao buscar por assunto o fragmento “*homeop*” no acervo bibliográfico de Rui Barbosa — no sistema de base de dados dos acervos da FCRB —, foi possível encontrar ao menos 27 títulos cujo assunto é medicina homeopática nas publicações que se encontram nas estantes de sua biblioteca:

Figura 24 - Busca termo “Homeop” base de dados FCRB, acervos

Registros

Ordenado por Ident. lógica e física

Título	Autor	Ident. lógica e física	Unid. descrição
Higiene e tratamento homeopático das doenças domésticas	Seabra, Alberto	B-5 b-46	Livro
O médico homeopata da família	Bruckner	B-9 d-4	Livro
Homéopathie complexe	Marçais, A.	C-5 4-11	Livro
Organon del arte de curar ó exposicion de la doctrina medica homeopatica	Hahnemann, Samuel	D-3 A-60 2. ed. mexicana 1910	Livro
Le triomphe de l'homeopathie	Flasschoen, Charles Isidore	E-16 2-37	Livro
Reflexões sobre a arte de curar	Arruda, Marcos	F 2175	Folheto
Comment on défend sa santé par l'homeopathie	Clervoy, Charles	F 2688	Folheto
O medico homeopata do Laboratório de Alfredo Soares da Cunha Filho		F 4033	Folheto
Pequeno guia homeopático	Bruckner	F 61	Folheto
Guia para o tratamento seguro pela homeopatia de algumas enfermidades mais frequentes por Coelho Barbosa & C., chimicos homeopaths		F 809	Livro

Leituras medicas. Homeopathia	ANDRADE, Helvecio de	27-a-25	Folheto
The homoeopathic family instructor	Epps, Richard	B-10 a-35	Livro
Précis de thérapeutique homoeopathique des voies digestives	Cartier, François	B-14 d-21	Livro
Matière médicale clinique	Farrington, Ernest Albert	B-2 7-39	Livro
A verdade em medicina	Seabra, Alberto	B-2 8-49	Livro
A homeopathia ao alcance de todos	Oriard, Th	B-23 b-5	Livro
The homoeopathic	Ruddock, Edward Harris	B-23 b-8	Livro
The diseases of infants an children	Ruddock, Edward Harris	B-23 e-6	Livro
Médecine homoeopathique d'urgence	Sieffert, Gaston	B-23 b-18	Livro
Comment on devient homoeopathe	Teste, Alphonse	B-23 b-22	Livro
Johnson's therapeutic key	Johnson, Isaac D.	B-23 c-22	Livro
Pocket manual of homoeopathic materia medica	Boericke, William	B-23 c-25	Livro
La pratique de l'homoeopathie simplifiée	Espanet, A. d'	B-23 c-30	Livro
Mémorial de thérapeutique homoeopathique	Jousset, Pierre	B-23 c-32	Livro
Formulaire de thérapeutique positive	Sieffert, Gaston	B-25 2-16	Livro
Lectures on homoeopathic philosophy	Kent, James Tyler	B-25 b-19	Livro
Homeopathic therapeutics	Lilienthal, Samuel	B-27 2-1	Livro

Fonte: Base de dados acervos FCRB Autora: Silva J., 2025

Destes títulos, destacamos a revista (RB 112 B) *Annaes de Medicina Homeopathica*, 1912, do Instituto Hahnemanniano do Brasil — atualmente integrado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) —; a 2ª edição mexicana do *Organon del arte de curar ó exposicion de la doctrina médica homeopatica* (D-3 A-60), de 1910, edição comemorativa do centenário do autor Samuel Hahnemann; e *A homeopathia ao alcance de todos*, de Th. Oriard, traduzida do francês pelo médico homeopata Araujo Penna & Filho em 1905 (B-23 b-5). Este último livro foi exposto pelo MCRB, no programa roteiros temáticos, na mostra "Rui, sua casa e seus livros: o homem e a sua biblioteca", realizada de 18 de dezembro de 2018 a 12 de junho de 2019.

Outra exposição FCRB apresentou livros de Rui Barbosa e documentos preservados que tratavam de medicina homeopática. Em 1986, foram expostas algumas obras tais como: a carta citada acima, de Rui Barbosa a Carlos Bandeira, escrita em 6 de fevereiro de 1900; uma carta de Arthur Imbassahy a Rui, escrita em 29 de março de 1903; uma cópia de receita do Dr. Murtinho [s.d.], feita por Rui Barbosa; receita do Dr. Arthur Imbassahy para Rui, de 8 de agosto de 1920; e receita do Dr. Imbassahy para o funcionário Antônio Costa, de 27 de novembro de 1918. (Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986).

Com base nos levantamentos realizados — em cartas, livros e publicações — e nas informações presentes na base de dados do MCRB, foi possível reunir informações

interessantes sobre a relação de Rui Barbosa com a homeopatia, desde a biblioteca herdada de seu pai até os desdobramentos deste interesse no museu. Em resumo, o assunto “saúde” não é inédito dentro da instituição. A exposição sobre homeopatia no MCRB mostra a busca por um ponto de partida importante que foi revelado, por meio de pesquisas dentro do próprio Museu.

3.2 - Aplicação do método prosopográfico na construção da trajetória dos artefatos de Medicina do MCRB, análises e resultados

Para compreender melhor a classificação dos artefatos do grupo de Medicina/Saúde, tomamos como referência um estudo técnico de nomenclatura para o SUS na Secretaria de Saúde do Espírito Santo¹³. Para os instrumentos de medicina são utilizados os termos “órtese” e “prótese”:

ÓRTESES - utensílios utilizados junto ao corpo temporariamente [...], [como] óculos, lupas, telescópios (uma lente com grau maior) e lentes esclerais. Aparelhos ou dispositivos ortopédicos de uso externo, destinados a alinhar, prevenir ou corrigir deformidades, ou melhorar a função das partes móveis do corpo.

PRÓTESES - usadas para substituir algum órgão ou parte do corpo, peça ou dispositivo artificial utilizado para substituir um membro, um olho, um órgão, ou parte dele, como, por exemplo, prótese dentária, ocular, articular, cardíaca, vascular etc. (Camara dos deputados, Brasil, 2018 p.4-5)

As órteses se diferenciam por localização e instalação. No geral, elas são auxiliares nas funções de um membro, órgão ou tecido, para ação de endireitar, de tornar reto ou retificar. Vejamos os seus tipos: a) órteses internas ou implantadas: materiais de sutura e de síntese, materiais de osteossíntese, instrumental para vértebras, marca-passo implantado, bomba de infusão implantada etc; b) órtese externa ou não implantada: bengalas, muletas, coletes, colares, cervicais, aparelhos gessados, tutores, andadores, aparelhos auditivos, óculos, lentes de contato, aparelhos ortodônticos, palmilhas etc.; e, c) órtese implantada total ou parcial por ato cirúrgico ou percutâneo: fixadores externos, stents, drenos, etc. Já as próteses são utilizadas para a substituição total ou parcial de membro, órgão ou tecido, as próteses se diferenciam também por localização e/ou implantação. São 4 tipos: a) próteses internas ou implantadas: próteses

¹³ Órteses e próteses no sistema único de saúde. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/35839/ortese_protese_machado.pdf?sequence=1 Acesso em: 5 ago. 2025.

articulares, coração artificial, válvulas cardíacas, ligamentos artificiais etc.; b) próteses externas ou não implantadas: próteses para membros; c) próteses implantadas total ou parcialmente por ato cirúrgico ou percutâneo: implantes dentários, pele artificial; e, d) próteses estéticas, as que não têm ação funcional: próteses oculares, mamárias e cosméticas de nariz.

Adotamos esta classificação para situar os artefatos relacionados à medicina do acervo museológico de MCRB. É possível classificar, por conseguinte, os itens do Lote 72 da seguinte forma:

1. ÓRTESES - possivelmente as fundas, bengalas, bota ortopédica, óculos e pincenês de Rui Barbosa, um lorgnon de Rui Barbosa e um lorgnon de Maria Augusta Rui Barbosa.
2. PRÓTESES - possivelmente as 3 dentaduras musealizadas de Rui Barbosa
3. FRASCOS - de loção anti-calvície de uso de Rui Barbosa, mercúrio cromo, estojo com tabletes homeopáticos e frascos vazios
4. INSTRUMENTOS - seringa, agulha, estojo, o termômetro de Rui Barbosa e o termômetro de Maria Augusta, todos entregues como parte de um lote pela família da sua camareira Maria Ferreira em 1972.
5. ACESSÓRIOS - frasco lava-olhos e cálice de tomar comprimidos, exposto junto com o estojo de tabletes homeopáticos, em vitrine do circuito expositivo de longa duração.
6. EQUIPAMENTOS - há um no acervo, uma mesa de refeição para acamados, incorporada ao acervo no espólio de Maria Augusta, um ano após seu falecimento.

Este estudo de nomenclatura para o SUS nos aproximou do lote de itens que a camareira Maria Ferreira guardara. Analisaremos os instrumentos pertencentes a estas classificações. Iniciaremos pelas órteses, seguiremos para as próteses, e assim por diante.

3.2.1 As órteses e próteses

No conjunto do Lote 72 constam as seguintes órteses:

- a) Os óculos 58.864A, 66.886A, 72.916A, 81.1057A e 00.1228A
- b) Os pincenês 29.476A, 29.477A, 29.478A, 58.862A, 58.863A, 58.864A, 66.886A, 66.888A e 06.1273A
- c) Os lorgnons 51.818A, 72.915A, 81.1056A
- d) As fundas 29.448A e 29.449A
- e) A bota imobilizadora em gesso 29.455^a

Rui Barbosa sofria de hipermetropia e usava lentes de 4 dioptrias esféricas para visão à distância e 7 dioptrias para perto. Os óculos, portanto, pertenciam ele.

No acervo constam duas fundas do mesmo modelo, mas distintas no estado de conservação. A funda é uma espécie de cinta utilizada para diminuir o crescimento e as dores causadas por hérnias inguinais.

Figura 25 – Funda, exemplar 29.449A

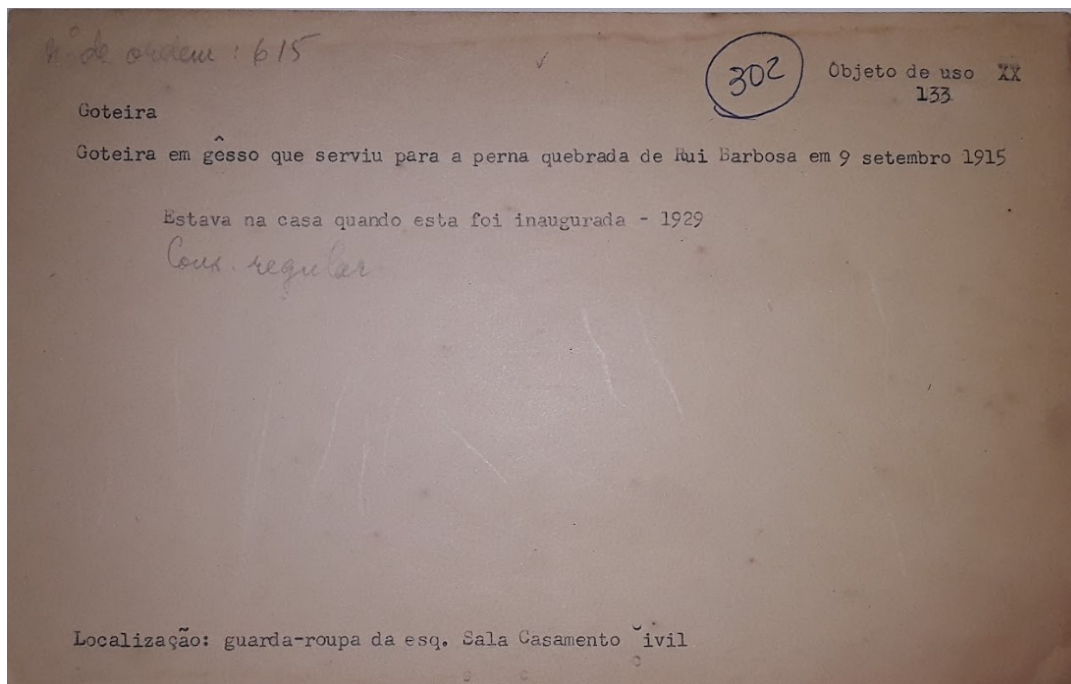


Fonte: Acervo MCRB Autora: Pinheiro, 2024.

Uma das fundas, identificada como e apresentada na Figura 25, apresenta marcas evidentes de uso, como puncionamento no metal. A outra funda, identificada como 29.449A, por sua vez, parece nova, sem uso. Estas fundas estavam anteriormente sem informação adicionais sobre posse e uso (Reis, 2002, p.14). Identificamos que eram de Rui Barbosa. Ele precisava usá-las frequentemente e “em Lisboa, quando exilado em começo de 1894, consultou médico sobre a hérnia inguinal, que tinha” (Bandeira, 1960, p.275).

Outra órtese localizada é uma bota ortopédica em gesso. Sobre ela, encontramos diversas informações. A bota, apresentada na figura 26, foi descrita como “Goteira” na sua ficha museológica. Esta órtese teria imobilizado a perna que Rui Barbosa quebrou em 09 de setembro de 1895. Na ocasião, seu grande amigo Pinheiro Machado havia falecido e Rui Barbosa sofrera um acidente que o impediu de comparecer ao enterro. A Bota ortopédica foi deixada na casa e incorporada ao acervo quando o imóvel foi adquirido pelo governo federal.

Figura 26- Ficha Museológica Goteira



Fonte: Arquivo do MCRB Autora Silva J., 2024

Figura – 27 Bota ortopédica acervo MCRB



Fonte: Acervo MCRB Autora: Pinheiro, 2023.

Ao consultar o levantamento bibliográfico, foram encontrados mais dados sobre o evento que levou Rui Barbosa à utilização da bota ortopédica:

Explica-se, assim, o não comparecimento de Rui ao entêrrro do grande amigo de outrora. Depois, afirmou-se que Rui, já pronto para a missa de

7º dia, tivera momentânea necessidade de consultar um livro de suas estantes, e, indo apanhá-lo, **caiu da leve escada de que se servia, quebrando, como se sabe, a perna esquerda** (15-9-1915). Oponho meus embargos à ida à missa. A situação era a mesma da data do entêrro. Além disto, Rui não me falara nas exéquias, para que eu o acompanhasse, tanto mais que me sabia no dever de, indo êle, ir eu também a elas. Não, não creio que Rui se dispusesse a comparecer à missa de Pinheiro Machado, prescindindo de minha companhia, e muito menos sem me dizer nada a respeito (Bandeira, 1960, p.125, grifo nosso).

[...] O doutor estava estendido no chão e ao fazermos menção de levantá-lo, deu um grito: "Cuidado com a minha perna. Ela está quebrada!". Caíra da escadinha. Assim, o Conselheiro foi obrigado a trocar a carruagem pelo automóvel. De cocheiro, passei a chofer, com carteira e tudo. Era mais cômodo para o Conselheiro usar automóvel, mas se queixava muito: tinha saudade das lindas parselhas de bestas. Só eu sei quanto desejo êle tinha de melhorar, para voltar à sua Coupê [sic], e ao seu Landeau [sic]. De todos os carros, era exatamente a Coupê, que êle mais gostava. (Carneiro, 1958, p.38)

O mordomo de Rui Barbosa, Antonio Joaquim da Costa, parece se referir ao mesmo evento neste trecho de suas memórias:

Em 15 de setembro de 1915, às 9 e 1/2 da manhã [sic], estando pronto para assistir à missa de 7º dia em intenção do General Pinheiro Machado, encontra-se Rui Barbosa no corredor com um amigo que vinha pedir-lhe um parecer. Escusou-se o Conselheiro no momento, alegando pressa, por estar na hora da missa, porém na volta o atenderia. Não se conformou com isto o amigo, e Rui Barbosa voltou à biblioteca mal humorado. Tomando a escada-cadeira, subiu o Conselheiro com pressa e ao estender a mão para apanhar o livro de que necessitava, **perdeu o equilíbrio e caiu sobre [sic] um sofá, partindo a tibia da perna esquerda**. Ao ouvir o barulho, todos correram para ver o que havia acontecido. Rui Barbosa achava-se caído no chão, muito pálido. Chamou-se imediatamente a Assistência, mas quem assistiu ao Conselheiro foi o Professor Conde Pais Leme. Passada a hora do pânico, já tudo calmo, disse Rui Barbosa em tom irônico: — Foi a última rasteira que o Pinheiro me passou. Não quis que fôsse [sic] à sua missa. E assim Rui Barbosa ficou impossibilitado de ir às livrarias e ao cinema, do qual era grande admirador, durante 70 dias (Costa, 1949, p.30-31, grifo nosso).

Após as consultas à documentação museológica, à bibliografia e ao acervo do Museu Casa de Rui, decidimos anexar ao recorte temporal do conjunto, a data do episódio.

No campo das próteses, a classificação foi ampliada, pois foram inclusos também frascos e instrumentos. Considerando os objetos entregues por Maria Ferreira, apresentamos a seguinte configuração:

1. Três próteses dentárias catalogadas com sob o número 29.445A

Os seguintes frascos:

2. A farmácia homeopática em estojo 29.453A

3. O recipiente de mercúrio cromo 72.917A
4. A caixa para remédio 78.1008A

Os instrumentos:

5. Os termômetros 66.890A, 72.919A
6. O estojo 72.913A com seringa e agulha

Os acessórios:

7. O cálice lava-olho 72.914A
8. O copo 841084A para ingerir medicamento

Entre as próteses destacamos a farmácia homeopática portátil de Murtinho Nobre & Comp., em estojo de couro verde. Ela foi ofertada ao museu por Antonio Joaquim da Costa, contendo 34 frascos de tabletes, com 6 frascos faltando para que estivesse completa.

Figura 28 - Farmácia Homeopática



Figura 29- Farmácia Homeopática



Fonte: Acervo MCRB Autora: Pinheiro, 2023.

Fonte: Acervo MCRB Autora: Pinheiro, 2023.

Figura 30 – Destaque frasco de remédio



Fonte: Acervo MCRB Autora: Pinheiro, 2023.

Dos 34 frascos catalogados, 18 trazem o endereço na etiqueta, onde se pode ler “Rua Gonçalves Dias, nº58”. Entre eles, foi possível transcrever, a partir do que estava legível, as seguintes denominações: CINA / BAPTISIA TINCT; IGNATIA AMARA; IPEÇACUANHA; NUX VOMICA; HEPAR SUPPHUR; SULPHUR; CHINA OFF; PHOPHORUS; SULPH; SPONGIA TOST.; LYCOPODIUM CLAV.; EUPATORIUM PERF.; APIS MELL.; GELSEMIUM SE-; MERC. SOL.; ARSENICUM ALB.; GRAPHITES e ARSENICUM IOD. Neste conjunto há ainda dois frascos sem indicação de endereço, ambos contendo tabletes, rotulados como BRYONIA ALB. e CLAC. CA.

Os outros 14 frascos apresentam o endereço “Rua Gonçalves Dias, nº24”. Existem neles 14 remédios diferentes com suas respectivas nomenclaturas, dos quais apenas dois rótulos se apresentam menos legíveis. As denominações identificadas são: SANGUINARIA CANAD.; COLOCYNTHIS; ACID NITRICUM; DRTOSERA ROT.; DULCAMARA; ZINCUM MET; VERATRUM VIRIDE1; DIGITALIS; PURP.1 KALIBCHR. 5; PODO PHYLLUM...CAUSTICUM; NATRUM SULPH 5; ACID. PHOSPH.3; VERATRUM ALB. 5; PODO PHYLLUM...T.5.[1]

Consta na base de dados do MCRB que a farmácia homeopática¹⁴ foi adquirida por Rui Barbosa, em 21 de junho de 1916. A aquisição teria ocorrido em Buenos Aires, por 120\$000 (cento e vinte mil réis). A reposição de frascos com endereços distintos e a falta de frascos, são indícios dos quais eram, de fato, consumidos.

A farmácia esteve na exposição itinerante *Rui e Seu Mundo* (1972/73) e na *A História da Homeopatia - RJ* (1986), ambas montadas pela Fundação Casa de Rui Barbosa. O conjunto está classificado na base de dados com estado de conservação regular, pois o couro está solto e faltam um fecho e 6 frascos.

Ainda sobre os artefatos, cabe falar das seringas. As netas Lucila e Estela relataram durante suas entrevistas para o Projeto *Memória de Rui*, alguns processos de esterilização da seringa em casa. Como se pode ver no trecho destacado abaixo, elas mencionaram o seu encantamento com a cor da chama do gás nos corredores da mansão da São Clemente:

Ana: [...] tinha um fogão a gás.... Tinha um fogareiro a gás naquele corredor que vai da cozinha para a copa.

Entrevistadora: O que a senhora chama de fogareiro?

Ana: Um fogãozinho.

¹⁴ Disponível em: <http://acervos.casaruiubarbosa.gov.br/index.html> Acesso em 29 de maio de 2025

Entrevistadora: No corredor?

Ana: Tinha uma perna e tinha um fogareiro, que quando vovô estava doente, aquele fogareiro ficava aceso a noite inteira.

Entrevistadora: Em frente à despensa?

Ana: Em frente à despensa. Fervendo as seringas de injeção. Aquilo se usava para...

Entrevistadora: Esterilizar, não é?

Ana: Esterilizar o material. E era a gás. E me lembro muito bem, era o gás acetileno. Quando faltava a luz, acendia-se aquela luz azul, acetileno. Era muito bonita, na casa toda.

Entrevistadora: Ah! Por isso que se conservou alguns bicos de gás.

Ana: A gente dizia: "Ih, meu Deus, vai faltar luz... isso é perigoso, acetileno". Diziam: "Não, fiquem tranquilos porque a Light paga 10 contos de réis por cada minuto que a luz está sem funcionar". (Pereira, 1994, p.576-577)

No conjunto dos itens entregues por Genoveva, constavam os itens elencados a seguir: uma seringa de vidro do fabricante argentino PHILA, com êmbolo também de vidro, acondicionados em estojo metálico com a inscrição "ESPA"; e, uma agulha reutilizável que integrava o estojo no momento de sua incorporação ao acervo museológico do MCRB. O estojo apresenta marcas de uso, como riscos, abrasões e sujidades. A partir do depoimento de Lucila, é possível levantar a hipótese de que o estojo tenha sido exposto à ação direta do fogo, pois metade de sua superfície apresenta escurecimento.

O estojo de seringas apresentado nas Figuras 31 e 32 integra foi musealizado juntamente com uma panelinha de alumínio (Figura 35), uma colher de sopa (Figura 34) e um termômetro de plástico do fabricante Taylor (Figura 33), além de outros itens aparentemente aleatórios.

Figura 31- Estojo de seringas



Fonte: Acervo MCRB Autora: Silva J., 2020.

Figura 32- Estojo de seringas



Fonte: Acervo MCRB Autora: Silva J., 2020.

Figura 33- Termômetro



Fonte: Acervo MCRB Autora: Silva J., 2020.

Figura 34- Colher



Fonte: Acervo MCRB Autora: Silva J., 2020.

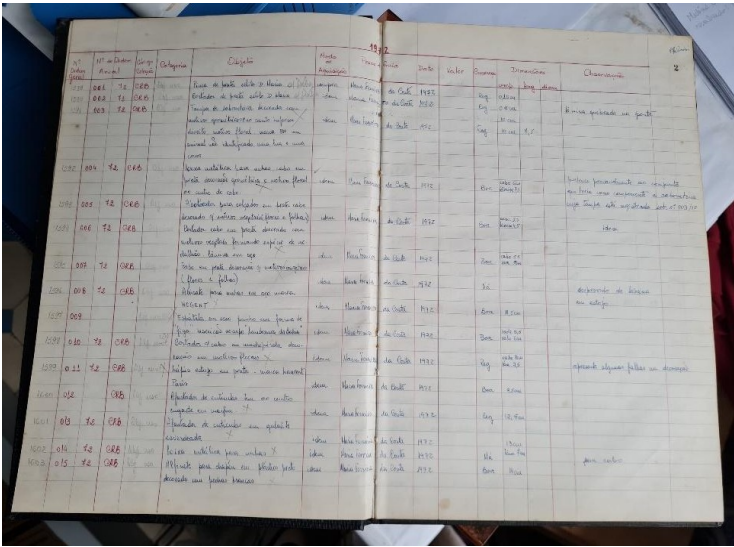
Figura 35- Panela



Fonte: Acervo MCRB Autora: Silva J., 2020.

De acordo com o livro de tombo de 1966, apresentado na figura 36, todos esses objetos haviam sido guardados por Maria Ferreira e trazidos, em 1972, por sua filha Genoveva. Ao consultarmos o MCRB sobre os livros de tombo, a servidora Marcia Pinheiro Ferreira sinalizou que o livro de 1966 continuou a ser utilizado por alguns anos além do planejado; foi a partir dele que iniciamos a busca por uma descrição mais próxima do que possa ter sido informado no ato da entrega.

Figura 36- Livro de Tombo 1966



Autora: Pinheiro Ferreira 2023

Ao todo, Maria Ferreira entregou ao MCRB 25 objetos variados: fivelas de cinto, saboneteiras, cliques para roupas e como citado anteriormente objetos de saúde. Até a publicação desta dissertação foram localizadas poucas informações sobre Maria Ferreira, na publicação de Claudia Reis ela é citada como uma *Femme de Chambre*¹⁵. Segundo Reis, Maria Ferreira era portuguesa e falava francês, a camareira veio de outra família que morava na Rua São Clemente, os Rocha Miranda. Para facilitar a visualização e sistematizar os dados transcrevemos o trecho do livro de tombo que apresenta informações sobre os objetos que têm como procedência Maria Ferreira:

Tabela 3 - Transcrição do livro de tombo.

Transcrição do trecho no Livro de Tombo de 1966 com itens da aquisição feita em lote	Procedência	Ano
Pequeno lampião de prata inglesa. [frase ilegível] 1891	Maria Ferreira da Costa	1972
Pinça de prata estilo D. Maria I	Maria Ferreira da Costa	1972
Cortador de prata estilo D. Maria I	Maria Ferreira da Costa	1972
Tampa de saboneteira em prata tendo na parte superior motivos geométricos retângulos em linhas paralelas bem como no canto inferior direito elementos formais. Estilo transição entre Arte-Nouveau / Deco (?) Marca 800. Um animal não identificado, uma meia lua e uma corsa.	Maria Ferreira da Costa	1972

¹⁵ Termo em francês para camareira. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/frances-portugues/traducao/femme+de+chambre.html> Acesso em 26 de abril 2024

Lixa metálica para unhas. Cabo em prata, decoração com motivos geométricos (linhas retas) Acompanhando o feitio do cabo ao centro elemento florais.	Maria Ferreira da Costa	1972
Abotoador para calçado cabo em prata, decorada com motivos vegetais, flores e folhas. Marca gravada no cabo e na haste, leão passante, pinheiro e folhas de videira	Maria Ferreira da Costa	1972
Cortador, com cabo em prata decorado com motivos vegetais, flores e folhas, sendo que as últimas formam uma espécie de medalha. Lâmina em aço, marca 800 no cabo.	Maria Ferreira da Costa	1972
Cabo idêntico sem lâmina	Maria Ferreira da Costa	1972
Alicate para unha em aço. Marca "NOGENT", em um dos lados e do outro 3 roses [?]	Maria Ferreira da Costa	1972
Espátula para papel, provavelmente em osso; cortador com a inscrição "Lembrança da Bahia" punho terminando em formato de "figa"	Maria Ferreira da Costa	1972
Cortador com cabo em madrepérola com decoração em motivos florais	Maria Ferreira da Costa	1972
Lápis/ estojo em prata tendo na ponta uma argola. Marca "Laurent-Paris". Na parte superior que dá altura ao lápis, inscrito em um losango um animal não identificado.	Maria Ferreira da Costa	1972
Afastador de cutículas. Peça metálica tendo ao centro um engaste em marfim.	Maria Ferreira da Costa	1972
Afastador de cutículas (em galalite esverdeada)	Maria Ferreira da Costa	1972
Lixa metálica para unhas. Cabo em prata, decoração com motivos geométricos (linhas retas) Acompanhando o feitio do cabo ao centro elemento florais.	Maria Ferreira da Costa	1972
Alfinete para chapéu em material plástico de cor preta com decoração em partes cravejadas com pedras brancas	Maria Ferreira da Costa	1972
Alfinete para chapéu com conta de vidro branco leitoso	Maria Ferreira da Costa	1972
Um colar em contas de cristal nas cores branco e preta, intercaladas, formatos variados das contas	Maria Ferreira da Costa	1972
Colar em contas de cristal roxo, tendo o acabamento das contas em tulipas douradas e intercalada contas menores douradas e pretas	Maria Ferreira da Costa	1972
Fivela em metal com decoração em "strass" e galalite da cor preta	Maria Ferreira da Costa	1972
Fivela de metal com incrustação de 10 (dez) pedras roxas em cristal-formato oval	Maria Ferreira da Costa	1972
Cálice "lava-olho" em vidro branco transparente. Marca W.T.C.O	Maria Ferreira da Costa	1972

Caixa de madeira "Porta-jóia" com aplicação de folhas decoradas, em metal dourado. Tampa com centro de decoração interior, mobiliário ingles _ Inscrição "Première invitation" Marca: a la Marquise de Surgné - France - na parte continuação interior da tampa ao centro.	Maria Costa	Ferreira da	1972
Adorno de parede constando de uma concha marinha com a face de madrepérola aparente	Maria Costa	Ferreira da	1972
Estojo para grampo e pinos em madeira sendo a tampa pintada à mão com motivos vegetais e inscrição na parte superior esquerda "BRIDES les BAINS"	Maria Costa	Ferreira da	1972
Termômetro marca Taylor - 3496 B4	Maria Costa	Ferreira da	1972
Seringa de vidro para injeção de marca PHILA, para 2 cm (ind. Argentina)	Maria Costa	Ferreira da	1972
Embolo de vidro para injeção de marca PHILA (ind. Arg.)	Maria Costa	Ferreira da	1972
Agulha para injeção com protetor em metal cromado	Maria Costa	Ferreira da	1972
Estojo para seringa e agulha de injeção com tampa em metal	Maria Costa	Ferreira da	1972
Tampa de estojo para seringa em metal cromado na parte superior da qual está marca "ESPA"	Maria Costa	Ferreira da	1972
Panela tipo caçarola em alumínio	Maria Costa	Ferreira da	1972
tampa circular em alumínio com puxador de madeira	Maria Costa	Ferreira da	1972
Colher de sopa marca EBERLE aço-níquel	Maria Costa	Ferreira da	1972
Par de óculos com lentes de grau com armação em galalite amarelo, lentes brancas	Maria Costa	Ferreira da	1972
Estojo em cor marrom-gravata "Optica Alvens R. Buenos Aires, 82, Rio de Janeiro"	Maria Costa	Ferreira da	1972
Estojo em couro verde-escuro, contendo espelho, pente em osso, escova para unhas, tendo gravado em dourado de um lado: "Lembrança" e do outro "Duprat Cia. São Paulo"	Maria Costa	Ferreira da	1972
Pente em osso amarelo	Maria Costa	Ferreira da	1972
Escova para unhas com dorso, em material imitando tartaruga	Maria Costa	Ferreira da	1972
"Clips" para roupa feminina em galalite negra, tendo detalhe em metal prateado	Maria Costa	Ferreira da	1972
"Clips" para roupa feminina em galalite amarela transparente, decorado com peças metálicas, na parte superior e incrustadas no galalite (losango)	Maria Costa	Ferreira da	1972
"Lorgnon" dobrável em metal prateado, lentes arredondadas acompanhada de estojo	Maria Costa	Ferreira da	1972
Estojo escuro marrom, tendo gravado "Lutz Ferrando e Cia - Rua do Ouvidor 88. Rio"	Maria Costa	Ferreira da	1972
Vidro, utilizado provavelmente para mercúrio cromo. Tampa em borracha dotada de dispositivos para aplicação do remédio	Maria Costa	Ferreira da	1972

Embora à primeira vista pareçam dispersos, os itens deste lote de 1972 — mesmo que poucos — são aqui apresentados de forma agrupada, na busca por revelar afinidades sutis entre eles. A presença de estojos e do lorgnon dobrável — um tipo de óculos sem hastes — sugere que este grupo se caracteriza pela portabilidade dos objetos, sobretudo pela facilidade de transporte, posto que, quando necessário, poderia servir como kit de viagem, de internação ou de uso no quarto de um enfermo em repouso.

Na Tabela 4, a seguir, estão descritos os artefatos do Lote 72 e suas respectivas localizações no acervo do MCRB. Destacamos os itens utilizando uma legenda para orientar a identificação. Para cada função uma cor foi estabelecida: oração (amarelo), de cuidados de saúde (lilás), de administração de alimentos (verde), de higiene e toalete (azul) e de conforto pessoal e cama (rosa):

Tabela 4- Objetos doados por Maria Ferreira em 1972 e suas respectivas localizações no MCRB.

72.907A	Adorno de parede	Cozinha
72.911 ^a	Lápis achatado em estojo de metal prateado	Dreyfus - Armário I
72.912A	Espátula em osso, lâmina decorada por frisos incisados em V na ligação com o cabo	Dreyfus - Armário I
72.913 ^a	Estojo de seringa em metal prateado, de formato retangular e cantos arredondados	Dreyfus - Armário I
72.914 ^a	Cálice de lavar olho em vidro translúcido	Dreyfus - Armário I
72.915 ^a	Lorgnon em armação de metal prateado	Dreyfus - Armário I
72.916A	Óculos com armação em plástico bege e lentes arredondadas	Dreyfus - Armário I
72.917 ^a	Recipiente de remédio em vidro transparente e tampa vermelha	Dreyfus - Armário II
72.918 ^a	Colar em contas de vidro brancas transparentes e pretas	Dreyfus - Armário I
72.919 ^a	Termômetro convencional em vidro e mercúrio	Dreyfus - Armário I
72.920 ^a	Colher de sopa em metal prateado	Dreyfus - Armário I
72.921 ^a	Caixa para grampos e alfinetes, retangular em madeira	Dreyfus - Armário I
72.922 ^a	Espátula em metal e cabo de madrepérola	Dreyfus - Armário I
72.923 ^a	Alicate de unhas em metal prateado	Dreyfus - Armário I
72.924 ^a	Caixa em madeira, tendo nos quatro lados chapas de metal dourado	Dreyfus - Armário II

72.925 ^a	Panela de alumínio, redonda com duas alças opostas	Dreyfus - Armário II
72.926 ^a	Lixa de unha de metal, com parte do cabo	Dreyfus - Armário I
72.927 ^a	Afastador de cutículas, com extremidade espatulada e reta	Dreyfus - Armário I
72.928 ^a	Afastador de cutículas em galalite verde, com extremidade espatulada e retangular, côncava	Dreyfus - Armário I
72.929 ^a	Lixa de unhas em metal, com cabo de prata trabalhado com motivos fitomorfos em relevo	Dreyfus - Armário I
72.930 ^a	Abotoador em metal, ponta curva e cabo de prata	Dreyfus - Armário I
72.931 ^a	Tampa de saboneteira retangular em prata	Dreyfus - Armário I
72.932 ^a	Fivela de cinto, retangular, em metal prateado	Dreyfus - Armário I
72.933 ^a	Fivela de cinto oval, em metal prateado, composta por dez pedras violetas	Dreyfus - Armário I
72.934 ^a	Prendedor com ponta em material sintético, na cor âmbar	Dreyfus - Armário I
72.935 ^a	Prendedor em material sintético preto, composto de duas pontas interligadas por metal prateado	Dreyfus - Armário I
72.936A	Alfinete para chapéu, em vidro e metal	Dreyfus - Armário I
72.937 ^a	Alfinete em material sintético e pedras	Dreyfus - Armário I
72.938 ^a	Colar em pedras violetas, pretas e peroladas	Dreyfus - Armário I
72.939 ^a	Lixa de unhas em metal prateado e prata	Dreyfus - Armário I
72.940 ^a	Pinça com cabo decorado por folhas, flores e volutas em relevo	Dreyfus - Armário I
72.941 ^a	Espátula em metal e cabo de prata	Dreyfus - Armário I
72.942 ^a	Cabo de instrumento, de formato cilíndrico, que se afina nas extremidades	Dreyfus - Armário II
72.943 ^a	Lamparina em prata e metal prateado. Parte superior arredondada, com corte retangular para saída da chama.	Dreyfus - Armário I

Nos registros referentes aos objetos do lote 72 identificam-se diversas lacunas de informações como usuários, ano de aquisição pela família, contextos de utilização etc. Indicaremos essas lacunas no quadro prosopográfico apresentado abaixo, que foi elaborado como parte dos objetivos principais desta dissertação.

Muitos destes artefatos estão guardados em reserva técnica devido à ausência de dados adicionais que os relacionasse diretamente a outros objetos do MCRB. Este é, por exemplo, o caso do termômetro que acompanhava as roupas de Maria Augusta em 1966. Outros objetos encontram-se na cristaleira da sala de jantar, junto a pares de garfo e faca que foram musealizados em 1929. Desta forma, considera-se que essa disposição foi possivelmente determinada por razões que podem passar mais pelo tipo do artefato do que por razões contextuais.

Após a coleta e sistematização das informações, pode-se finalmente aplicar o método da prosopografia. Para isso, elaborou-se uma tabela com as categorias correspondentes às perguntas estabelecidas ao início do subitem 3.2 da dissertação. Apresenta-se, a seguir, o quadro prosopográfico resultante, bem como algumas considerações sobre ele.

Quadro 1 - Sistematização prosopográfica

Objeto	Dimensões	N. de registro	Chave contextual	Data	Local	Data de aquisição	Fabricante	Usuário	Procedência	Referência
Estojo de seringa em metal prateado, de formato retangular e cantos arredondados	Alt: 0,02m, Comp: 0,092m., Agulha: Comprimento: 0,55m.	72.913A	Maria Ferreira; Saúde; Seringa		Argentina (?)	1972			Maria Ferreira da Costa	Ficha de procedência - Livro de tombo FCRB 1966 Ficha de conjunto Reis 1980 Base de dados FCRB
Seringa de vidro para injeção	Seringa: Comprimento: 0,12m	72.913A	Maria Ferreira; Saúde; Seringa		Argentina		Phila		Maria Ferreira da Costa	Livro de tombo FCRB 1966 Base de dados FCRB

Rembolo de vidro para injeção de marca PHILA (ind. Arg.)			Maria Ferreira; Saúde; Seringa		Argentina	1972	Phila		Maria Ferreira da Costa	Livro de tombo FCRB 1966
Agulha para injeção com protetor em metal cromado			Maria Ferreira; Saúde; Seringa			1972			Maria Ferreira da Costa	Livro de tombo FCRB 1966
Cálice de lavar olho em vidro translúcido		72.914A	Maria Ferreira; Saúde			1972	W.T.C.O		Maria Ferreira da Costa	Ficha de procedência Ficha de conjunto Reis 1980 Livro de tombo FCRB 1966 REIS, 2002
Recipiente de remédio em vidro transparente e tampa vermelha		72.917A	Maria Ferreira; Saúde			1972			Maria Ferreira da Costa	Ficha de procedência Livro de tombo FCRB 1966

Termômetro convencional em vidro e mercúrio	25 cm	72.919A	Maria Ferreira; Saúde Exposição 1986			1972	Taylor - 3496 B4		Maria Ferreira da Costa	Ficha de procedência Livro de tombo FCRB 1966
Farmácia Homeopática 34 frascos	16x07	29.453A	Homeopatia; Saúde			1929		Rui Barbosa	Antonio Joaquim da Costa	Ficha museológica 1929 Livro de tombo FCRB 1966 Livro de tombo FCRB 1984
10 frascos de remédio, série de potes de vidro em estojo		29.457A até 29.466A	Saúde			1929			Adquirido junto com a casa	Ficha Museológica sem data
Termômetro em Madeira		66.890A	Saúde			1966			Maria Augusta R.B. Airosa Brooking	

Mesa de apoio para doente, Metal, cerâmica, madeira e pigmento		49.752A	Saúde; doente			1949			Espólio MARB	Base de dados Acervoscasaruibarbosa.gov
"Lorgnon" dobrável em metal prateado, lentes arredondadas acompanhada de estojo		72.915A	Maria Ferreira; óculos			1972			Maria Ferreira da Costa	Livro de tombo FCRB 1966
Par de óculos com lentes de grau com armação em galalite amarelo, lentes brancas		72.916A	Maria Ferreira; Óculos; Exposição 1986			1972			Maria Ferreira da Costa	Ficha de conjunto Reis 1980

Óculos de lentes ovais em armação fina, em ouro		66.886A			Rio de Janeiro		Tavares de Matos e Cia. Oculistas fabricantes - 129. 7 setembro.	Rui Barbosa		Ficha de conjunto Reis 1980
Óculos de lentes ovais, transparentes, montadas em armação de ouro		58.864A							Espólio Antonio Joaquim da Costa	Ficha de conjunto Reis 1980 Relatório de atividades 1958
Óculos de lentes circulares, hastes douradas e apoio para nariz em tartaruga		81.1057 A								Ficha de conjunto Reis 1980
Pincenê de lentes ovais e armação fina em ouro		29.476A								Ficha de conjunto Reis 1980

Pincenê de lentes ovais		29.477A	Exposição 1986							Ficha de conjunto Reis 1980
Pincenê de lentes ovais, azuis, ligadas por armação de metal sinuosa		29.478A								Ficha de conjunto Reis 1980
Pincenê de lentes ovais, presas por armação de metal		58.862A							Espólio Antonio Joaquim da Costa	Ficha de conjunto Reis 1980 Relatório de atividades 1958
Pincenê de lentes ovais, ligas por hastes de ouro		58.863A							Espólio Antonio Joaquim da Costa	Ficha de conjunto Reis 1980 Relatório de atividades 1958

Óculos de lentes ovais, transparentes, montadas em armação de ouro		58.864A							Espólio Antonio Joaquim da Costa	Ficha de conjunto Reis 1980 Relatório de atividades 1958
Pincenê de lentes ovais, presas por armação em ouro		66.888A								Ficha de conjunto Reis 1980
Lorgnon		51.818A								Ficha de conjunto Reis 1980
Lorgnon		72.915A								Ficha de conjunto Reis 1980
Lorgnon		81.1056 A								Ficha de conjunto Reis 1980

Funda de metal, recoberta por plástico rosa		29.448A								Ficha de conjunto Reis 1980 Ficha Museológica sem data
Funda de metal, recoberta por plástico rosa		29.449A								Ficha de conjunto Reis 1980
Bota ortopédica aberta na parte da frente		29.455A	Saúde; Exposição 1986			1929			Adquirido junto com a Casa	Ficha de conjunto Reis 1980 Ficha Museológica sem data
Conjunto de três próteses dentárias em metal, porcelana e vulcanite		29.445A								Ficha de conjunto Reis 1980
Recipiente de mercúrio cromo		72.917A								Ficha de conjunto Reis 1980

Caixa para cosmético, circular, com tampa de rosca e diâmetro maior		78.1008 A								Ficha de conjunto Reis 1980
Copo em vidro translúcido, cilíndrico, com relevo interno e boca voltada para fora		84.1084 A								Ficha de conjunto Reis 1980

Ao todo, a partir da aplicação do método prosopográfico e dos levantamentos bibliográficos, foi possível reunir 33 objetos com trajetórias contextuais semelhantes. Considera-se que cada objeto relacionado possui informações que evidenciam como o tópico “saúde” foi abordado no arquivo do MCRB. Dentro desse grupo, apenas 6 artefatos dispõem de documentação individual; sobre os demais, conforme pode ser observado na tabela, há poucas informações. O caso do termômetro 66.890, mencionado anteriormente, ilustra essa situação, pois a única referência disponível sobre ele é o número de registro, obtido por meio de buscas pelo sistema de dados dos acervos da FCRB.

A fim de sistematizar melhor as informações dos artefatos no quadro prosopográfico e consolidá-las em documentação museológica, sugere-se enquadrar esses objetos do Lote 72 em um modelo de ficha de conjunto. Este modelo foi consolidado em projetos de pesquisa anteriores a partir da união das fichas museológicas do próprio MCRB.

Adaptou-se para a presente dissertação este modelo, com o objetivo de apresentar informações que complementariam, de forma anexa, os dados da tabela. Logo, as fichas de conjunto seriam anexadas às fichas individuais dos artefatos. Assim, propõe-se apresentar um resumo contextual dos objetos, reunindo todas as fichas localizadas em um único documento. Este documento deve descrever suas materialidades, o período em que possivelmente foram utilizados, procedência e registro da data em que o documento foi produzido.

Para a construção da possível trajetória histórica e museológica dos artefatos do Lote 72, foi realizada uma pesquisa extensa entrecruzando informações disponíveis em diversos tipos de fontes. Esses dados são valiosos para justificar e contextualizar a existência desses artefatos em um Museu Casa, permitindo assim sua possível caracterização individual e coletiva por meio da produção de registros adicionais fotográficos e fichas escritas. Outro aspecto relevante é a sua valorização como testemunho de épocas e experiências passadas pela família Rui Barbosa. Por fim, espera-se que os registros — consolidados no quadro prosopográfico — e as discussões sobre o contexto dos artefatos possam se multiplicar e gerar novas pesquisas sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou reconstituir e mapear a trajetória contextual dos artefatos de medicina do Lote 72 localizados no acervo do Museu Casa de Rui Barbosa. Para isso, utilizou-se a adaptação do método prosopográfico diante de significativas lacunas de informação sobre os artefatos deste lote. Pode-se afirmar que as práticas de investigação que procuramos aplicar conciliaram uma extensa pesquisa documental, metodologias e abordagens da história oral e análises de cultura material.

O grupo de amostra utilizado na adaptação do método prosopográfico foi composto por objetos doados pela ex-funcionária da família Rui Barbosa, Maria Ferreira, em 1972. Esse conjunto é formado de itens, à priori, aleatórios e sem valor monetário. A partir do Programa de Incentivo à produção do conhecimento técnico e científico na área da Cultura (PIPC), em 2023, foi possível iniciar o estudo desses artefatos, em consonância com a celebração do centenário da morte de Rui Barbosa. A classificação “Medicina e Saúde” — proposta por Cláudia Reis — foi utilizada como uma pré-seleção para consolidar as interpretações sobre o conteúdo contextual do conjunto desses artefatos. Além disso, o acesso ao acervo do MCRB, aos funcionários e às fontes revelou-se eficiente para a reconstrução da trajetória desses artefatos.

O uso do método prosopográfico adaptado para análise de objetos possibilitou a análise coletiva dos artefatos de medicina, permitindo, com isso, a identificação de conexões entre eles e a reconstituição — ainda que, por vezes, parcial — de seus contextos sociais e históricos. Foi possível, igualmente, revisitar os processos museológicos de documentação, preservação e exposição praticados no Museu Casa de Rui Barbosa ao longo dos anos. O ponto de partida foi a classificação dos objetos de “medicina e saúde”, realizada por Claudia Reis em 1980. Em seguida, utilizou-se o livro de tombo de 1966, no qual constavam os registro de controle interno do MCRB para objetos de 1972. Por fim, as inúmeras versões de fichas museológicas e a transcrição de informações para a base de dados com lacunas, foram cotejadas com escritos de memorialistas, correspondências e documentos de outras naturezas a fim de revelar-se elementos da trajetória e contexto dos artefatos.

Deve-se também atentar aos desafios, afinal, as diversas versões de fichas museológicas e a transcrição de informações incompletas para a base de dados

evidenciam tentativas de aplicação de métodos e processos distintos ao longo do tempo. As inconsistências no livro de tombo de 1966, as perdas de informação na materialidade dos itens e as contradições verificadas na documentação museológica constituíram outros desafios para este estudo. A base digital, por exemplo, não relaciona os próprios objetos que, embora testemunhas do mesmo contexto de uso pelo patrono; somente os estabelece vínculos para os que tenham sido comprados/doados como grupo. Por outro lado, as lacunas de informações podem ser consideradas como oportunidades que abrem caminho para discussões sobre os limites e as possibilidades do campo museológico.

Para a pesquisa a respeito da cultura material do Museu Casa de Rui Barbosa, importam conjuntos contextuais tanto quanto os conjuntos mais óbvios e menos amplos, para que sejam conservados sem perderem a leitura coletiva. Assim, preservando o envelhecimento semelhante dos itens, bem como para ampliar as possibilidades museográficas, em construção de narrativas para novas mostras e instrumentos de difusão e divulgação da cultura material da família Rui Barbosa.

No desenvolvimento das etapas propostas nesta dissertação — revisão bibliográfica, coleta de dados e adaptação do método prosopográfico —, a pesquisa reforçou a aplicabilidade da prosopografia como ferramenta metodológica para a análise de coleções museológicas, especialmente naquelas com lacunas de informação. A adaptação do método permitiu consolidar uma rede de informações capaz ser utilizada como referência para preencher lacunas e oferecer uma visão mais ampla, sistêmica e integrada dos objetos estudados. A dissertação contribui, ainda, para o campo dos estudos sobre museus-casa, ao abordar desafios específicos relacionados à preservação da autenticidade, e à interpretação da memória privada para o público. Pode-se afirmar que o modelo apresentado é replicável e pode ser útil para outras instituições que lidam com acervos domésticos.

O estabelecimento de um método dedicado especificamente para esses objetos também permite compreender que o processo de musealização é, acima de tudo, um processo de seleção. Na Casa de Rui, determinados objetos — livros, mobiliário, carros e documentos — são explorados e apresentados à comunidade acadêmica como fontes inesgotáveis de conhecimento, enquanto outros, como os artefatos de medicina, permanecem à margem da narrativa oficial. Este fenômeno corrobora com a necessidade de revisão dos paradigmas museológicos estabelecidos, de modo que os objetos do

cotidiano passem a ser valorizados não apenas por seu valor estético e/ou histórico, mas também pelo seu potencial simbólico, afetivo e social.

Outra perspectiva desta dissertação que deve ser destacada refere à representação dos papéis de gênero nas práticas de cuidado e na preservação dos objetos. Ao analisar os artefatos de medicina do Museu Casa de Rui Barbosa e a trajetória de figuras como, Maria Augusta e Maria Ferreira, é possível considerar que atividades de cuidado, a história da saúde doméstica também pode ser abordada como uma história de gênero. Mesmo com a presença ativa do mordomo Antonio Joaquim da Costa, identificou-se que, em maior número, foram as mulheres que desempenharam papéis centrais na transmissão de saberes, na preservação de práticas e na mediação das relações entre o corpo, o lar e a sociedade.

Considerando o contexto atual, marcado por debates sobre decolonização, justiça social e direito à memória, torna-se necessário que os museus se posicionem como espaços mais abertos à escuta e à representação mais diversa. As ações necessárias vão além da revisão das narrativas expográficas: envolvem a reavaliação dos processos de documentação, conservação, mediação e difusão.

A trajetória dos artefatos do Lote 72 evidencia a importância do reconhecimento da contribuição de personagens muitas vezes silenciados pelos estudos, como é o caso de Maria Ferreira. Contar ao menos uma parte de sua história em uma dissertação do PPGPMUS configura-se como um avanço significativo na consolidação de uma Museologia mais inclusiva, plural e representativa.

Além disso, refletir criticamente sobre a trajetória desses objetos e sobre o papel de personagens como Maria Ferreira evidencia o quanto os museus são espaços de memória construída, na qual as narrativas são constantemente negociadas e atualizadas. Tal compreensão significa não apenas preservar os artefatos, mas também assegurar a preservação da cultura material, incorporando os saberes e as vozes dos sujeitos envolvidos em sua trajetória. Com este entendimento, é possível fortalecer uma Museologia crítica, sensível às questões sociais e comprometida com a diversidade. O exercício de analisar a memória de forma crítica é fundamental para a construção de valores para promover, sobretudo, uma sociedade mais igualitária e inclusiva. A Museologia enquanto campo de conhecimento e prática social, pode e deve assumir um papel capaz de construir discussões entre passado e presente, entre memória e identidade, entre materialidade e subjetividade.

Museus não são apenas espaços destinados à guarda de objetos; museus são espaços onde se questionam, se disputam e se perpetuam narrativas e hierarquias sociais e simbólicas. O museu é um agente ativo na construção da percepção da realidade por parte de sua população e, tal qual um espelho. Ele reflete aspectos de sua sociedade assim como a sociedade reflete narrativas elaboradas pelo museu. Ambos compõem um ecossistema que se retroalimenta. Contudo, com o tempo, as discussões externas da instituição influenciam suas narrativas e possibilitam repensar seus personagens.

Durante as pesquisas de mapeamento da trajetória contextual dos artefatos de medicina, emergiram muitas questões, a maioria sobre memória coletiva e construção da identidade nacional no final do século XIX e início do século XX. Essas questões, no entanto, ainda são atuais. Com o avanço da desigualdade social, da urbanização desenfreada e das crises ambientais a perspectiva dos discursos construídos nos museus tem mudado. A valorização das comunidades ao debater patrimônio também é uma demanda crescente, pois a sociedade moderna busca reconectar-se com as boas práticas relacionadas à natureza, à saúde e ao bem-estar, buscando cada vez mais alcançar qualidade de vida.

Lacunas são recorrentes em instituições de preservação de patrimônio cultural e adquirem relevância à medida que ilustram os procedimentos de trabalho adotados em determinado recorte temporal. A realização de pesquisas prévias a qualquer intervenção na materialidade dos itens de acervo museológico vem sendo uma prática consolidada no Núcleo de Conservação de Bens Móveis do Museu Casa de Rui Barbosa, gerando material significativo para a revisão museográfica prevista no Plano Museológico 2018-2021.

Considera-se que o objetivo proposto de mapear e caracterizar o conjunto museológico dos artefatos de medicina dentro do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa foi plenamente atingido. É legítimo, ainda, constatar que os objetos relacionados à saúde presentes no MCRB não são meramente itens isolados de um acervo doméstico de um Museu Casa. Eles refletem práticas culturais de uma família pertencente à elite carioca na virada do século XIX para o XX. Em primeira escala, revelam as relações entre saberes populares e científicos. Já em segunda escala, trazem à tona elementos para fomentar as discussões contemporâneas sobre saúde, bem-estar, cuidado e patrimonialização.

Para o futuro, a expectativa é que o MCRB adote o método proposto por esta pesquisa em outros conjuntos contextuais do acervo, de modo que as informações levantadas tenham desdobramentos na criação de novas coleções e de novas exposições. Os desdobramentos em novas pesquisas poderão expandir o recorte para os objetos associados à higiene, estabelecendo um paralelo mais completo e atualizado, fundamentado na Museologia crítica. Elas ainda podem, se possível, explorar as disputas curatoriais da época. Como citado anteriormente, as lacunas de informações em Museus são grandes desafios, mas pouco a pouco os desafios podem ser superados. As lacunas também revelam estruturas de poder, dinâmicas sociais dentro e fora do Museu e como as gerações de museólogos se organizam diante das inovações constantes no campo da Museologia.

A título de conclusão, pode-se reforçar que as discussões propostas corroboram a necessidade de constante revisão das práticas museológicas, especialmente no que diz respeito à documentação, interpretação e exposição dos itens arquivísticos. Deste modo, o presente estudo reforçou que a Museologia deve integrar abordagens interdisciplinares, como, por exemplo, a utilização do método prosopográfico, visto que ele permite articular as dimensões materiais e imateriais dos objetos, considerando seus contextos de origem, trajetórias e uso.

REFERÊNCIAS

Fontes

1. Legislação

BRASIL. Lei n. 4.943, de 6 de abril de 1966. Cria a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 7 abr. 1966.

2. Fundação Casa de Rui Barbosa

CASA DE RUY BARBOSA. *Inventários de 1929, 1930 e 1932*.

CASA DE RUY BARBOSA. *Relatórios de atividades de 1928 a 1941*.

CASA DE RUI BARBOSA. *Relatórios de atividades de 1943 a 1958*.

CASA DE RUY BARBOSA. *Inventários de 1951 e 1966*.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (FCRB). *Regimento Interno*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/a-fcrb>. Acesso em: 02 ago. 2025.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Plano museológico Museu Casa de Rui Barbosa: 2018–2021 / organização Aparecida Rangel... [et al.]*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/7274>. Acesso em: 13 abr. 2024.

3. Arquivo Rui Barbosa (SAHI)

Abaixo assinado, médicos Exmo. Sr. Conselheiro Ruy Barbosa. Arquivo Rui Barbosa, Série Correspondência, CR 366 ao CR 458/16 (1). Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&pagfis=10366>. Acesso em: 12 nov. 2024.

Barbosa, Rui. Carta de Rui, na Côrte, em 10 de agosto de 1876. SAHI, Arquivo Rui Barbosa, Série Correspondências, CR 132/2. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&pagfis=4426>. Acesso em: 19 ago. 2024.

LEAL, Aurelino. Carta a Rui Barbosa, em 27 de fevereiro de 1923. Arquivo Rui Barbosa, série Correspondência, CR765, doc29. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&id=2890802398135&pagfis=17927>. Acesso em: 11 abr. 2024.

Rio, 01 ago. 1894. Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina. Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em:

<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&pagfis=16887>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Rio, 23 set. 1894. Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina. Rio de Janeiro: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&pagfis=16895>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Rio, 27 mar. 1895. Coleção de cartas de Antonio de Araújo Ferreira Jacobina. Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&pagfis=16968>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Rodolfo. Carta a Rui Barbosa, 5 de novembro de 1887. Arquivo Rui Barbosa, Série Correspondência, CR 459 ao CR 517/1. Disponível em: <https://app.docvirt.com/arquivoruibarbosa/pageid/10544>. Acesso em: 06 out. 2024.

Tobias. Carta a Rui Barbosa, 14 de novembro de 1881. Arquivo Rui Barbosa, série correspondência, CR 976 ao CR 10702. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&pagfis=22955>. Acesso em: 11 nov. 2024.

4. Periódicos

De Carlsbad. *Jornal Correio Paulistano*, São Paulo. Edição 15384 (1). Junho de 1906.

O Paiz (RJ), 2 mar. 1923, sexta-feira, p. 3. Disponível em: http://memoria.BibliotecaNacional.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pagfis=12423. Acesso em: 28 fev. 2025.

OS ÚLTIMOS momentos do conselheiro Rui Barbosa, narrados pelo confessor do Grande Brasileiro. *Revista da Semana*, ano 24, n. 11, 10 mar. 1923. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&Pesq=%22Ruy%20Barbosa%22&pagfis=4288. Acesso em: 25 mar. 2024.

OS FUNERAES do sr conselheiro Rui Barbosa. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 4.044, 5 mar. 1923. Disponível em: <https://bit.ly/3RdBYI7>. Acesso em: 28 abr. 2024.

5. Publicações de Rui Barbosa

BARBOSA, Rui. *Obras completas de Rui Barbosa*, vol. X, tomo I. Rio de Janeiro, 1883a. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&Pesq=higiene%20escolar&id=4715808644521&pagfis=7909>. Acesso em: 05 out. 2024.

BARBOSA, Rui. *Obras completas de Rui Barbosa*, vol. X, tomo III. Rio de Janeiro, 1883b. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&Pesq=higiene%20escolar&id=4715808644521&pagfis=6603>. Acesso em: 05 out. 2024.

BARBOSA, Rui. Incompetência, discurso proferido em sessão cívica. Rio de Janeiro, 28 de maio de 1917.

6. Arquivo Histórico do Museu da Justiça (MJ-RJ)

LEMONS, Corrêa; BARBOZA, Luiz. Certidão de óbito de Ruy Barbosa. Livro 27, fl. 60, n. 80. Petrópolis: Cartório Nunes de Castilho, 9 de março de 1923. Arquivo Histórico do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro (MJ-RJ).

Teses, dissertações, artigos e livros

ALMEIDA, Álea Santos de; RANGEL, Aparecida Marina de Souza. A metodologia de pesquisa e catalogação dos cômodos do *Museu Casa de Rui Barbosa. Anais do Museu Paulista*, Nova Série, v. 27, 2019, p. 1-45. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/145597/151594>. Acesso em: 05 abr. 2024.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. *O que é saúde?* [S.l.]: Editora FIOCRUZ, 2011. Disponível em: <https://fiocruz.br/livro/que-e-saude-o>. Acesso em: 28 jul. 2025.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. A arqueologia como paradigma de ciência histórica e interdisciplinar. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 94, p. 285–308, dez. 2018.

BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a Lado de Rui (1876-1923)*. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1960. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/9039>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa visto por sua esposa d. Maria Augusta e sua filha Maria Adélia. In: *Retratos de família*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. p. 41-51.

BITTENCOURT, Liberato. *Rui Barbosa: ensaio psicológico*. Rio de Janeiro: Of. Gráf. do Ginásio 28 de Setembro, 1924.

CABRAL, Ney. *Ruy e a Medicina*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1949.

COELHO, Priscilla Arigoni. Nota sobre um “discurso guarda-chuva”: museu, museologia, informação e memória. In: *XII ENANCIB: Políticas de informação para a sociedade*. 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org.). *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org.). *Conceitos-chave de museologia*. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Brasília: IBRAM/UNESCO, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000228254>. Acesso em: 25 jul. 2025.

- GREGOROVÁ, A. *Museology – Science or just practical museum work?* MuWoP, v. 1, 1980, p. 19–21. Disponível em: <https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/museological-working-papers/>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- ICOM – International Council of Museums. *Museum definition*. Paris: ICOM, 2022. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- LIMA, Joana David Caprário de. *A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional (UFRJ): formação, trajetória e utilização em contexto museológico*. 2019. 613 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- LUSTOSA, Isabel; et al. *Estudos históricos sobre Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.
- MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa: cronologia da vida e da obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 7Letras, 2021. 342 p. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/18910>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- MENSCH, P.V. *Methodological museology; or towards a theory of museum practice*. In: PEARCE, S.M. (ed.). *Objects of Knowledge*. London: The Athlone Press, 1990. p. 141–157.
- MESSEDER BALLARDO, Luciana. Documentação museológica: uma perspectiva a partir das práticas na atuação profissional. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 11, n. Especial, p. 85–98, 2022.
- NEEDELL, Jeffrey. *A Belle Époque Tropical*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PROJETO MEMÓRIA DE RUI; 1975-1997. Org. Adriana Valentim Beaklini; Aparecida Rangel; Marcia Pinheiro. *Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa*, 2024. 774 p. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/18616?show=full>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- PROWN, J.D. Mind in matter: An introduction to material culture theory and method. *Winterthur Portfolio*, v. 17, n. 1, p. 1–19, 1982. Disponível em: <https://blogs.ubc.ca/qualresearch/files/2010/09/Mind-in-Matter.pdf>. Acesso em: 02 maio 2025.
- RANGEL, Aparecida Marina de Souza; SILVA, Jessica Maria da; RANGEL, Marcio Ferreira; SOUSA, Gabriela Lúcio de; FERREIRA, Márcia Pinheiro; GRANATO, Marcus. O luto de Maria Augusta: um conjunto de objetos em estudo no *Museu Casa de Rui Barbosa*. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 33, p. e6 (1-31), 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-02672025v33e6>. Acesso em: 02 ago. 2025.
- RANGEL, Aparecida Marina de Souza. *Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado*. Rio de Janeiro, 2015. 254 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,

2015. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17822>. Acesso em: 30 abr. 2024.

REIS, Claudia Barbosa. *Saúde, higiene e toalete*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. v. 01. 44 p.

ROHDEN, F. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. [S.l.]: Editora FIOCRUZ, 2001.

SCARPELINE, Rosaelena. *Lugar de morada como lugar de memória: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa - RJ*. 2009. 382 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1610303>. Acesso em: 8 mai. 2024.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Cultura material e Museologia: considerações. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, p. 17–48, 2015.

SOARES, B.C.B.; SCHEINER, T.C.M. A chama interna: museu e patrimônio na diversidade e na identificação. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: [link não fornecido]. Acesso em: 17 jul. 2024.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção de conhecimento. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de N.M. (Org.). *Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 61–82.

VERBOKEN, Koenraad; CARLIER, Myriam; DUMOLYN, Jan. A short manual to the art of prosopography. In: KEATS-ROHAN, Katherine S.B. (ed.). *Prosopography Approaches and Applications: A Handbook*. Oxford: Prosopographica et Genealogica, 2007.

APÊNDICE

Apêndice I

Tabela 5 – Funcionários da Família Rui Barbosa que residiam/Frequentaram a casa da Rua São Clemente

Nome do funcionário	Função e características	Referência
Sérgio	Responsável pela casa de São Clemente enquanto a família estava em Londres (se reportava a Carlos Viana Bandeira)	Bandeira 1960
José Lucas	Responsável pela casa de São Clemente enquanto a família estava em Londres (se reportava a Carlos Viana Bandeira)	Bandeira 1960
Miss Santos	“Nurse” esteve com a família durante o exílio na Inglaterra e veio para o Brasil para cuidar de João Rui Barbosa	Bandeira 1960
Anny Jered	“Nurse” esteve com a família durante o exílio na Inglaterra e veio para o Brasil para cuidar de Maria Luisa (Baby)	Magalhães 2013
Sérgio	Cozinheiro, tinha um ajudante	Magalhães 2013
João	Copeiro, tinha um auxiliar	Magalhães 2013
Antônio	descrito como chefe	Magalhães 2013
Luís	“Homem de confiança entre os servidores da casa”	Magalhães 2013
Luciano Carneiro	Cocheiro	Magalhães 2013; Bandeira 1960; Costa, 1949
Benito	Empregado doméstico	Magalhães 2013

Alípio	Cocheiro que substituiu Luciano	Magalhães 2013
Emília	Governanta	Magalhães 2013; Bandeira 1960; Costa, 1949; Projeto memória de Rui 2024
Maria Ferreira	Funcionária pessoal de Maria Augusta	Magalhães 2013; Bandeira 1960; Costa, 1949; Projeto memória de Rui 2024
Georgina	Empregada doméstica	Projeto memória de Rui 2024
Genoveva	Empregada da Casa, sobrinha de Maria Ferreira	Projeto memória de Rui 2024
Antonio Joaquim da Costa	Funcionário pessoal de Rui Barbosa	Magalhães 2013; Bandeira 1960; Costa, 1949; Projeto memória de Rui 2024
Bittencourt	Barbeiro de Rui e homeopata	Bandeira 1960
Azeredo	Substituto de Bittencourt na função de Barbeiro de Rui.	Bandeira 1960

Apêndice II

Ficha técnica de conjunto Museu Casa de Rui Barbosa

- 1- **Título do conjunto:** Saúde
- 2- **Resumo contextual do conjunto:**

O estudo dos artefatos médicos do Museu Casa de Rui Barbosa, especialmente dos objetos doados por Genoveva, sobrinha de Maria Ferreira, ex -funcionária de Maria Augusta Rui Barbosa, visa contribuir com uma abordagem ainda pouco explorada sobre a Família Rui Barbosa. Claudia Reis foi pioneira nesse tipo de análise sobre os membros que compõem o eixo familiar dos Rui Barbosa com sua publicação *Saúde, Higiene e Toalete: Estudo do Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa*. Juntamente com *Rui Barbosa: Cronologia da Vida e da Obra*, de Rejane Magalhães. De acordo com o levantamento realizado em cartas, publicações, livros de tombo e fichas museológicas, os artefatos de medicina do Museu Casa de Rui Barbosa possivelmente foram utilizados entre 1906 a 1923.

Na linha do tempo de Rejane Magalhães o membro da família que tem mais citações de enfermidades é Rui Barbosa com 13 momentos de recolhimento. Para a reconstrução da trajetória dos artefatos de medicina do Museu Casa de Rui Barbosa foram reunidos documentos sobre os episódios que Rejane identificou que estão presentes no Capítulo II desta dissertação. Para a cronologia, a autora consultou notícias e cartas de/para Rui, para esta pesquisa foram consultadas as referências de Rejane em busca das cartas e notícias citadas. Também foi realizado um levantamento nos seguintes sistemas de bases de dados como: Acervos Casa de Rui Barbosa no Sophia, Arquivo Rui Barbosa online no Doc pró, Repositório Rui Barbosa de informações culturais (RUBI), Obras completas de Rui Barbosa e na Série documentos pessoais do antigo site do Museu. Ao cruzar as informações presentes nas publicações citadas e na documentação Museológica é possível compreender o contexto histórico e institucional dos objetos citados.

3 - Chaves contextuais: Doente; Homeopatia; Maria Ferreira; Óculos; Seringa; Saúde;

4 - Coleção: Coleção Rui Barbosa (CRB) A**5 - Procedência (s):** 1929, 1949,1958, 1966,1972**6 - Número de objetos:** 33**7-Suportes:** Couro, Gesso, Papel, Metal, Vidro**9- Lista de objetos**

N de registro: 72.913A- Estojo de seringa em metal prateado, de formato retangular e cantos arredondados

N de registro: Não localizado - Seringa de vidro para injeção

N de registro: Não localizado - Rembolo de vidro para injeção de marca PHILA (ind. Arg.)

N de registro: Não localizado - Agulha para injeção com protetor em metal cromado

N de registro: 72.914A- Cálice de lavar olho em vidro translúcido

N de registro: 72.917A - Recipiente de remédio em vidro transparente e tampa vermelha

N de registro: 72.919A -Termômetro convencional em vidro e mercúrio

N de registro: 29.453A - Farmácia Homeopática 34 frascos

N de registro: 29.457A até 29.466A 10 frascos de remédio, série de potes de vidro em estojo

N de registro: 66.890A - Termômetro em Madeira

N de registro: 49.752A Mesa de apoio para doente, metal, cerâmica, madeira e pigmento

N de registro: Não localizado - "Lorgnon" dobrável em metal prateado, lentes arredondadas acompanhada de estojo

N de registro: 72.916A- Par de óculos com lentes de grau com armação em galalite amarelo, lentes brancas

N de registro: 66.886A - Óculos de lentes ovais em armação fina, em ouro

N de registro: 58.864A- Óculos de lentes ovais, transparentes, montadas em armação de ouro

N de registro: 81.1057A- Óculos de lentes circulares, hastes douradas e apoio para nariz em tartaruga

N de registro: 29.476A - Pincenê de lentes ovais e armação fina em ouro

N de registro: 29.477A - Pincenê de lentes ovais

N de registro: 29.478A - Pincenê de lentes ovais, azuis, ligadas por armação de metal sinuosa

N de registro: 58.862A - Pincenê de lentes ovais, presas por armação de metal

N de registro: 58.863A - Pincenê de lentes ovais, ligas por hastes de ouro

N de registro: 58.864A - Óculos de lentes ovais, transparentes, montadas em armação de ouro

N de registro: 66.888A - Pincenê de lentes ovais, presas por armação em ouro

N de registro: 51.818A - Lorgnon

N de registro: 72.915A - Lorgnon

N de registro: 81.1056A - Lorgnon

N de registro: 29.448A - Funda de metal, recoberta por plástico rosa

N de registro: 29.449A - Funda de metal, recoberta por plástico rosa

N de registro: 29.455A - Bota ortopédica aberta na parte da frente

N de registro: 29.445A - Conjunto de três próteses dentárias em metal, porcelana e vulcanite

N de registro: 72.917A - Recipiente de mercúrio cromo

N de registro: 78.1008A - Caixa para cosmético, circular, com tampa de rosca e diâmetro maior

N de registro: 84.1084A- Copo em vidro translúcido, cilíndrico, com relevo interno e boca voltada para fora

10 -Observações: Não foram encontradas fichas de todos os objetos selecionados; Objeto 29.476A Pincenê de lentes ovais e armação fina em ouro no inventário sem data que conclui com uma declaração de 12.12.1990, consta a informação de que foi emprestado ao museu da ANM: "ver livro de ata do Museu em 11/04/75"

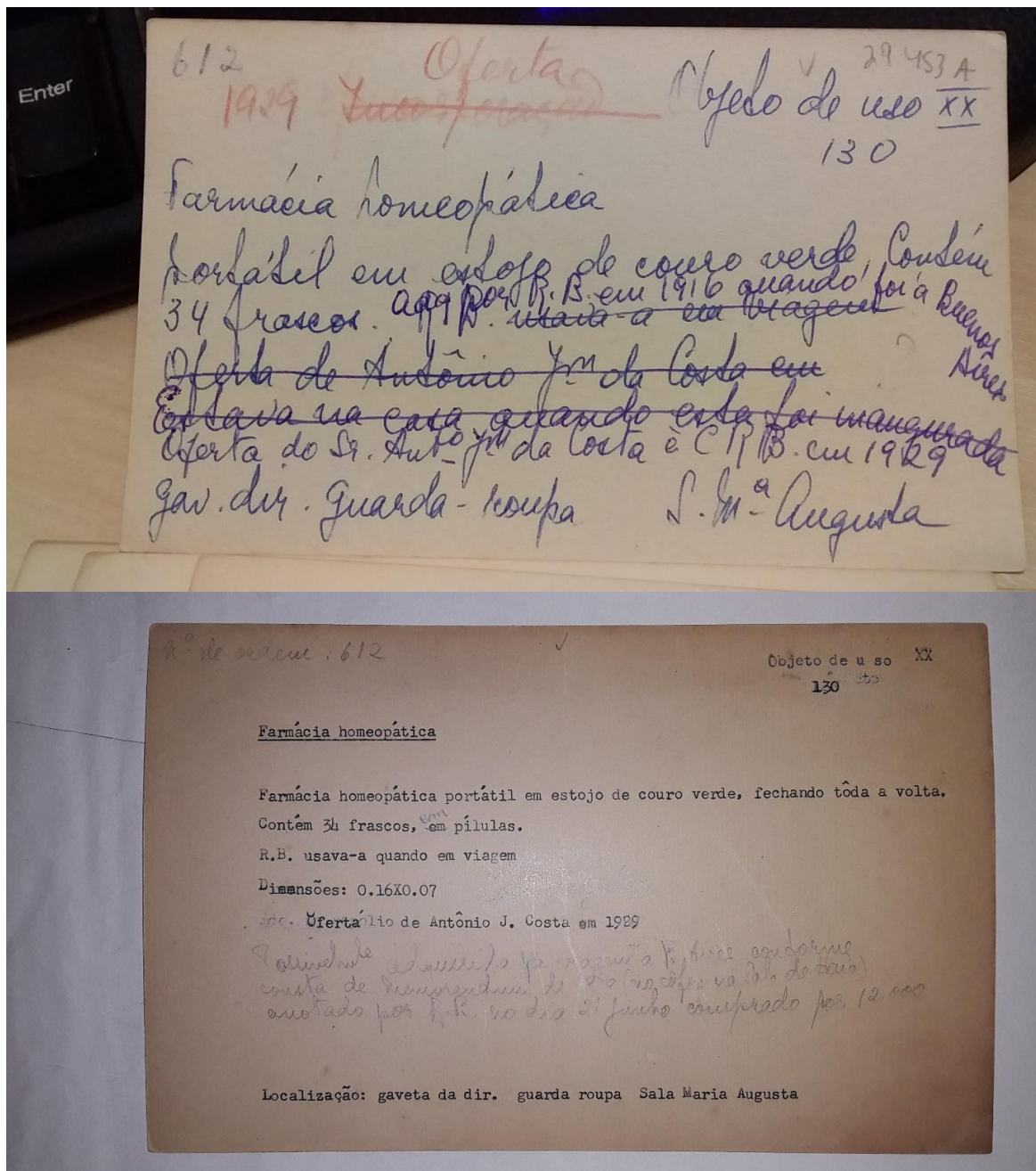
11-Profissional responsável e data:

Jessica Maria da Silva

Colaboração: Marcia Pinheiro Ferreira

30/05/2025

12- Fichas museológicas dos objetos relacionados:



Nº de ordem 1542

OBJETO DE USO XX 166 A

Termômetro

335

Termômetro em madeira sem pintura ou verniz, coluna de vidro dentro dessa armação de madeira

Mede 25 cm *Cous regular*

Bom estado

Hereta de Maria Augusta Rui Barbosa Airosa Brooking, em junho 1966

Localização: gaveta dir. armário Sala Maria Augusta

Sala Casamento Religiosa

Nº de ordem: 6242633

Objeto de uso XX

10 Potes

Série de potes de vidro em estojo.

~~152 a 161~~
152 a 161

Vidros simples postos em estojos redondos, com tampa, em madeira clara. Ao todo: 10

Alt. 0.21 1/2, todo redondo, sem pote de vidro dentro

0.19

"

0.16

"

0.20

"

0.15

"

0.23

com vidro dentro

0.25

"

0.14

"

0.18

"

0.29

estojo de madeira escura

Estavam na casa quando esta foi adquirida em 1929

Cous. Lou

Localização: guarda-roupa

Sala Casamento Civil

Enter

624 a 633

1929. Incorporação Objeto de uso XX
152 a 161

Potes

10 potes de vidro em estogo, de madeira
clara, com TampaEstavam na casa quando esta foi inaugu-
rada

Guarda-roupa P. Casamento Civil

PEÇA: Recipiente/mad. Localiz. Sala Cas. Civil

Nº GERAL ORDEM: 0839

CÓDIGO DA COLEÇÃO: CRB

Nº REGISTRO:

CATEGORIA: CRJ/USO

MODO AQUISIÇÃO: Incorporado

PROCEDENCIA: Já na casa

DATA: 1929

VALOR:

CONSERV: Reg:

DIM: Alt: 21

Bom

Comp:

Diâm Larg: 8,5

REFERÊNCIAS: (docum.)

OBSERV:

PEÇA: Recipiente/mad. Localiz. Sala C-s. Civil
Nº GERAL ORDEM: 0840

Nº REGISTRO:

CÓDIGO DA COLEÇÃO: CIB

CATEG: OBJ/USC

MODO AQUISIÇÃO Incorporado

PROCEDÊNCIA: Já na casa

DATA: 1929

VALOR:

CONSERV: Reg:

DIM: 1t: 13,3

Comp:

Alt: 6,5

REFERENCIAS: (docum.)

OBSERV: Rachado
Contém frasco de vidro

PEÇA: Recipiente/mad. LOCALIZ: Sala Cas. Civil
Na GERAL ORDEN 0842

Na REGISTRO:

CÓDIGO DA COLEÇÃO: CRB

CATEG: OBJ/USO

MODO AQUISIÇÃO: Incorporado

PROCEDÊNCIA: Já na casa

DATA: 1929

VALOR:

CONSERVAÇÃO: Reg:

DIM: Alt: 19

Comp:

Diâm Larg: 7,8

REFERENCIAS: (docum.)

OBSERV: Rachado e quebrado

PEÇA: Recipiente/mad. LOCALIZ: Sala Cas. Civil
Nº GERAL CDEM: 0843
Nº REGISTRO:
CÓDIGO DA COLEÇÃO: CRB
CATEGORIA: OBJ/USO
MODO AQUISIÇÃO: Incorporado
PROCEDÊNCIA: Já na casa
DATA: 1929 VALOR:
CONSERVAÇÃO: Reg: DIM: Alt: 23,3
Comp:
Diâm: Larg: 8,8

REFERENCIAS.(docum.)

OBSERV: Contém frasco de vidro

PEÇA: Recipiente/mad. LOCALIZ: Sala Cas. Civil
Nº GERAL ORDEM. 0844

Nº REGISTRO:

CÓDIGO DA COLEÇÃO: ORB

CATEGORIA: OBJ/USO

MODO AQUISIÇÃO: Já na casa

DATA: 1929

CONSERVAÇÃO: Reg.

Bon

VALOR:

DIM: Alt: 17,5

Comp:

Diâm. Larg: 7,8

REFERÊNCIAS: (docum.)

OBSERV: Contém frasco de vidro

LOCALIZ: Sala Cas. Civil
PEÇA: Recipiente de Mad. c/ tampa
Nº GERAL ORDEN: 0845
Nº REGISTRO:
CÓDIGO DA COLEÇÃO: CNE
CATEGORIA: OBJ/USO
MODO AQUISIÇÃO: Incorporado
PROCEDÊNCIA: Já na casa
DATA: 1922 VALOR:
CONSERVAÇÃO: Bom
DIMENSÕES. Alt: 29
Comp
Diâm Larg: 11,5(diâm)

REFERÊNCIAS: (docum.)

OBSERV: Contém Frasco de vidro

PEÇA: Recipiente/mad. LOCALIZ: Sala Cas. Civil
 Nº GERAL ORDEN: 0846
 Nº REGISTRO:
 CÓDIGO DA COLEÇÃO: CRB
 CATEGORIA: OB/USO
 MODO AQUISIÇÃO: INCORPORADOO
 PROCEDÊNCIA: já na casa
 DATA: 1929 VALOR:
 CONSERVAÇÃO : Reg. DIM: Alt: 15,3
 BOM Comp:
 Diâm. Larg: 5,7

REFERENCIAS: (docum.)

OBSERV:

Nº de ordem: 615 ✓

(302) Objeto de uso XX
133

Goteira

Goteira em gesso que serviu para a perna quebrada de Rui Barbosa em 9 setembro 1915

Estava na casa quando esta foi inaugurada - 1929

Cous. regular

Localização: guarda-roupa da esq. Sala Casamento Civil

Nº de ordem: 613 e 614 ✓

(301) Objeto de uso XX
131, 132

Far de fundas ou Tira-bragal

Objeto próprio para quebradura, ou hérnia intestinal

Estava na casa quando esta foi inaugurada (com Sr. Antônio) 1929

Cous. boa

Localização: gaveta do lavatório. Sala Casamento Civil

FOTOGRAFIA OU ESQUEMA		CARACTERES DESCRITIVOS
Tratamento sob o n.º 1444 Categoria: Objeto de uso XX - 146 Data: Julho de 1969 Conservador: <i>Barbosa</i> out 69		OBJETO DE USO Objeto: Pinnacola Material: prata e vidro Descrição: Pinnacola com armação em prata em estilo antigo de enfiar. Processo de lentes oblongas, em vidro lustrado. No meio das lentes, há uma peça de prata, com uma ponta de vidro, que serve de apoio ao nariz. A parte superior da lente, que serve de apoio ao nariz, é feita de vidro, com uma ponta de vidro, que serve de apoio ao nariz. A parte inferior da lente, que serve de apoio ao nariz, é feita de vidro, com uma ponta de vidro, que serve de apoio ao nariz. Lentes oblongas. Do meio das lentes, há uma peça de prata, com uma ponta de vidro, que serve de apoio ao nariz. A parte superior da lente, que serve de apoio ao nariz, é feita de vidro, com uma ponta de vidro, que serve de apoio ao nariz. A parte inferior da lente, que serve de apoio ao nariz, é feita de vidro, com uma ponta de vidro, que serve de apoio ao nariz.

ANEXOS

ANEXO I

Família Rui Barbosa

Rui Barbosa – Salvador BA - 5/11/1849 + Petrópolis – RJ -1/03/1923

Maria Augusta Viana Bandeira Rui Barbosa – Salvador BA 23/10/1855 +RJ 27/04/1948

Casamento em Salvador BA 23/11/1876

Filhos

F 1) Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira – Salvador 2/06/1878 + RJ 24/06/1953

F 2) Alfredo Rui Barbosa – RJ 10/06/1879 + RJ 9/06/1939

F 3) Francisca Rui Barbosa Airosa –RJ 12/06/1880 + RJ 16/05/1965

F 4) João Rui Barbosa – RJ 14/01/1890 + RJ 8/11/1947

F 5) Maria Luisa Vitória Rui Barbosa Guerra – Londres (Inglaterra) – 12/11/1894 + RJ 15/01/1985

.....

F 1) Maria Adélia casou-se com Antonio Batista Pereira –Pelotas RS 16/10/1879 + SP 20/07/1960

(casaram-se em julho de 1908)

Filhos

N 1) Maria Adélia Rui Barbosa Batista Pereira (Delita)

N 2) Rui Barbosa Batista Pereira casou-se com Cecília Carmem Vidigal

Batista Pereira

Bn 1): Gastão Vidigal batista Pereira 1º casamento: Gilda Lobo

Tn 1) Edgar Lobo Batista Pereira

Tn 2) Gisela Lobo Batista Pereira

2º casamento: Beatriz Galvão de Sousa Dantas Forbes Batista Pereira

Bn 2): Cecília

Bn 3): Maria Adélia Batista Pereira casada com Germano Fehr Neto

Tn 3) Germano Batista Pereira Fehr

Bn 4): Rui

N 3) Stella Maria Rui Barbosa Batista Pereira

N 4) Lucila Maria Rui Barbosa Batista Pereira (Irmã Ana de Lourdes)

N 5) Antonio Batista Pereira Filho casou-se com Sonia Góis Rui Barbosa Batista Pereira

Bn 5): Stella Batista Pereira Reusinger casou-se com Jarbas Reusinger

Tn 4) Ana Luisa casou-se com Luis Fernando Ackmann

Qn 1) Daniel

Tn 5) Ana Cristina

Tn 6) Roberto casou-se com Lucimar

Qn 2) Carolina

Qn 3) Luisa

N 6) Paulo Augusto Rui Barbosa Batista Pereira casou-se com Maria Isabel Galvão Bueno

Rui Barbosa Batista Pereira

Bn 6): Maria Augusta

Bn 7): Lucila

Bn 8): Regina

F 2) Alfredo Rui Barbosa casou-se com Marina Braga Rui Barbosa (faleceu em 04/10/1943)

Filhos

N7) Armando Braga Rui Barbosa 1º casamento: Olga do Couto Rui Barbosa

2º casamento: Iolette Soares de Miranda

Bn 9) Marina Rui Barbosa casou-se com Paulo Marcos Saraiva Soutinho

Tn 7) Paulo Ruy Barbosa Soutinho casou-se com Geoconda Souza

Qn 4) Marina Ruy Barbosa

N 8) Rui Barbosa Neto casou-se com Irene Belfort Valadão Rui Barbosa

Bn 10) Alfredo Ruy Barbosa casou-se com Mabel de Paula Ruy Barbosa

Tn 8) Fernando

Qn5) Vitor Muller Ruy Barbosa

Qn6) Júlia Muller Ruy Barbosa

Tn 9) Alexandre

Qn 7) Gabriele Pereira Ruy Barbosa

N 9) Maria de Lourdes Rui Barbosa Monte (Lurdinha) casou-se com Otávio Pimentel do Monte

Bn 11) Diana Rui Barbosa Monte

N 10) Maria Luisa Rui Barbosa Leite (Isinha) casou-se com Antonio Ático de Sousa Monte

Bn 12): Sonia Rui Barbosa Leite Garcia Roja casou-se com Hernani Garcia Roja

Tn 10) Marta Garcia Roja de Abreu

Qn 8) Rafaela

Qn 9) Gabriel

Qn 10) Raquel

F 3) Francisca Ruy Barbosa Airosa casou-se com Raul Antônio Airosa (casaram-se em 1/09/1900)

Filhos

N 11) Raul Ruy Barbosa Airosa 1º casamento: Maria Boa Vista Airosa

Bn 13): Maria Beatriz Airosa Pena e Costa casada com Arnaldo Pena e Costa

Tn 11): Maria Inês casada com Hélio Smolentzov

Qn 11) Paula

Qn 12) Daniel

Tn 12) Alice casada com Raul Pedreira

Qn 13) Francisco

Tn 13) Teresa casada com Flávio Reis

Qn 14) Luisa

Tn 14) Pedro Paulo 1º casamento Paula Matos Peixoto Lacombe

Qn 15) Mariah Lacombe Pena e Costa

2º casamento Jane Eyre Dias de Sousa

Qn 16) Bárbara Dias de Sousa Pena e Costa

Tn 15) Cecil Roberto casado com Juliana Murari Pena e Costa

Qn 17) Bueno Cesare

Qn 18) Bernardo Cesare

Qn 19) Branca Antonia

2º casamento: Nádia Airosa

Bn 14): Anik Airosa Pradines casada com Alain Pradines

Tn 16) Sofia Airosa Pradines

N 12) Maria Augusta Rui Barbosa Airosa Brooking casou-se com Carlos Brooking

F 4) João Rui Barbosa

1º casamento: Hermengarda Helena Valentim Rui Barbosa

N 13) João Valentim Rui Barbosa